

**ROCHA
VIEIRA
DECLARA
AO "DL"**

MDP: cinco notas sobre um debate interno
Um artigo de Mário Casquilho Pág.3

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 137

Quinta-feira, 14 de Agosto de 1986

Preço 40\$00



**Autonomia
deve ser
conseguida
pela
positiva**

Pág. 6

RFA deu pelo menos 350 mil contos **CAVACO PREPARA** **NOVAS ELEIÇÕES**

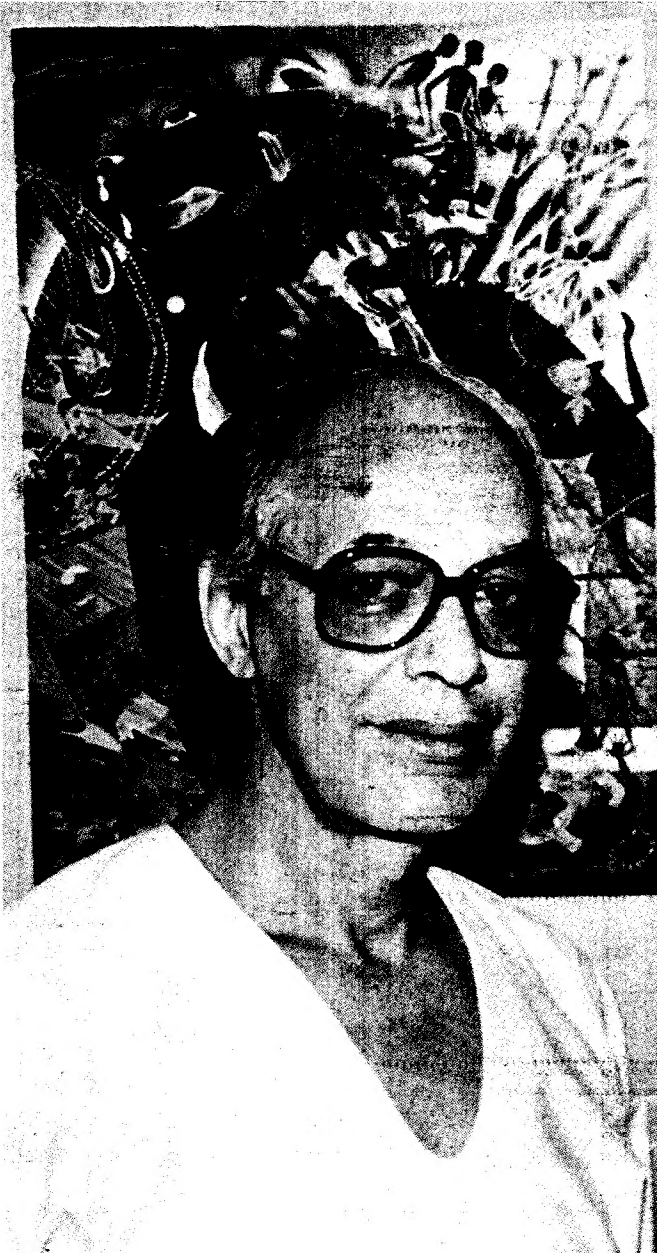
Cavaco poderá fazer no domingo, no discurso do Pontal, a ameaça de eleições antecipadas, provavelmente «apoiado» nos 350 mil contos que conseguiu na sua viagem à RFA, onde estreitou contactos com a Fundação Naumann. Uma posição contrária, ao que se sabe, à do Presidente da República, na mensagem que lerá, no sábado, ao chegar a Lisboa, a bordo da «Sagres»: há dinheiro e mar para um bom governar.

pág. 6

Soares, da "Sagres", faz "aviso à navegação"

Hoje no Ler e Escrever

António Domingues termina as dez pinturas da Sagrada Esperança



A União dos Escritores Angolanos e o Banco Nacional de Angola vão lançar uma edição monumental da «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto, ilustrada por dez pinturas de António Domingues. O pintor conta ao Ler/Escrever como «mergulhou» na poesia de Neto para se dedicar a este trabalho, que o ocupou durante cerca de um ano.

FEDERICA MONTSENY:

a primeira mulher ministro da Europa

J. Arcadio Velasco

Exclusivo Efe/«DL»

Tem 81 anos e desde há algum tempo, talvez pelas agruras porque tem passado, começa a ter cabelos brancos. Está um pouco coxa, meio cega e anda de cadeiras de rodas. É Federica Montseny Mañé, «La Leona», a primeira mulher ministro da Europa.

Nasceu em Madrid, «por casualidade», e desde pequena viveu um ambiente de plena liberdade, tendo acesso à biblioteca de seus pais e escolhendo ela própria as suas leituras. O seu pai era José Montseny Carret, um polémico anarquista mais conhecido pelo nome de Federico Urales: a sua mãe, Teresa Mañé, era uma feminista libertária que usava o pseudónimo de Soledad Gustavo. Devido ao seu activismo político contra o estado, ambos sofreram perseguições, processos, prisões e desterramentos.

Com este ambiente familiar, não é de estranhar que Federica se assumisse rapidamente da moral libertária. Um dos factores que mais a influenciaram foi, segundo nos diz ela própria, a repressão de Andio y Arlequi: «É incrível a impressão que me provocou, aos 16 anos, ver como se matavam pessoas por terem um cartão da CNT, assistir às torturas da polícia, ver a morte de Ramón Ars e Sabaté. Pessoas com as quais eu havia contactado. Esse foi o imperativo para a minha entrada em acção. Por isso afirmo que a repressão não só não impede que as pessoas lutem mas, muitas vezes, estimula mais essa luta, especialmente entre a juventude.» Aos 17 anos a sua casa foi revistada pela polícia, que procurava provas que a inculpassem com o movimento anarquista. Eram os tempos da ditadura de Primo de Rivera e a CNT tinha sido dissolvida, vivendo na clandestinidade.

Nessa altura, Federica começa a colaborar em publicações anarquistas como «Solidaridade Obrera» e «Nueva Senda». A sua preparação era praticamente autodidacta já que só aos 18 anos frequenta a Faculdade de Letras da Universidade de Barcelona. Em 1927 edita o seu primeiro livro — «La Victoria», uma novela em que ela abordava o problema da liberdade feminina cuja única solução era o abandono da vida em casal. Mais tarde publica «La indo-

mable», novela autobiográfica, e «El hijo de Clara», que é uma continuação da sua primeira obra. Em 1928, quando visita o seu pai, então preso, conhece Germinal Esgleas com quem mais tarde viria a unir a sua vida.

Uma anarquista no governo

Em 6 de Novembro de 1936, em plena Guerra Civil, é eleita, pela primeira vez na história mundial, uma mulher para um cargo de ministro — Federica Montseny.

Tudo começou com uma reunião das várias forças políticas em que se acordou a constituição de um Conselho Nacional de Defesa. Largo Caballero, que se encontrava à frente da República, insistiu para que os anarquistas nomeassem 4 representantes seus para o governo. Depois de várias negociações, os anarquistas — movimento tradicionalmente antistatal e de oposição à participação em qualquer cargo público — aceitaram os seguintes cargos: Juan Peiró, Ministro da Indústria, Juan Lopez Sanchez, Ministro do Comércio, Juan Garcia Oliver, Ministro da Justiça, e Federica Montseny, Ministro da Saúde Pública.

Naquela altura ser ministro era estar em Madrid, apesar de o próprio governo, meses mais tarde, abandonar a capital. Federica ficou em Madrid, ao lado de Miaja, Margarita Nelken e Marta Huysmans, dormindo em sótãos e levando alento aos defensores da cidade. O general Miaja, quando havia problemas numa frente de combate, se era composta por socialistas enviava Margarita Nelken; se eram anarquistas, ia Federica. «Vamos p'ra frente, defender Madrid!», gritavam Federica enquanto as balas silvavam ao seu redor. Era isso ser ministro. Por vezes, ela ia até Albacete buscar armas e munições, ao arsenal comandado pelo general Pozas. Conta Federica: «Miaja mandava-me a mim com o argumento de que 'a si não lhas negam. Você é um ministro da República...» Eu tinha que ir durante a noite e voltar antes do amanhecer para que a aviação inimiga não me visse. Uma noite, quando chegámos, foi-nos dito que não nos podiam for-



Federica num comício



Federica Montseny, uma anarquista sempre na brecha

necer as armas pois o general Pozas estava a dormir. Eu disse-lhes: Acordem o general. Quando os ministros da República estão levantados, o general tem que estar também levantado.»

O seu trabalho à frente do ministério não foi tão eficaz como ela esperava. Mas as suas tentativas não foram de todo baldadas. Decretou uma lei sobre a interrupção voluntária da gravidez — antes de isso acontecer em qualquer outro país — criou infantários, escolas para educadores de infância, casas de solidariedade, casas para cegos e locais para recuperação de prostituição. Ao mesmo tempo, apadrinhou as experiências do doutor Trueta sobre a gangrena seca, que salvou muitos braços e pernas de feridos de guerra, com a ajuda do governo inglês.

O exílio

Depois da Catalunha ter sido tomada por Franco, Federica abandona Espanha, levando os seus filhos Vida, de 5 anos, e Germinal, de apenas 7 meses, juntamente com a sua mãe, muito doente, e que morreria alguns dias depois. Já em França, o

seu pai é preso por se declarar anarquista e o seu marido é levado para um campo de refugiados em Argel. Federica instalase em Paris. Com a chegada dos alemães à capital francesa, ela é presa e vai a tribunal do governo colaboracionista de Vichy, a fim de ser extraditada para Espanha. Felizmente, a extradição é negada. Federica tem 37 anos e está grávida do que será o seu último filho: Blanca.

Desde então, Federica Montseny tem vivido em Toulouse, dirigindo a revista «Espoir», porta-voz da Confederação Nacional do Trabalho, no exílio. Em 1977, regressa de França para fazer a apresentação de alguns livros seus: «El exodo: passion y muerte de espanoles en el exilio», «Conversaciones con Federica Montseny» e «Qué es el anarquismo?». As suas viagens entre Toulouse e Madrid ou Barcelona são esporádicas, mas tem sempre tempo para recordar algumas histórias: «Aqui — numa casa em Barcelona — vivia Otto, um alemão que fez parte da División Durruti. Anos depois soube que pertencia à Gestapo. Tive uma grande surpresa. A sua mulher era modista e eu costumava fazer lá alguns vestidos».

É esta a história de Federica Montseny, numa parte da história de Espanha, da história do mundo inteiro.

Capítulo IV — Victoria Kent: Directora-Geral das Prisões



MDP: cinco notas sobre um debate interno

Mário Casquilho*

I

Nova fase de um debate interno

Decidida em Setembro do ano passado uma **revisão geral** da estratégia do MDP, pressupunha-se que: após o «bloco eleitoral legislativo — autárquicas — presidenciais», os seus resultados gerais configurariam um novo contexto político-partidário e um diferente contexto institucional; que a própria dinâmica dos processos eleitorais, e a intervenção neles do MDP, clarificariam as questões internas que exigiam opções inadiáveis; que a presença de Portugal nas Comunidades Europeias, introduziria a breve trecho uma valência diferente no impacto, na sociedade portuguesa, de factores exógenos de complexa natureza.

Aberto em Março deste ano, o **debate interno sobre a estratégia do MDP**, ele assumiu, desde início, características de grande abertura.

A direcção do Partido, enquanto tal, não tomou posição sobre as questões em discussão, até agora, e não está decidido que venha a fazê-lo.

O seu papel tem sido essencialmente dinamizar o debate — coordenando a elaboração do elenco de questões e incentivando a discussão dos temas propostos: mais de cem reuniões, cerca de mil presenças, tiveram já lugar.

O debate está agora numa **nova fase**: da Organização das questões, passou-se à apresentação de teses. Organizações do Partido de Évora, de Lisboa, de Faro, de Beja, de Castelo Branco, dos Açores, de Setúbal, já apresentaram significativas propostas e moções, que constituem documentos de trabalho para o Encontro Nacional do Partido, que se deverá realizar em Novembro.

★

Conclusão geral e praticamente unânime do debate realizado até aqui: **a importância do contributo do MDP para a vida democrática portuguesa é ponto assente e a tónica é posta na forma como esse contributo pode ser dado da maneira mais eficaz.**

A natureza das questões da discussão é suficientemente importante para as que se admita que o debate termine em Congresso, sede apropriada estatutariamente para grandes opções do Partido.

Uma das moções já apresentada formaliza a proposta da sua convocação pelo Encontro Nacional previsto para Novembro.

II

Acertar o passo... sobretudo com o futuro

A questão da estratégia é entendida num sentido muito amplo: questões que têm a ver com o espaço ideológico e o espaço político próprios do MDP, com o seu projecto e com o seu programa, com a sua prática política e com o ponto baixo que atingiu a actividade organizativa, em confronto com a sua expressão exterior nos meios políticos, que o situa num ponto alto de influência política.

No ver de muitos, as dificuldades organizativas configuram uma **real crise orgânica**. Uma das moções já apresentadas afirma que «não há evolução, mudança ou mesmo progresso sem a crise... estará o Partido na oportunidade de descobrir o **inédito político viável?**».

★

(EM) Tem-se verificado que as dificuldades organizativas, se bem que assumindo causas e aspectos específicos, relevam de uma **acentuada desmobilização cívica instalada no quotidiano dos portugueses**, cuja existência tem de ser corajosamente assumida e compreendida nas suas razões profundas.

Embora atinja todos os partidos políticos, essa realidade ultrapassa o âmbito partidário e terá muito a ver com o futuro da democracia portuguesa numa sociedade em transformação que comporta perigos e desafios que podemos conceber mas dificilmente imaginar.

Do lado das causas imediatas e específicas do tipo partidário que explicam este debate, reconhece-se a necessidade de acertar o passo com o presente e sobretudo com o futuro.

★

O debate instala-se numa organização em movimento e tem-se evitado que degenera em mero exercício intelectual, bloqueador da acção. Antes se pretende que estimule, ele mesmo, novos problemas e respostas novas, ainda que controversas.

O discurso de José Manuel Tengarrinha no dia 25 de Abril é um bom exemplo da integração do debate e da «praxis» do MDP.

III

Um espaço ideológico próprio

O espaço ideológico: as linhas programáticas do MDP configuram

um espaço ideológico próprio, que decorre das teses aprovadas no IV Congresso, realizado em 1981, sob o tema «Pela Democracia, para o Socialismo».

O projecto de sociedade prosseguido pelo MDP encontra aí uma formulação que a discussão travada neste debate considera válida, nos seus aspectos essenciais: **objectivos últimos a atingir**; a valorização da pessoa humana na sua plenitude, no quadro de uma sociedade organizada na base dos valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade; **via para atingir essa sociedade**: a escolha livre dos cidadãos através do voto e a empenhada participação popular em todos os planos do corpo social, no quadro do regime parlamentar pluri-partidário, em que não cabe a hegemonia de nenhum partido ou camada social.

Desde o IV Congresso (1981) que é claro para nós: uma sociedade organizada na base dos valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade é uma **democracia socialista**, em que as liberdades formais e a activa participação dos cidadãos no quotidiano da vida social andam a par com a apropriação colectiva dos principais meios de produção, com o planeamento democrático como eixo e o mercado como factor coadjuvante do desenvolvimento.

Obviamente que a ideologia decorrente do IV Congresso não se confunde com a social-democracia nem com o marxismo-leninismo o que situa o MDP fora dos espaços ideológicos do PS e do PCP.

Na sua dinâmica, constitui-se como **corrente do pensamento socialista**, no quadro mais geral das tensões de natureza ideológica que, em conexão com profundas transformações de natureza material e cultural interactuantes, atravessam a sociedade dos nossos dias.

★

Esta tese não é incontroversa no seio do MDP — alguns defendem que o seu Programa traduz, antes, uma coexistência de correntes de pensamento diversificadas, que irá colher a sua «legitimidade» nas origens do MDP como movimento, e depois partido, «unitário», residindo aí a chave da sua intervenção na vida política portuguesa.

Nesta perspectiva, o aprofundamento ideológico afastaria o MDP da sua matriz unitária, da sua vocação aglutinadora e do privilégio das acções concretas.

Uma das moções já apresentadas refere que o MDP deve ter «uma posição séria mas pragmática, pouco preocupada com as **verdades teóricas**, mas muito preocupada com a solução dos problemas que em cada momento afligem os portugueses».

Se bem que a **identidade do MDP** se não reduza ao plano da definição programática (tão importante como isso é a prática política), a questão do espaço ideológico é um dos nós do debate interno.

IV

Espaço ideológico e espaço político

Outra das moções apresentadas sublinha que, por vezes, no MDP se têm sobreposto dois conceitos que não são idênticos, o de espaço político e o de espaço ideológico.

No limite, e admitindo que se aceitasse tal sobreposição, ao MDP não restaria nunca outro papel que não fosse o de **partido aliado**, sem estratégia própria, de uma qualquer outra formação partidária (leia-se: PCP ou PS).

No documento que abriu a discussão organizada diz-se: «Exprimindo um partido, em geral, a nível político, os interesses e as aspirações de determinadas classes ou camadas sociais, têm alguns atribuído ao MDP o papel de **possível expressão política de camadas intermédias da sociedade portuguesa**».

Esta tese remonta ao III Congresso (1979), que justamente assinalara a crescente importância dessas camadas na sociedade moderna e caracterizava as diferentes áreas de pequena burguesia que concorrem, hoje, nessa designação genérica.

Os textos do IV Congresso retomam essa tese, que, aliás foi generalizadamente aceite no debate interno em curso.

★

A evidência desta tese no presente e no futuro imediato obscurece a dinâmica de transformações interactuantes na sociedade moderna (de natureza técnico-científica, sociológica, ideológica, etc.) **cujas resultante global é de natureza cultural**.

A inovação tecnológica atinge a sociedade em todos os seus domínios, e de forma totalizante — quer ao nível da produção material, quer no nível da organização social, quer nível da permeabilidade dos grupos sociais ao impacto dos meios e das técnicas de comunicação de massas.

A própria resolução técnico-científica mundializa o fenómeno: a fimunidade acabou ou está em vias de acabar. As mutações de classe, em todos os sentidos, ganharão outra qualidade.

A integração na CEE precipitará o impacto do fenómeno na sociedade portuguesa.

Tudo aponta para que o espaço político do MDP (e não só) seja,

nestas circunstâncias, um **espaço móvel**. Como possível expressão política das camadas médias da população portuguesa, o MDP terá que encarar este processo em termos **tácticos estratégicos**.

Esta é uma questão em aberto no quadro do debate, e longe de ser pacífica.

V

As «coligações» são manifestações circunstanciais

Ir às eleições sozinho, é **normal**, assim como é normal estabelecer uma coligação eleitoral que a conjuntura política aconselhe.

O MDP tem concorrido em coligação com o PCP em todas as eleições legislativas e autárquicas que se realizam desde 1976.

Como se sabe, as coligações APU para as eleições legislativas terminaram com o apuramento dos resultados e dão origem a grupos parlamentares MDP e PCP distintos e independentes, obrigados apenas a **consultas mútuas** em determinadas matérias relevantes da vida parlamentar: orçamentos do Estado, moções de confiança e de censura e programas de governo.

São numerosos os exemplos de posições diferentes tomadas pelo PCP e pelo MDP na Assembleia da República e tal tem acontecido, também em questões situadas no domínio que obriga a consultas prévias.

Para nós referirmos apenas a uma questão de momento, o MDP admite o apoio a um governo PS sozinho, como a alternativa politicamente viável ao governo de Cavaco Silva, no conjunto de soluções numericamente possíveis no quadro do actual parlamento.

Nas autarquias, a coligação tem outro carácter, permanece após os actos eleitorais, no quadro de gestão autárquica.

O IV e o V Congresso do MDP (1981 e 1984, respectivamente) deixaram em aberto o problema das coligações para as eleições legislativas, entendendo-se que qualquer decisão nesse domínio só deveria ser tomada em face das circunstâncias concretas existentes no momento.

Ir sozinho a próximas eleições legislativas, reeditar a aliança eleitoral com o PCP (admitindo obviamente que o PCP nisso estaria interessado), fazer qualquer outra aliança eleitoral — são hipóteses, todas elas, que têm sido defendidas no decurso do debate sobre a estratégia do MDP.

É consensual que as teses aprovadas no V Congresso (1984), nesta matéria, **permanecem válidas**: as coligações são **manifestações circunstanciais** da política de alianças.

Neste sentido, **a questão das coligações eleitorais é uma questão de ordem táctica e não estratégica**.

★

O debate em curso aborda o problema das coligações com grande prudência, sabendo-se, por um lado, que os custos políticos das coligações APU se tornaram óbvios e crescentes ao longo destes anos, ao nível da imagem pública do Partido, dos problemas políticos internos e das dificuldades organizativas que alimentaram.

Sabendo-se, por outro lado, que o fenómeno do voto útil contraria o voto no MDP de muitos (quantos?) política e/ou ideologicamente identificados com o Partido, falseando irremediavelmente a sua contagem de votos.

Ainda longe do seu termo esta discussão, algumas linhas de força se podem, no entanto, identificar: primeiro, seria um **grave erro político** menosprezar a alternativa do concurso isolado a eleições; segundo, que qualquer que seja a decisão, só deve ser tomada em face das **circunstâncias concretas** verificadas; terceiro, que a reedição das coligações APU (alternativa preferida por muitos, talvez a maioria) só seria admissível (incluindo para aqueles que a preferem) em **condições diferentes**; quarto, **outras coligações** são admissíveis (no quadro das conclusões do V Congresso) em condições que salvaguardem os princípios e a identidade do MDP.

Entendamo-nos sobre o termo «condições» nas legislativas (porventura também nas eleições para o Parlamento europeu) o número de eleitos e as posições nas listas assumem carácter dominante, terminando as coligações com o acto eleitoral; nas autarquias (porventura também nas eleições regionais) a componente «filosofia da coligação» e o comportamento das partes são igualmente relevantes.

A consequência lógica da primeira das linhas de força identificadas — seria grave erro político menosprezar a alternativa do concurso isolado a eleições — é que o MDP **se prepare para isso**, atento ao provável novo condicionamento legal, como se essa fosse uma decisão já assumida.

* Economista, vice-presidente do Movimento Democrático Português (M.D.P.)

Subtítulos da responsabilidade da Redacção do «DL»

Timor-Leste

Organizações de Direitos Humanos criticam Anacoreta

Duas organizações portuguesas de Defesa dos Direitos Humanos consideram terem-se registado «acções preventivas e punitivas» indonésias em Timor-Leste coincidentes com a visita do deputado Anacoreta Correia àquele território e que este não referiu no seu relatório.

A posição daquelas duas organizações — Comissão dos Direitos do Povo Maubere (CPDM) e Grupo «A Paz é possível em Timor-Leste» surge num comunicado dirigido à Imprensa em que se comenta o relatório divulgado recentemente por Anacoreta Correia.

Entre as acções citadas aquelas organizações referem nomeadamente, que a 7 de Julho (dias antes da visita de Anacoreta Correia), Monseñor José Belo protestou junto das autoridades indonésias contra o «brutal espancamento de um missionário belga», o padre Walthervan Wouwe, por militares indonésios.

O espancamento está relacionado com a recusa do clero da diocese de Dili em assistir aos cursos de formação ideológica indonésia.

Noutra acção é referida a prisão de Dili, Baucaud, e Vi-que em dezenas de timorenses nos dias anteriores a 17 de Julho (data das comemorações indonésias da integração do território), como medida de prevenção.

Em declarações à Anop o deputado Anacoreta Correia comentou que «o relatório é para apresentar à Comissão Eventual sobre Timor-Leste e não para merecer o apoio de organizações».

Aquele deputado afirmou ter citado «no relatório o incidente com o sacerdote belga», que lhe foi transmitido por monseñor Belo e que falou «inclusive com o mesmo padre em Los Palos».

«Os outros casos não confirmo nem desminto, porque não me foram transmitidos», acrescentou.

«Contrariamente aos anos anteriores, não foi permitida a presença de nenhum jornalista estrangeiro para a cobertura das cerimónias», indicam as duas organizações no comunicado.

A CPDM e o grupo «A Paz é possível em Timor-Leste», assinalam que esta tomada de posição conjunta se explica «com a autoridade de muitos anos de trabalho e de conhecimentos acumulados nesta matéria, bem como a existência de fontes informativas próprias».

«A estratégia indonésia para Timor-Leste — acrescenta o comunicado — é hoje a mesma de há dez anos atrás».

«Falhada a política do cacerre (genocídio), opta agora pela do «pão com manteiga» (conquista das almas e corações, no dizer do general indonésio Benny Murdani)».

Conceição Silva cumpriu plano antigo

Soares aplaudiu o único viajante que trepou o mastro da "Sagres"

O Presidente da República, Mário Soares, aplaudiu ontem os cinco arrojados participantes que subiram ao mastro principal da «Sagres» que navega para Lisboa.

O almirante Andrade Silva, comandante naval do continente, foi o único interveniente que foi ao cimo polacha (como é designado o ponto do mastro principal) da «Sagres» que tem mais de 45 metros de altura.

Os outros participantes — o chefe da Casa Militar de Mário Soares, general Conceição Silva, o filho do Presidente da República, João Soares, jornalista Manuel Neto, do «Diário Popular», e o tenente Madureira — ficaram pelo segundo cesto da gávea que tem 35

metros de altura.

O almirante Andrade Silva disse que há muitos anos que esta tentativa andava nos seus planos, o que não foi concretizada por não ter tido tempo.

Acrescentou que quando aluno da Escola Naval, há mais de 35 anos, subira o mastro principal da anterior «Sagres», com mais de 56 metros.

O chefe da Casa Militar do Presidente, general Conceição Silva, disse que isto foi apenas um treino para a próxima tentativa. Recordou que tem já uns quilos a mais.

Os intervenientes do «vamos subir ao mastro principal» tiveram de pedir autorização ao oficial de quarto, tenente Eusébio, para a tentativa de subir ao mastro.

Aquele oficial autorizou e mandou desligar o radar por causa das irradiações, tendo os arrojados trepadores sido acompanhados por dois marinheiros de manobras.

Mário Soares convidou ontem para almoçar com ele na sala da camarinha do comandante, onde se encontra instalado, os jornalistas que andam embarcados na «Sagres». Participou, também, no almoço, o Chefe da Casa Militar, general Conceição Silva.

Tratou-se de um encontro sem etiquetas e decorreu com

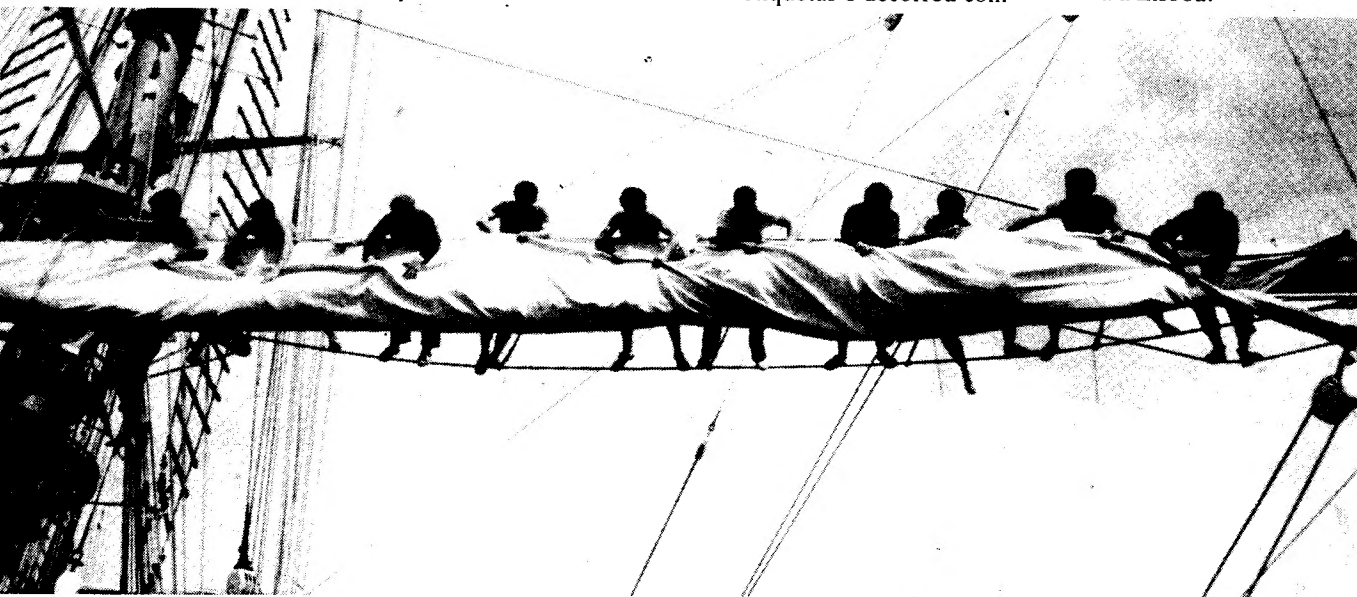
histórias animadas contadas por Fernando Pessa.

Mário Soares agradeceu aos jornalistas terem aceite o convite e deixou-se fotografar com eles na «Sagres».

O Presidente da República, que se levanta antes das 7 horas, tem procurado ocupar o seu tempo com a leitura, contacto com a guarnição e apagar alguns momentos de Sol.

A «Sagres», às 17 e 35 de ontem, navegava a 39,44 graus norte e 15 graus a oeste, com vento de 8 nós a oeste, ondulação do mar de um metro e a velocidade de 6 nós.

Faltavam apenas duzentas e oitenta e nove milhas para a «Sagres» chegar no sábado de manhã a Lisboa.



EF ESCOLA
PRÉ-UNIVERSITÁRIA
AUTÓNOMA, CRL

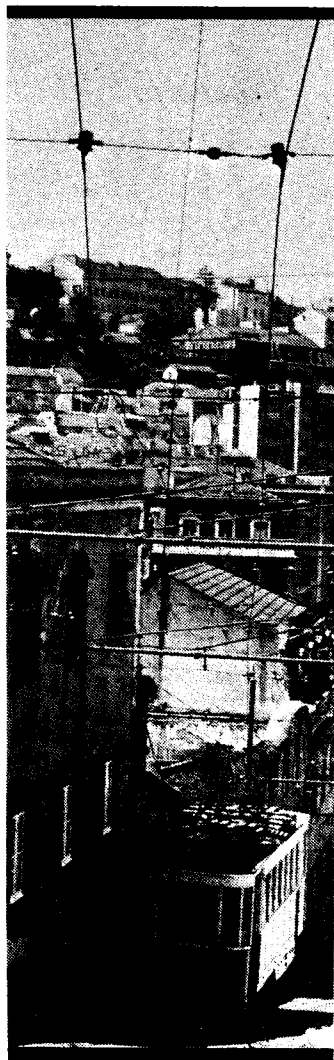
R. Pedro Nunes, 10 — 1000 LISBOA — Telef. 528036
METRO-PICOAS

CURSOS INTENSIVOS 12.º ANO — 2.ª ÉPOCA

PREPARAÇÃO PARA EXAMES OFICIAIS
E ADMISSÕES A UNIVERSIDADES PRIVADAS

Duração: 3 semanas (25/8 a 12/9)
Carga horária: 24 a 30 horas
Professores profissionalizados

INSCRIÇÕES ABERTAS



Lisboa e Algarve mais próximos

Mais dois comboios directos Diários!

A CP oferece-lhe agora mais e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.

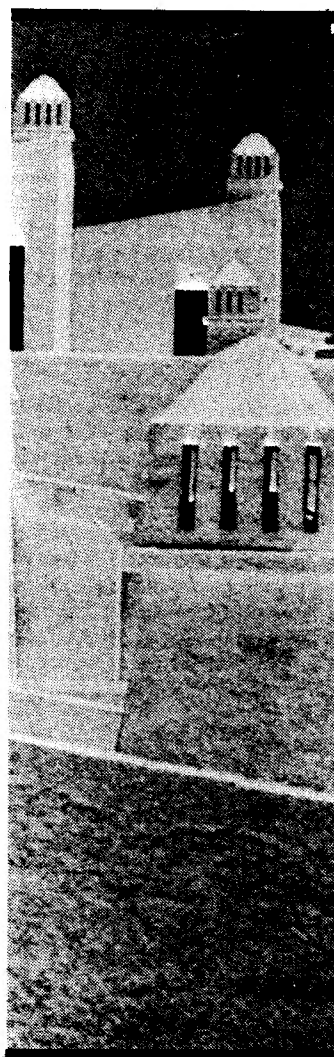
Trata-se de 2 comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes 40 minutos.

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens

Dê um mergulho no Algarve
Ou venha almoçar a Lisboa
De comboio, claro.



Comboio, a opção dinâmica



Exército comemora Aljubarrota

EPI vence Comandos

A Arma de Infantaria do Exército comemora hoje o seu dia, 601 anos depois da batalha de Aljubarrota, com a inauguração do Museu Militar no Campo de S. Jorge e com uma cerimónia na Escola Prática, em Mafra.

O ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, está esta manhã no Campo de S. Jorge, onde há 601 anos ocorreu a batalha.

Depois de um desfile militar e alocações alusivas, é inaugurado o Museu Militar de Aljubarrota, estando presente, além do ministro, o Chefe do Estado — Maior do Exército, general Salazar Braga.

Mafra

Ribeiro de Almeida e Salazar Braga deslocam-se depois de helicóptero para a Escola Prática de Infantaria em Mafra, a fim de participarem nas cerimónias militares.

As cerimónias incluem uma missa na Basílica de Mafra, a inauguração de uma exposição sobre actividades da EPI e uma cerimónia militar que inclui a condecoração do estandarte da Escola Prática com a medalha de ouro de Serviços Distintos.

O «Diário da República» publicou terça-feira um despacho

do ministro da Defesa que considera os serviços prestados pela EPI como «muito distintos, extraordinários e relevantes».

«O trabalho desenvolvido pela Escola Prática de Infantaria nos últimos anos transformou-a num centro de instrução da mais alta eficiência, rentabilidade e prestígio para a sua arma, o Exército e as Forças Armadas», refere o ministro.

Tal como aconteceu nos últimos três anos, a Infantaria orga-

nizou, segunda e terça-feira, mais uma patrulha, na Tapada de Mafra, em que participam obrigatoriamente equipas de todas as unidades da Arma.

EPI vence

Nesta «prova muitíssimo dura», como a definiu o director

da Arma de Infantaria, general Aurélio Trindade, participaram também o Regimento de Comandos, a Guarda Fiscal e a GNR, bem como o Centro de Instrução de Operações Especiais (Lamego).

A patrulha foi ganha pela equipa da EPI, ficando em segundo lugar o Regimento de Infantaria de Vila Real e em terceiro lugar a equipa da Guarda Fiscal. Participaram 20 equipas.

A Infantaria tem 19 unidades em todo o País: 14 Regimentos, uma Bateria em Aveiro, uma Bateria mecanizada em Santa Margarida, o Centro de Instrução de Operações Especiais, o Regimento de Comandos da Amadora e a EPI.

A Arma foi recentemente modernizada com novos mísseis anticarro, de marca Milan, mais certos que os anteriores Tow, equipados com um sistema de guiamento mais preciso.

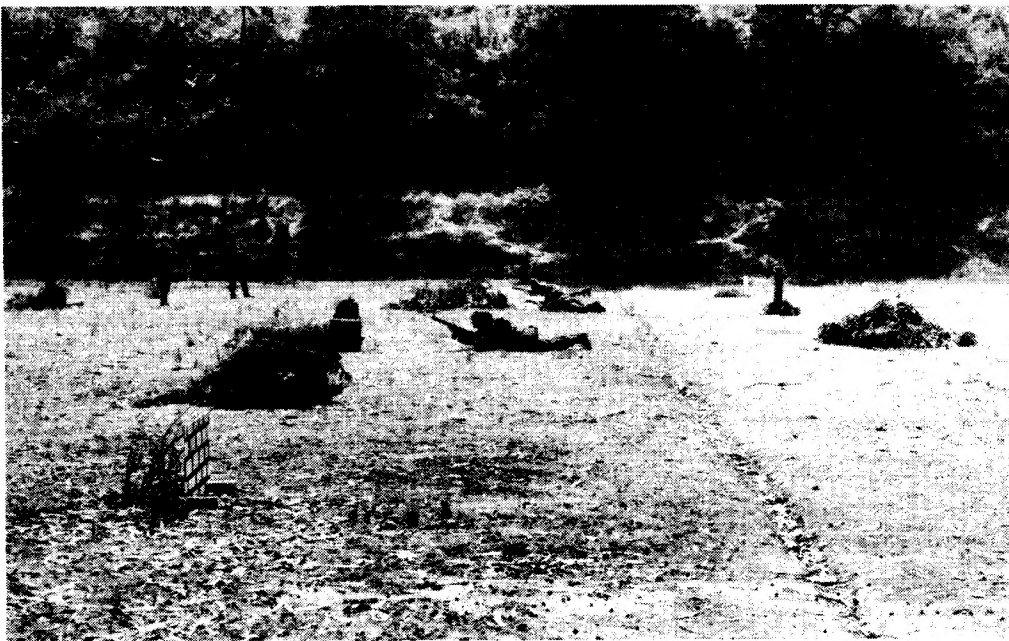
A Infantaria está igualmente a ser equipada com equipamento electrónico de vigilância no campo de batalha, nomeadamente radares e intensificadores de radiações, que permitem melhorar operações de combate, aumentando a visão nocturna.



Mobutu de férias no Algarve

O presidente zairense, Mobutu Sese Seko, começou ontem um período de férias no Algarve, onde tem uma casa perto de Armação de Pêra.

Mobutu chegou ao princípio da tarde ao Aeroporto de Faro, a bordo do Boeing 727 que normalmente utiliza nas suas deslocações, com uma comitiva de 30 pessoas. Os guardas de segurança presidencial impediram qualquer contacto dos jornalistas com o presidente zairense, afirmando que está em Portugal numa visita de carácter particular.



E os civis, sr. contra-almirante?

Militares queixam-se das suas reformas

Os militares prestes a passar à situação de reforma estão numa «ameaçadora posição: classificada de «sem paralelo noutros países, e até no nosso», escreve a «Revista da Armada» na sua edição de Agosto.

Na «nota de abertura», o contra-almirante Malheiro do Vale considera que os militares prestes a passar à reforma estão, tal como Dâmocles, «com a espada suspensa sobre as suas cabeças», mas que, «ao contrário do que aconteceu com Dâmo-

cles, a espada cai e já não há quem lhes valha».

«Aconteceu aos actuais reformados e acontecerá também aos futuros, se não conseguirem removê-la daquela ameaçadora posição» — afirma. «De contrário, as suas pensões degradar-se-ão progressivamente, com a agravante de todos os anos viverem momentos, de aflição, por desconhecerem o respectivo aumento, o qual não está regulamentado, em relação ao dos mili-

tares no activo e da reserva, ficando dependente de critério pontual.»

Malheiro do Vale salienta que «nas Forças Armadas chega-se a situações verdadeiramente inconcebíveis, como seja a de almirantes reformados com pensões inferiores ao total que recebe um sargento-mor do activo, um cabo menos que um cabo e um cabo menos que um marinheiro».

«Os militares gostariam de permanecer, depois de reforma-

dos, no respectivo ramo das Forças Armadas» — sublinha — «como era, aliás, antes da criação da Caixa Geral de Aposentações, que nos despensou, transformando-nos num número de identificação».

Como solução, Malheiro do Vale defende que as pensões de reforma passem a acompanhar os vencimentos no activo e que fosse reconhecido o direito ao subsídio de férias.

E os civis, sr. contra-almirante?

Autocrítica?

"Administração é perda de tempo..."

- diz Eurico de Melo

Ao conferir posse ontem a Isabel dos Santos Corte-Real no cargo de directora do Secretariado para a Modernização Administrativa, o ministro da Administração Interna, Eurico de Melo, lembrou que «para o cidadão comum, a Administração é sinónimo de incómodo e empecilho, de papelada e de despesa, de perda de tempo e mau atendimento».

Eurico de Melo, que conferiu esta posse na qualidade de primeiro-ministro em exercício,

acrescentou que «este sentimento é justificado pela experiência quotidiana de cada um».

Segundo ele as ataribuições conferidas ao novo Secretariado visam «corrigir o que está mal e reconduzir a administração à sua finalidade própria, servir os cidadãos».

Eurico de Melo definiu neste sentido três grandes frentes de actuação para o novo secretariado, «a administração pública e o cidadão, a administração pública e a actividade produtiva e a administração pública perante

ela própria».

A respeito da primeira, Eurico de Melo, que é ministro de Estado e da Administração Interna, disse que «o Estado existe para facilitar a vida aos cidadãos e não para complicar», e que por isso «importa humanizar os serviços» e «simplificar os processos».

Por seu turno a directora do novo Secretariado declarou-se disposta a «promover a mudança» e a «vencer as forças tradicionais» no seio da administração.



VERÃO 1986
UMAS FÉRIAS DIFERENTES

MARROCOS
PARTIDAS ASSEGURADAS DE 17 A 26 AGOSTO E 31 AGOSTO A 9 DE SETEMBRO — 58 000\$00
HOTÉIS DE LUXO ★ VISITA A TÁNGER, RABAT, CASA-BLANCA, MARRAKECH, MEKNES, FEZ, TETOUAN, CEUTA E SEVILHA

PARIS-LOURDES
DE 18 A 28 AGOSTO E 1 A 11 SETEMBRO
ASSEGURADAS — 74 900\$00
Visitando também ANDORRA MADRID ETC

CRUZEIRO IBIZA-PALMA
DE 18 A 25 SETEMBRO ★ A FESTA DO MAR
BAILES, VISITAS, RECEPÇÕES, ETC. • 85 000\$

BARCELONA-ANDORRA-MADRID
DE 31 AGOSTO A 6 SET. E 14 A 20 SET.
41 200\$ ★ EXTRAORDINÁRIA VIAGEM POR VALENCIA

CEUTA-GIBRALTAR
DE 17 A 20 AGOSTO E 31 AGOSTO A 3 SET.
ASSEGURADAS — 23 900\$00
Visitando SEVILHA E ALGECIRAS

PARTIDAS ASSEGURADAS
HOTÉIS DE 1.ª ★ PULLMANS «LUXO»

LUSANOVA - TOURS
GROSSISTA N.º 435 83
RESERVAS NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

"Mensagem" de Soares junto da Torre de Belém

Há dinheiro e mar para bom governar

Ainda a bordo da «Sagres», com a Torre de Belém à vista, mas com o pensamento virado também para a Rua Gomes Teixeira, sede habitual das reuniões do Executivo de Cavaco Silva, o Presidente da República concluiu sábado o seu cruzeiro naval com um apelo a um planeamento e a acções práticas que contemplem o valor estratégico e económico da área e vocação marítimas de Portugal.

A mensagem que Mário Soares lerá aos jornalistas, ao fim da manhã de sábado, evocará ainda — conforme apurou o «DL» — o encerramento do ciclo imperial português, como corolário livremente assumido e ultrapassado com a dimensão europeia do País, reforçada pela



adesão à CEE.

O PR vincará, contudo, para o País e para os actuais inquilinos da Gomes Teixeira, que o reforço da componente marítima do País (defesa, transportes, pescas, etc.) será também a maneira adequada de salvaguardar a independência nacional no contexto do espaço euro-atlântico. Soares lembrará, a propósito, e numa espécie de «aviso à navegação», que a boa situação financeira que o País vive actualmente deve ser tema obrigatório para a acção e reflexão políticas práticas do Executivo.

O chefe de Estado agradecerá, finalmente, à Armada o ter-lhe proporcionado a velha aspiração da navegação à vela e fará o elogio do navio-escola «Sagres».

Eleições ou acordo com o PRD...

Cavaco arranca uma vez mais na Festa do Pontal

Eufórico pelos bons resultados da sua missão junto da Fundação Naumann, na RFA, onde terá garantido para já um apoio financeiro da ordem dos 5 milhões de marcos (cerca de 350 mil contos), para obras da nova sede do PSD, para organização de encontros e colóquios (nacionais e internacionais) e para campanhas eleitorais, Cavaco Silva vai lançar no próximo domingo, no Pontal, próximo de Faro (onde há um ano iniciou a sua vitoriosa campanha para as legislativas de Outubro-85) um aviso formal à Oposição de que poderá haver eleições a curto prazo.

Como pretexto para novo arranque pré-eleitoral, Cavaco dirá aos militantes, reunidos na festa organizada pela distrital de Faro do seu partido, que quer governar, que tem soluções, mas que os partidos da oposição deverão assumir outra postura no Parlamento. O aviso dirige-se, neste caso, mais para o PRD, partido que, na opinião do líder do PSD, poderia, através de um acordo de incidência governamental com

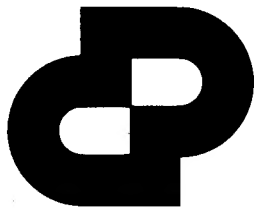


os sociais-democratas, determinar uma solução alternativa a eleições antecipadas.

Relativamente ainda aos financiamentos que Cavaco e o secretário-geral do PSD, Dias Loureiro, obtiveram com a breve visita particular e de férias à RFA e à Suíça, apurou o «DL» junto de fonte nacional próxima daquele partido, que boa parte dos cerca de cinco milhões de marcos (e não dois milhões de contos como anunciou ontem a RDP, citando fontes nacionais e internacionais) assegurados, para já, pela Fundação Naumann, vão ter utilização imediata na compra e em obras vultuosas da nova sede da Rua de S. Caetano.

A sede custou cerca de 100 mil contos, mas as obras previstas para o início de Setembro (e que incluem gabinete especial, controlado por sistema electrónico, para Cavaco, e um amplo auditório na cave para as reuniões nacionais) estão orçadas também em algumas dezenas de milhares de contos.

CIMPOR
Cimentos de Portugal, E.P.



COMUNICADO

1. Depois de sucessivos períodos de greve cujos inconvenientes se traduziram em prejuízos graves para o País, para os consumidores e para as Empresas, foi finalmente estabelecido um acordo entre os Sindicatos em greve e as Empresas da Indústria Cimenteira que pôs termo às paralisações.
2. As partes chegaram a acordo sobre todas as prestações com expressão pecuniária à excepção da Tabela Salarial em que a Empresa sustenta uma proposta de 14,5 %.
3. O diferendo sobre a Tabela Salarial irá ser submetido, por acordo entre a Empresa e os Sindicatos, à Conciliação no Ministério do Trabalho.
4. **Contando com uma Tabela Salarial de 14,5 %, a massa salarial envolvida no acordo agora conseguido traduz-se num agravamento de 15,57 %.**
5. O acordo representa para os trabalhadores um aumento real do poder de compra de mais de 5 %, face à inflação esperada de cerca de 10 % para o período de vigência.
6. Os valores finais acordados foram aqueles que, no conjunto, a Empresa esteve sempre disposta a negociar com os Sindicatos pelo que não pode deixar de considerar as greves não só inoportunas como injustificadas face aos seus nefastos resultados para a Empresa e para o País.
7. Não obstante isso, o Conselho de Gerência da CIMPOR congratula-se com o termo das paralisações e agradece a compreensão manifestada pelos seus clientes ao mesmo tempo que lhes assegura estar a desenvolver todos os esforços no sentido de uma rápida regularização do abastecimento.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Rocha Vieira ao «DL»

"A autonomia deve ser um entendimento pela positiva"

Aurea Sampaio

«A autonomia deve ser um processo de entendimento entre as pessoas que deve ser conseguido pela positiva e não pela negativa.» As palavras são do ministro da República para os Açores, general Rocha Vieira, em breve contacto que com ele o «DL» manteve pouco antes da reunião do Conselho de Ministros desta manhã.

Foi, de resto, para participar na reunião do Gabinete ministerial, no qual tem assento por inerência de funções, que Rocha Vieira se deslocou ao continente.

Contrastando com a polémica que envolveu a sua nomeação — quem não recorda o vigor com que o Presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, defendeu a nomeação de um civil, natural da região autónoma, para ocupar aquele cargo? — foi com extrema serenidade que Rocha Vieira falou dos seus primeiros dias no arquipélago.

Começou por acentuar o papel que, em seu entender, cabe ao ministro da República: «Discreto, de forte colaboração institucional com os órgãos regionais e estabelecendo uma harmonização perfeita entre os diversos interesses, que podem ser diferentes, mas para os quais tem de se encontrar a necessária

convergência».

Aliás, desdramatizar o passado próximo e harmonizar os diversos parceiros de uma autonomia para com a qual reitera a sua solidariedade, parecem ser não só as palavras-chave do discurso do novel ministro, mas também o fio condutor de uma acção que se percebe estar profundamente reflectida.

Naturalmente curiosos, quisemos saber como se tem processado o seu relacionamento com o Governo Regional e o seu Presidente. Como questão de rotina, frisou a preocupação que tem existido da parte do seu Gabinete em fomentar «uma melhor coordenação entre os serviços centrais e regionais». Quanto ao assunto mais importante até agora resolvido, foi pe-reptório: foi a questão dos lactínios. Mas fez questão de frisar que a sua intervenção se limitou a acelerar a «solução técnica que para o problema

tinha sido encontrada pelo Governo Regional».

No que diz respeito a Mota Amaral, os encontros havidos foram praticamente de natureza oficial e protocolar e têm decorrido «com normalidade». «Tudo o que tenho perguntado e tenho querido saber me tem sido respondido.»

Mas há um assunto que, obviamente, preocupa Rocha Vieira: a revisão constitucional. A «importância» e «dignidade» da questão fazem com que, desde já, pretenda criar condições para que toda a sua preparação se desenvolva com «tempo, serenidade, sem demagogia».

«Há um diálogo que é necessário fomentar», realça. Depois, acrescenta, é bom que as pessoas «saibam, estejam realmente informadas sobre o que se passa nos Açores.» Só com conhecimento aprofundado das questões é que sobre elas se podem tomar decisões com fundamento.

E a finalizar, acentua: «Daí a vantagem de colaboração institucional para a harmonização de interesses». Talvez uma mensagem de médio prazo, com uma promessa de cumprimento «numa actividade permanente e diária».



As Florestas são uma riqueza nacional.

Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

Atentado contra Monteiro Pereira e assalto dos 108 mil contos descritos em Monsanto

O atentado mortal a um administrador da Fábrica de Louças de Sacavém e o assalto que custou 108.000 contos ao Banco Fonsecas e Burnay foram ontem evocados no Tribunal de Monsanto, durante a 168ª sessão do julgamento do «caso FUP/FP-25 de Abril». Com esta sessão terminou a primeira fase de inquirição das testemunhas arroladas pela acusação, devendo segunda-feira iniciar-se a audição das convocadas pela defesa.

Para além das acções já citadas, a sessão de ontem ocupou-se ainda de três outros assaltos a agências bancárias, tudo isto através do interrogatório de sete testemunhas que vieram juntar-se às 43 já ouvidas.

O atentado mortal que, em Dezembro de 1982, vitimou Monteiro Pereira, administrador da Fábrica de Louças de Sacavém, foi presenciado por um agente da Polícia Judiciária, José Manuel Parreira,

ontem chamado a Monsanto. Segundo contou ao Tribunal, teriam sido dois os indivíduos que participaram no atentado, embora apenas um tenha disparado.

A testemunha acrescentou que a vítima, «após os primeiros dois disparos ainda conseguiu soerguer-se, mas foi finalmente abatida, com dois tiros nas costas, disparados à queima-roupa por um indivíduo extremamente pequeno, de tez branca e ruivo ou louro».

José Parreira disse depois que a «fuga se processou com muita calma, tendo um dos indivíduos, antes de ambos entrarem no Austin de cor clara onde fugiram, dado vários disparos para o ar e gritado: viva a classe operária».

O agente Parreira esclareceu que, apesar dos ataques lhe terem passado a um metro de distância, não interferira porque se encontrava de-

sarmado na altura. «Mesmo armado, acrescentou, também não teria agido, pois nestes casos há geralmente um carro com homens armados, a dar cobertura a quem faz o atentado».

108 mil

Outra das testemunhas ontem ouvidas em Monsanto foi António Gonçalves Pinto, à data dos factos vigilante da empresa de segurança «Grupo 8» e ora desempregado, e que descreveu o roubo dos 108.000 contos, em Fevereiro de 1984, da carrinha daquela empresa, que então tripulava com um colega.

Mal saíram do Banco Fonsecas e Burnay, na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa, relatou, viram-se interceptados, ao obedecerem a um sinal vermelho, por indivíduos armados de pisto-

las-metralhadoras «Sterling», que os mandaram sair da viatura.

A testemunha disse que não conhecia na altura o conteúdo e o valor do saco que transportava. Funcionário do «Grupo 8» há cerca de um ano, transportava semanalmente sacos com valores, sempre desconhecendo os seus conteúdos e sem informação prévia dos horários a cumprir.

Durante a sessão de ontem, o Tribunal decidiu convocar para dia 30 de Setembro peritos da polícia, autores dos exames grafológicos e de balística, juntos aos autos. O julgamento prossegue segunda-feira com a audição de testemunhas arroladas pela defesa, nomeadamente com as do réu Pedro Goulart, um dos quatro acusados de ter «fundado e dirigido as FP-25 de Abril».

Médicos fazem greve no dia 4 de Setembro

O pessoal médico vai fazer uma greve geral no próximo dia 4 de Setembro, com excepção nos serviços de urgência, foi decidido ontem em plenário da classe realizado no hospital D. Estefânia. O plenário, promovido pela direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul, pronunciou-se também a favor da extensão da greve administrativa dos policlínicos a todos os graus de médicos da zona sul.

Os médicos apelaram entretanto à população utente dos hospitais para efectuar o boicote ao pagamento das taxas moderadoras e decidiram constituir uma comissão encarregada de redigir «um livro negro da Saúde em Portugal».

Recorde-se que os clínicos encontram-se em luta há várias semanas para exigirem ao Ministério da Saúde a abertura de concurso para o preenchimento de vagas para todos os serviços hospitalares, de acordo com as respectivas exigências. O plenário realizado ontem surge portanto na sequência dessa luta que já obrigou a uma greve dos médicos internos policlínicos dos hospitais de todo o país.

No próximo dia 20, junto à residência oficial do Primeiro-Ministro, os associados do Sindicato vão fazer uma vigília.

O Sindicato dos Médicos da Zona Centro acusou entretanto a ministra da Saúde de pretender colocar no desemprego mais de 1200 médicos d'internatogeral e decidiu convocar uma greve de policlínicos, a iniciar quinta-feira.

Os médicos policlínicos da

zona centro decidiram encetar greves parcelares aos serviços de urgência, em dias alternados, a partir de quinta-feira e até 31 de Agosto, foi anunciado em comunicado.

Segundo a estrutura sindical dos médicos da zona centro, a ministra da Saúde «não apresentou nenhuma razão de ordem técnica para atirar para o desemprego técnicos qualificados» e nesse sentido sustenta que, «pelo contrário, a capacidade formativa dos serviços de saúde comporta esses médicos».

Na perspectiva sindical, e após a greve de três dias desencadeada pelos policlínicos em 30, 31 de Julho e 1 deste mês, a resposta de Leonor Beleza «foi o silêncio e a recusa ao diálogo, diálogo este que paradoxalmente — sublinham — o senhor Primeiro-Ministro considera uma característica da acção do seu Governo. Para aquele Sindicato a ministra da Saúde tem procedido a uma «intoxicação da opinião pública, ao apresentar alguns cenários que levam a crer que há médicos a mais e que o Ministério da Saúde tem uma actuação eficaz na fiscalização dos médicos».

Há várias formas de subir na vida! - aceite a nossa proposta

Conta Poupança-Emigrante

Senhor Emigrante:



Para subir na vida, é preciso esforço, qualidades. Não duvidamos do seu esforço e das suas qualidades! Portugal precisa dos seus emigrantes! E eles também precisam de um sistema de poupança e de crédito sólido como uma rocha! E que não dê lugar a abusos por parte de falsos emigrantes! Foi precisamente por isso que criámos a Conta Poupança-Emigrante, que vem substituir o velho e gasto «Poupança Crédito». As vantagens são grandes. Para empréstimos acima de 5 anos, a taxa de juro normal é 21,5%, mas para os titulares da Conta Poupança-Emigrante será:

- 12,5% para empréstimos a conceder até 30 de Setembro.
- 16,125% para empréstimos a conceder depois daquela data. Dirija-se ao seu Banco.

Mas atenção: Não podem ser feitos depósitos com notas estrangeiras. Apenas o podem ser com cheques ou com transferências feitas do estrangeiro através do sistema bancário.

A decisão é sua! O bem é de todos!

Ministério das Finanças



Caução foi recusada ao principal responsável da DOPA

Queirós de Andrada continua 'a monte' e D. Branca poderá voltar às Mónicas

A conferência de juizes do Tribunal da Relação de Lisboa decidiu ontem manter o mandado de captura contra Joaquim Queirós de Andrada, principal réu no processo da DOPA, recusando-lhe a apresentação da caução, sendo por enquanto desconhecida a decisão tomada, na mesma altura sobre a possibilidade de D. Branca se manter em liberdade, caso não pague a caução no valor de dois mil contos que tinha sido fixada pelo juiz desembargador José Monteiro Marques, ou em alternativa para que a caução seja reduzida para 500 mil escudos.

dinheiro».

Leal Diogo recusou-se entretanto a revelar «por motivos éticos e de segurança» o paradeiro de D. Branca, pois, disse, «ela apenas estava até ontem obrigada a permanecer em Portugal, pelo que podia estar livremente em qualquer ponto do País». Ao que apurámos, existem, no entanto, grandes possibilidades de D. Branca estar numa freguesia do concelho de Seia, em casa de umas pessoas oriundas de Angola ou do Congo.

Sobre a data do julgamento, Leal Diogo disse que a sua marcação está ainda muito atrasada devido aos inúmeros processos interpostos ao Supremo Tribunal de Justiça por outros advogados envolvidos no mesmo processo.

Sabe-se, entretanto, que os quatro réus do processo libertados com D. Branca em 25 de Julho deste ano, também não terão pago ainda as cauções exigidas. De recordar a polémica levantada pela decisão do juiz desembargador José Monteiro Marques, ao mandar libertar D. Branca e os quatro co-réus, já que, segundo nos foi hoje confidenciado por uma fonte ligada à magistratura, «não é norma libertar arguidos em processos sujeitos a pena maior, sem que previamente paguem as respectivas cauções». O acórdão do desembargador José Monteiro Marques mereceria, aliás, o recurso do Ministério Público.

Na conferência de ontem no Tribunal da Relação de Lisboa participaram o já citado dr. José Monteiro Marques, como presidente, e os ajudantes Dias Alves e Lopes de Melo, na qualidade de juizes-vogais.

A propósito de Queirós de Andrada, recorde-se que se encontra «a monte» desde que, em 9 de Julho de 1985, conseguiu fugir do Hospital de Santa Maria, em circunstâncias que ainda se encontram bastante nubladas, sendo um facto assente o seu paradeiro no Brasil.



Refira-se que o advogado de D. Branca dos Santos, dr. Mário Leal Diogo, disse que a sua constituinte não pagara até ontem (data limite imposta pelo dr. Monteiro Marques) os dois mil contos de caução. «Ela não tem dinheiro», frisou Leal Diogo, revelando que solicitara a anulação

da caução, ou, em alternativa, a sua redução para um quarto dessa importância. Sobre a possibilidade de os Juizes da Relação terem mantido a determinação do pagamento da caução de dois mil contos, Leal Diogo garantiu que nesse caso a velha senhora voltará para a prisão, «pois não tem

Pedreiro trucidado por comboio em Coimbra

Um pedreiro de 62 anos, Alberto Geraldo Ramos, foi ontem trucidado pelo comboio numa passagem de nível sem guarda da Linha do Norte, em Corujeira, Coimbra. Alberto Ramos, que tudo indica ter-se-á suicidado, era natural da Freguesia de Santa Isabel, em Lisboa, e residia em S. Martinho do Bispo. O cadáver encontra-se depositado no Instituto de Medicina Legal de Coimbra.

Vigilante do edifício "Avis" obrigado a ingerir suporíferos

Por motivos não aclarados, quatro jovens entraram anteontem à tarde nas instalações do edifício «Avis», no Porto, e sob a ameaça de pistolas obrigaram o vigilante de serviço a ingerir uma grande quantidade de comprimidos soporíferos. Depois, e sem nada furtarem, abandonaram o local, deixando Alfredo Lúcio Janeiro, de 38 anos, inconsciente, pelo que mais tarde teve de ser internado no Hospital de Santo António.

Até ao momento os quatro jovens ainda não foram identificados, estando a investigação do caso a cargo da PSP.

Morto à paulada pela mulher

A GNR deteve uma mulher acusada de ter assassinado o marido à paulada na residência que ambos ocupavam em Maiorca, freguesia do concelho da Figueira da Foz. A homicida, Maria José Antunes Seica, de 51 anos, confessou à GNR ter agredido o marido, José Rolo Gomes Gaspar, de 40 anos, com o mesmo pau com que ele a violentara momentos antes.

No mar da Madeira

"Devoto Santíssimo" andou à deriva com fogo a bordo

A embarcação «Devoto Santíssimo», utilizada no transporte de carga para a ilha do Porto Santo, andou à deriva, após um incêndio que deflagrou na casa da máquina disse à NP o comandante naval da Madeira, Gonçalves Coelho.

O arrais da embarcação, Pedro Melim Drumond, sofreu queimaduras que o obrigaram, posteriormente, a receber tratamento médico.

O barco, que é o mais antigo naquele serviço, saiu do porto do Funchal cerca das 00 e 30 e tinha quase uma hora e meia de viagem quando ocorreu o foco de incêndio de origem desconhecida.

O facto, que causou o pânico entre os 11 elementos da tripulação e os 16 passageiros, deu-se quando o barco navegava seis milhas a nordeste da ponta de São Lourenço e estava a 16 milhas do Porto Santo, faltando duas horas para alcançar o destino.

O fogo, antes de ser dominado

pelo pessoal de bordo, provocou certa desorientação que levou a que se aliviasse alguma carga, atirada para o mar, por receio da propagação das chamas.

A mercadoria lançada à água era constituída, essencialmente, por víveres, caso de sacos de farinha, colchões e garrafas de uísque e botijas de gás.

O «Devoto Santíssimo» transportava garrafas de gás, grades de cerveja e refrigerantes, entre outra carga, numa das habituais viagens que, com a duração de cinco horas, o fazem percorrer 42 milhas, em alto mar, com o porão cheio de mercadoria para abastecer Porto Santo.

O alarme para a ocorrência foi recebido, pelas 3 horas da madrugada, através da Madeira Rádio, em telefonema para Porto Santo, onde se dava conhecimento de que o barco andava à deriva.

Ao encontro do «Devoto Santíssimo» saiu o patrulha «Caci-

ne» com a missão de prestar assistência às pessoas que se encontravam a bordo.

O barco da Armada portuguesa ao chegar ao local providenciou os devidos cuidados para a salvaguarda das vidas humanas, tendo recolhido os passageiros, enquanto os tripulantes permaneciam a bordo do cargueiro.

O patrulha «Cacine» manteve-se no local até à chegada do rebocador «Ponta do Garajau» que lançou cabo de reboque ao «Devoto Santíssimo», que cerca das 15 horas chegou ao Porto Santo.

Os passageiros, entre os quais se contavam crianças, viajaram a bordo do rebocador que iniciou a manobra por iniciativa do armador, entretanto contactado pelas autoridades marítimas.

A Polícia Marítima abriu um inquérito para apuramento de responsabilidades, nomeadamente uma eventual infracção à lei.

Mário Castrim



«T

oma esta

Associação a liberdade de entrar em contacto com V. Ex.^a pela simples razão de que o temos por experto em questões de televisão.

Como sabe, as estações de TV de todo o mundo são muito rigorosas em questões de publicidade e direitos de autor.

Neste último aspecto, vamos entrar em contacto com a Sociedade Portuguesa de Autores, cujo presidente é considerado um dos barras internacionais na matéria.

Quanto à publicidade, vimos expor-lhe o seguinte caso:

Não se passa um único dia sem que a televisão portuguesa nos não faça tremenda publicidade.

É inegável (esta Associação seria a última a reconhecê-lo) que tal publicidade tem altamente favorecido o nosso negócio.

Acontece ainda que a RTP nos faz referências constantes e em períodos altamente penalizados.

Se nos lembrarmos que um minuto de publicidade custa muitas centenas de contos, veja lá o senhor os milhares de contos que seríamos obrigados a esportular ao fim de um dia de emissão!

Já tem havido casos em que o dia abre com propaganda nossa e até ao desfraldar da bandeira é um nunca mais acabar!

O Telejornal, então, está sempre a fazer referência à acção que desenvolvemos, e, por isso, justo será reconhecê-lo, lhe estamos muito gratos, até porque, através da publicidade no Telejornal, a nossa capacidade de recrutamento tem saído reforçada.

Numa palavra: se é certo que a RTP nos deve uma data de millo por direitos de autor, a verdade é que a nossa dívida atinge proporções gigantescas. Nunca poderemos pagá-la!

Assim, e verificada essa realidade, deliberou esta Associação condecorar a RTP com a Grã Cruz Suástica, pelo muito que tem feito na divulgação dos nossos actos que, sem essa publicidade, cairiam no mais absoluto anonimato!

Vimos, por seu intermédio, tornar público o nosso eterno reconhecimento à RTP. Bem haja ela!»

a) Associação Internacional dos Terroristas Encartados

Velas ateiam fogo com duas frentes em Gouveia

As 6 horas da manhã de hoje o sinistro que desde o fim da tarde de domingo lavrava na Serra da Estrela foi declarado extinto pelos bombeiros, depois de ontem durante a tarde focos de incêndio se terem reacendido, por duas vezes, obrigando a novo esforço no combate às chamas. Entretanto, continua a lavar o incêndio, de origem criminosa, com duas frentes, que desde a tarde de ontem, já consumiu, segundo os bombeiros, 300 hectares de floresta na área de Gouveia.

«O fogo teve início na freguesia de Aldeias, ontem, cerca das 16 e 30, e já se propagou para a encosta de Gouveia, de Curral do Negro até junto de Fogozinho, alastrando noutra frente para a encosta contrária, próximo de Castanheira e Santinha», declarou esta manhã ao «DL» uma fonte dos Voluntários de Gouveia que, conjuntamente com as corporações de Vila Nova de Tagem, Fogozinho, Melo e Fornos de Algodres, num total de 70 homens, estão empenhadas no combate às chamas.

O mesmo informador precisou que «já arderam cerca de 300 hectares», e que o combate tem sido exclusivamente terrestre, «já que os aviões não podem actuar pois a zona é muito perigosa».

Sobre as causas do sinistro, é sem reservas que aquela fonte disse ter sido de origem criminosa. «Foram recolhidos indícios de acção de fogo posto, velas que encontramos no local e já estão na posse da GNR», sublinhou.

Apesar das dimensões do sinistro, e da dificuldade sentida no combate, os bombeiros estão optimistas: «como o fogo não esteja dominado, está sob controlo, e, se o vento não mudar de direcção, contamos acabar com ele durante a tarde».

Terminou o «inferno» de Seia

«O fogo está extinto desde as seis horas da manhã de hoje, mas continua lá pessoal caso o incêndio se volte a reacender», declarou ao «DL» o Comandante da Zona Operacional de S. Romão que, durante quatro dias, coordenou a luta contra as chamas.

A mesma fonte não adiantou qual a dimensão da área afectada pelo sinistro, sublinhando «que só depois de estarmos descansados é que poderemos ver».

A este propósito, um responsável pelo Centro de Prevenção da Lousã adiantou à ANOP que, a área pasto das chamas no concelho de Seia, onde o sinistro teve a sua origem e o seu término, depois de se ter propagado aos concelhos vizinhos de Oliveira do Hospital, Arganil, Coimbra e Castelo Branco, deve rondar os mil hectares.

Lucília Mota acrescentou que «o cálculo da zona ardida não pode ser muito rigoroso», sublinhando numa altu-

ra em que os bombeiros ainda davam luta ao fogo, que o total da área devastada pelas chamas, dependia da evolução das condições meteorológicas, nomeadamente do vento.

Mais fumo que fogo?

A técnica do Centro de Prevenção da Lousã disse ainda que houve «exageros» nas informações veiculadas sobre o incêndio, precisando que «é um disparate afirmar-se que não arderam mais de 10 hectares» — como titulouse um matutino —, como não tem razão de ser comparar aquele fogo aos de Vila de Rei e de Agueda, comparação estabelecida pelo presidente da Junta de Freguesia de Vide, onde o sinistro teve o seu início.

«Não estamos perante um incêndio pequeno», sublinhou Lucília Mota, «mas também não podemos cometer o exagero de compará-lo ao de Vila de Rei».

Por seu lado, o inspector de incêndios da Região Centro considerou que «o clima emocional das pessoas nos locais atingidos levou a algum empoçamento da situação». «O incêndio parecia de facto muito grande, por que libertava imenso fumo», sublinhou o major Ribeiro de Almeida, adiantando compreender o pânico das populações, «pois trata-se de uma região muito povoada e as chamas andaram perto das habitações».

Aquele responsável precisou que entre o local onde deflagrou o sinistro, a freguesia de Vide do concelho de Seia, e o seu centro nevralgico, «vai uma linha recta com cerca de dez quilómetros», precisando que a distância entre os três focos que se manifestaram com mais intensidade, em Vide, Casas Figueiras e Chã de Éguas, «não foi superior a quatro mil metros».

Chamas em Coimbra...

Três incêndios em mato e pinhal deflagraram ontem à tarde nos arredores de Coimbra, segundo revelaram os bombeiros Sapadores daquela cidade.

O primeiro sinistro ocorreu em Monte da Vera, na freguesia de Almalaguez, numa zona de mato e pinhal com algumas plantações de vinha, e, dado a dimensão que o fogo tomou, os bombeiros chegaram a solicitar a intervenção de meios aéreos da Lousã. Considerado extinto ao fim da tarde, o incêndio voltou a reacender-se,

mantendo ocupados os «soldados da Paz» durante a noite.

Ao meio da tarde, deflagraram outros dois sinistros nos arredores de Coimbra: um, em Cernache, numa área de mato junto a uma fábrica de azulejos, e outro em Assafarge, no Vale do Cântaro.

Da parte da manhã, as corporações de Coimbra tinham já sido solicitadas para o combate a um sinistro numa área de feno e oliveiras, entre a Quinta das Flores e a Rua Carlos Seixas, no perímetro urbano da cidade, e considerado extinto ao princípio da tarde.

...e em Setúbal

Mais de 100 bombeiros combateram ontem à tarde dois incêndios que deflagraram nos arredores de Setúbal. O primeiro sinistro ocorreu cerca das 16 horas no Monte do Zambujal, na estrada para o Alentejo, e o segundo no sítio da Loja Nova, em Aguas da Moura.

Os dois incêndios, combatidos pelas corporações de Aguas da Moura, Palmela, Canha, Voluntários e Sapadores de Setúbal foram considerados extintos ao princípio da noite.

Entretanto, o governo atribuiu 100 mil contos para compensações de natureza social dos prejuízos sofridos pelas vítimas dos incêndios florestais de 1985, segundo anunciou ontem o Ministério da Administração Interna.

De acordo com um comunicado daquele ministério, a verba encontra-se à disposição do Serviço Nacional de Protecção Civil, desde 30 de Julho passado.

Castelo Branco: GNR deteve incendiários

Um jovem estudante de 16 anos confessou ter sido o au-

tor do grande incêndio de Palhais-Sertã, ocorrido no final de Julho.

O jovem confessou ainda ter ateado fogo florestal em 15 localidades, entre 14 de Julho e 2 de Agosto, utilizando para o efeito velas e caixas de fósforos.

O Governo Civil de Castelo Branco anunciou, ainda, que a Guarda Nacional Republicana deteve outros três jovens estudantes, responsáveis pelos sinistros de Proença-a-Velha, que teve o seu início quando os estudantes tentavam secar roupa molhada depois de uma pescaria no rio Tinto.

Segurança Social + Fundo de Desemprego TAXA SOCIAL ÚNICA - 1%

Com a unificação das contribuições para a SEGURANÇA SOCIAL e FUNDO DE DESEMPREGO, entra em vigor a TAXA SOCIAL ÚNICA sobre as remunerações relativas ao próximo mês de Outubro e seguintes.

O desagravamento contributivo de 1% (0,5% empresas, 0,5% trabalhadores) abrange os beneficiários e contribuintes de regimes de segurança social.

Adapte desde já o processamento das folhas de remuneração e aproveite a possibilidade de as substituir por «suporte informático».

Não deixe para OUTUBRO o que tem que fazer hoje.

Informe-se no Centro Regional de Segurança Social.



TAXA SOCIAL ÚNICA

Polícia Judiciária dá "ponte" aos Cavacos

Ao contrário do que alguns órgãos de informação adiantam, as próximas horas não deverão levar à recaptura dos últimos dois evadidos de Pinheiro da Cruz. Provavelmente, os investigadores apertarão a malha durante o fim-de-semana, para passarem à acção nos primeiros dias da próxima semana. Os Cavacos «ganham», assim, uma «ponte».

Não é o respeito pelo calendário que leva a que Faustino e Vitor Clemente Cavaco, os últimos dois evadidos da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, passem provavelmente ainda este fim-de-semana em liberdade. A acção da polícia, segundo o «DL» apurou junto de fonte próxima das investigações, tem sido orientada para a delimitação da área do Algarve e Baixo Alentejo onde os dois evadidos ainda se encontram, e para o «corte» dos apoios exteriores de que vinham a beneficiar.

«É uma questão de tempo, até eles «saltarem» do esconderijo», comentou o mesmo informador, adiantando que é preocupação dos agentes que «eles se entreguem, sem oferecerem resistência, sem que haja con-

frontação, tal como fizeram os outros». Para este efeito, o tempo é um precioso aliado, pois o «Americano», nome porque é conhecido no mundo do crime Faustino Cavaco, para além de ser um exímio atirador, «não é homem para se render».

De facto, todas as «acções» em que Faustino Cavaco participou ficaram marcadas pela violência e ousadia, tendo, por exemplo, sido detido em 1985, na sequência de um assalto frustrado a dois agentes da brigada de segurança da PSP, em serviço à porta da residência particular de Mário Soares, então Primeiro-Ministro...

PJ ainda estuda a fuga

A Polícia Judiciária conti-

nua ainda a estudar o processo de fuga, não excluindo, por enquanto, nenhuma das hipóteses que têm vindo a lume, da convivência de um educador, a outras formas de «cooperação» que o grupo teve para poder introduzir a pistola no estabelecimento prisional.

A este propósito, o director Geral dos Serviços Prisionais revelou ontem que «nenhum dos funcionários da cadeia de Pinheiro da Cruz está envolvido no processo de entrada da arma».

Em declarações à ANOP, Fernando Duarte acrescentou que o funcionário Rui Ramos «está perfeitamente ilibado» da acusação de que teria sido ele a entregar a arma aos evadidos, recebendo em troca 190 contos. «Todo o processo está perfeitamente esclarecido e a Polícia Judiciária deverá revelar os pormenores quando o entender», sublinhou.

Instado pelo jornalista, o director geral dos Serviços Prisionais acrescentou «que não foi através de qualquer

funcionário da cadeia ou dos serviços prisionais que a arma chegou aos detidos», recusando-se, no entanto, a revelar se a arma tinha vindo do exterior.

«Barman» Faustino introduziu a pistola?

Sobre um comunicado da Associação dos Reclusos do Estabelecimento Prisional de Pinheiro da Cruz, em que se afirma que a fuga «é da inteira responsabilidade da direcção do estabelecimento» e que a evasão «já tinha sido denunciada há cerca de um mês» por um recluso de nome Rogério Paulo Militão Lopes, Fernando Duarte disse que estas acusações «servem de capa para planos e projectos dos reclusos». «A acusação é uma parte de um puzzle», disse o director geral dos Serviços Prisionais, referindo-se à acusação ao educador Rui Ramos. «Há uma armação perfeitamente concertada para esconder outra realidade que neste momento não pode ser revelada».

Sobre as declarações do recluso Militão Lopes, Fernando Duarte afirmou que «ele disse algumas coisas». «O Militão falava em indisciplina, na possibilidade da entrada da arma, mas nada era concretizado, as suas informações eram muito vagas», salientou.

Recorda-se que, segundo o «DL» apurou junto de uma fonte conhecedora dos meandros da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, a fuga foi iniciada por Faustino Cavaco que, vindo do exterior da prisão, onde trabalharia no bar dos chefes dos guardas prisionais, introduziu a pistola, obrigando o agente Paulino, de serviço ao gradão, a franquear-lhe o acesso aquela área.

Se tal versão se vier a confirmar, não deixa de ser estranho, que um recluso com a perigosidade e passado criminal de Faustino Cavaco gozasse de um «regime de confiança» que o levava a trabalhar em instalações situadas a cerca de 300 metros dos muros da prisão.

Mário Raposo insiste em «falha humana»

Em entrevista à edição de hoje do semanário «O Jornal», o ministro da Justiça sublinha que a fuga de Pinheiro da Cruz «deveu-se, como aliás, tenho insistido, a um conjunto de falhas humanas, a começar pelo regime de permissividade de movimentos consentido a reclusos com um alto nível de prigosidade».

Mário Raposo afirma, ainda, que, dadas as condições anómalas de funcionamento de alguns estabelecimentos prisionais, tinha já determinado a reactivação dos serviços de inspecção prisional, bem como a formação de pessoal, esta já iniciada.

O titular da pasta da Justiça refere-se aos trabalhos preparatórios de três novos estabelecimentos prisionais, um na área de Lisboa, outro no Algarve, e o terceiro no Funchal. «A sua construção», sublinha Mário Raposo, «deve estar concluída dentro de dois anos e meio, já que milagres ninguém pode fazer».

Luís Filipe Madeira mantém-se na presidência

Região de Turismo do Algarve: novas eleições no dia 27

A Região de Turismo do Algarve continua a ser dirigida até 27 do corrente pelo socialista Luís Filipe Madeira, uma vez que a eleição de ontem deixou tudo como dantes. Nada fazia prever que os 33 votantes se decidissem pelo empate a 16 e 1 abstenção. Nesta, residirá, à partida, a solução do próximo acto eleitoral, já convocado por Luís Filipe Madeira para o próximo dia 27.

São dois os candidatos à presidência da comissão executiva da RTA, composta por 32 elementos, entre os quais avultam os presidentes das 16 câmaras da região, representantes das associações empresariais e sindicais do sector hoteleiro, bem como elementos ligados a organismos públicos com intervenção ou actividade relacionada com o turismo. A RTA, lembre-se a propósito, dispõe de autonomia financeira e movimenta um orçamento anual de mais de 700 mil contos. Tem um papel preponderante em todo o sector turístico algarvio e como órgãos distribui-se por uma comissão regional e a comissão executiva de que atrás falámos e que ontem foi a sufrágio.

Note-se que esta comissão executiva foi criada através de novos estatutos e dela emergiu, no dia 27 de Junho de 1983, a primeira eleição do seu presidente, Luís Filipe Madeira, que então se apresentou como candidato único, beneficiando de alguma «passividade» das outras forças políticas da região.

Dois candidatos na corrida

Em pouco mais de três anos, o quadro da Região de Turismo do Algarve alterou-se substancialmente. Recorde-se a propósito que como seus presidentes passaram, antes de 27 de Junho de 1983, homens como Pearce de Azevedo, que foi cônsul da Grã-Bretanha no Algarve, o actual governador civil, Cabrita Neto, o advogado Ismael da Cunha, e o hoteleiro Baptista Coelho, administrador da Lusotur. Todos eles, frise-se bem, foram nomeados pelo Governo.

Luís Filipe Madeira, como acima se disse, foi o primeiro presidente eleito da RTA. Até ao princípio da manhã de ontem admitiu-se em alguns círculos algarvios a sua candidatura. Este importante dirigente do PS, no entanto, absorvido pela actividade partidária e pelas suas responsabilidades no Parlamento Europeu, entendeu por bem não se candidatar. Foi uma atitude que caiu bem nos diversos meios algarvios, uma vez que «não se pode governar o turismo da região a partir de Estrasburgo», se-



Horácio Cavaco e Carlos Luís: dois candidatos do PSD, com apoios diferentes, que não conseguiram ser eleitos à primeira

gundo o responsável por um dos semanários do Algarve.

Ao acto eleitoral de ontem apresentaram-se dois candidatos, Carlos Luís, actual membro do executivo da RTA (vogal) e que é também presidente da Associação Portuguesa das Agências de Viagem e Turismo, e Horácio Cavaco, director da Escola de Hotelaria do Algarve. Apenas um partido tomou posição pouco antes das eleições, apoiando Horácio Cavaco: o PSD.

O PCP, entretanto, foi acusado de se aliar ao PSD no apoio a Horácio Cavaco. O presidente da Câmara de Faro e militante do PSD, Negrão Belo, afirmou aos

jornalistas algarvios desconhecer qualquer acordo com o PCP. O «DL» apurou que os comunistas do Algarve não apoiavam nem apoiam qualquer candidato partidário, negando-se a patrocinar uma lista com elementos afectos ao PS e encabeçada por um social-democrata sem garantia de que na sua comissão executiva tomem parte elementos essencialmente técnicos.

O dirigente comunista Carlos Luís Figueiras, afirmou a propósito da insinuação sobre um acordo PSD/PCP: «Tudo quanto se diz sobre isso visa esconder outra realidade: a de que o PS sempre hegemonizou partida-

riamente a RTA e utilizou este órgão para promoção política e partidária da sua gente, não estando agora em condições de exercer hegemonia».

Região de Turismo deve estar longe do plano político

Um dos candidatos à presidência da RTA há mais de um ano que defende a necessidade do cargo ser cada vez mais técnico e menos político. Horácio Cavaco, com efeito, já o ano passado sustentava a necessidade de o cargo de presidente da RTA

não dever ser político, nem muito menos exercido em «part-time».

Segundo ele, a presidência de um órgão como é a Região de Turismo do Algarve — que remonta a antes de 1970 e era inicialmente designado por Junta de Turismo do Algarve — é «um lugar de muita responsabilidade e deveria ser preenchido por profissionais do sector. Tem passado por aí, acrescentou o director da Escola Hoteleira de Faro, uma porção de gente que não percebe nada de turismo e que, para cúmulo, mal lá põe os pés. É por isso que ocupado em o cargo não seja ocupado em «part-time».

E para que isso não aconteça, Horácio Cavaco encabeça a lista que o PCP não encabeça — bem pelo contrário —, uma vez que esta é integrada por alguns técnicos de apreciável renome no Algarve, em particular os representantes do Sindicato de Hotelaria do Algarve e das associações empresariais. É de recordar, a propósito, que a comissão cessante não incluía representantes do sindicato hoteleiro.

Da lista de Horácio Cavaco constam os nomes do vice-presidente da Associação dos Industriais de Hotelaria, Palma Borges, do ex-vereador da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, João Manuel Rodrigues, e do golfista Toni Barnabé, entre outros. Carlos Gonçalves Luís, seu opositor, apresentou uma lista que integra dois nomes da actual comissão.

Actual movimento grevista é o mais longo desde 1974

- afirma o coordenador da CGTP

As duas centrais sindicais portuguesas admitem, ainda que por motivos diferentes, que o Verão de 1986 regista o maior movimento grevista desde o 25 de Abril de 1974.

Manuel Carvalho da Silva, secretário-coordenador da CGTP-Intersindical, disse à Anop que o actual movimento grevista «é o mais prolongado desde o 25 de Abril» e justifica a sua dimensão por se tratar de «uma resposta dos trabalhadores proporcional ao ataque do Governo e do patronato».

«Este movimento é o resultado da intransigência demonstrada pelo Governo, tanto na contratação colectiva como nos ataques aos direitos ao salário e ao trabalho», disse Carvalho da Silva.

José Veludo, da UGT, sustenta, por seu turno, que «o que está em causa são motivos de na-

tureza laboral e também factores de ordem política que estão a ser utilizados pela Inter».

«No domínio laboral, acrescentou, o grande acontecimento deste Verão foi a assinatura, pelo Conselho Permanente da Concertação Social de um documento que prevê a actualização dos salários à medida da taxa de inflação com o acréscimo dos ganhos de produtividade».

José Veludo considera que «a Inter não percebeu — ou não consegue acompanhar — o realismo desse acordo e a necessidade de um clima de concertação social e está a agudizar conflitos laborais localizados».

Ao nível político, o dirigente da UGT sustenta que «com a aproximação de um Outono em que se esperam vários confrontos políticos, a Inter aproveita as fúrias para manter a forma».

Tanto a CGTP como a UGT admitem que as greves que se registam, designadamente no sector dos transportes, só têm a dimensão que se lhes conhece porque envolvem sindicatos afectos às duas centrais sindicais.

Manuel Carvalho da Silva afirma que «a direcção da UGT está do lado completamente oposto ao da luta dos trabalhadores — como prova o acordo que celebrou no Conselho Permanente de Concertação Social — mas sublinha que «se constata uma grande unidade de várias camadas profissionais em torno de objectivos concretos».

«Essa unidade, acrescenta Carvalho da Silva, regista-se até nos protestos contra o documento assinado pela direcção da UGT no CPCS, como o provam documentos já divulgados por

sindicatos ligados à UGT».

O dirigente da CGTP considera que, em problemas como o do «ataque do Governo ao sector empresarial do Estado ou ao sector da saúde se tem registado u clima de unidade em várias camadas profissionais».

José Veludo considera que os sindicatos da UGT têm, este Verão, estado envolvidos «em lutas ligeiras» e insiste em que o fundamental da luta dos trabalhadores foi ganho com a assinatura do acordo do CPCS que prevêem a actualização dos salários ao ritmo do crescimento da inflação».

«Se, por qualquer motivo — e os recentes aumentos do petróleo já são um prenúncio — a inflação aumentar, o crescimento dos salários dos trabalhadores estará assegurado por esse acordo» sustenta o dirigente da UGT.

Prosseguimento da greve na RN discutido hoje pelos sindicatos

As estruturas sindicais dos trabalhadores da Rodoviária Nacional vão hoje decidir sobre «as formas reivindicativas a adoptar no prosseguimento da luta», informou uma fonte sindical. Hoje não está marcada qualquer paralisação, tendo-se realizado ontem duas concentrações junto aos ministérios do Trabalho e dos Transportes.

Entretanto, a administração da Rodoviária Nacional afirmou ontem que «os autocarros utilizados na manifestação dos trabalhadores estavam em situação de ilegalidade, sem a necessária autorização da empresa».

Ouvido pela Anop, um porta-voz da administração da Rodoviária Nacional afirmou que «alguns casos os sindicatos tentaram alugar autocarros à Rodoviária Nacional para se dirigirem a Lisboa a fim de participar na manifestação mas a administração recusou-se a alugar esses autocarros».

«Mesmo depois da recusa, a empresa tem conhecimento de que estão em Lisboa autocarros vindos de vários pontos do País e mesmo dos centros da capital», disse a mesma fonte.

O porta-voz da administração da Rodoviária Nacional disse que «a empresa vai proceder ao necessário apuramento de responsabilidades e agirá de acordo com as responsabilidades apuradas».

Um representante dos trabalhadores da RN, contactado pela Anop, informou que se concentraram em Lisboa cerca de 2000 trabalhadores que chegaram de vários pontos do País em autocarros da empresa e em viaturas próprias».

Cimenteiras voltam a laborar

Após 13 dias de greve consecutivos no sector dos cimentos, sindicatos e patronato chegaram ontem a um acordo que permitiu que a greve fosse desconvocada a partir das 00h00 de hoje.

O acordo, estabelecido apenas nas cláusulas de expressão pecuniária, sendo a tabela salarial deixada de fora e remetida à conciliação do Ministério do Trabalho, teve por objectivo pôr termo à greve.

Para os sindicatos, o aumento da massa salarial conseguido foi de 17,8 por cento enquanto que para o Conselho de Gerência da Cimpor esse valor não ultrapassa os 15,57 por cento.

Esta greve, cujo primeiro período a nível nacional se iniciou a 24 de Julho último, levou à paralisação quase completa da produção de cimento, o que provocou a importação de cimento espanhol e queixas por parte das empresas de construção civil.

Líbios dispostos a deixar a Fiat

O director do departamento italiano da Lafico, sociedade que representa os interesses líbios no estrangeiro, afirmou segunda-feira em Roma, que o seu país está pronto a vender a quota na empresa automobilística Fiat.

«Se a família Agnelli está disposta a voltar a comprar as acções da Fiat em nosso nome, pagando o preço por nós estabelecido, estamos prontos a vender», disse Mohammed Shetewi Naas, que adiantou não ter a Lafico (Libyam Arab Foreign Investment) recebido ainda qualquer proposta nesse sentido.

As acções da Líbia (compradas em 1979 pelo valor de 380 milhões de contos) representam 15,9 por cento do capital da multinacional italiana, o que lhe dá o direito de ocupar um lugar no Conselho de Administração daquela empresa.

A presença da Líbia nos capitais da Fiat tem colocado dificuldades à política de penetração da empresa no mercado norte-americano e poderá impedir a realização das suas pretensões de participar no projecto «Guerra das Estrelas», através do fornecimento de componentes.

Além dos 15 por cento da Fiat, a Lafico possui em Itália uma maioria de 70 por cento do capital da empresa petrolífera Tamoil

UGT, CGTP, CIP

Unanimidade contra projecto do Governo sobre contratação

A UGT considerou ontem que a proposta do Governo de revisão do regime jurídico das relações colectivas de trabalho «deixa quase tudo na mesma ou altera para pior».

Em comunicado, a UGT contesta, nomeadamente, a proibição de acções para alteração da convenção durante a vigência da mesma e considera inaceitável que a redução de condições de trabalho deixe de poder ser feita só por nova convenção expressamente declarada globalmente mais favorável.

No documento em que a central sindical toma posição sobre o projecto de decreto-lei de revisão do regime das relações de trabalho é ainda recusada a alteração relativa às portarias regulamentadoras do trabalho.

Depois de salientar que o projecto deve ser recusado, a UGT propõe que o «debate sobre a questão seja remetido para análise no contrato social para a modernização».

A UGT defende ainda a instituição de um provedor de Justiça do Trabalho, do qual dependa um serviço autónomo de

conciliação e mediação e seja eleito por três quartos dos deputados por um prazo de sete anos.

A CIP, recorde-se, contestou também esta semana o projecto governamental, considerando que o actual regime das relações colectivas de trabalho é «positivo».

CGTP

Entretanto, uma delegação da União dos Sindicatos de Lisboa (CGTP-IN) e representantes de 70 empresas e 15 sindicatos do distrito de Lisboa, filiados na CGTP, entregou ontem no Ministério do Trabalho a sua posição sobre aquele projecto de decreto-lei do Governo.

Em comunicado, a União dos Sindicatos de Lisboa considera que o Governo, com este projecto, demonstra não ter qualquer interesse em garantir e promover a contratação e negociação colectivas como forma de facilitar a resolução de muitos problemas laborais.

Finalmente, a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPACES) alertou ontem para

«a inconstitucionalidade orgânica e material» do projecto governamental sobre contratação colectiva.

Em comunicado, aquela federação (CGTP) afirma que o órgão competente para legislar sobre a matéria é a Assembleia da República (o Governo só poderá fazê-lo se o Parlamento lhe conceder autorização legislativa, o que não aconteceu — refere a FEPACES) e que o projecto agrava as limitações e restrições ao objecto e direito de contratação colectiva.

«O projecto discrimina ilicitamente os trabalhadores, agrava as limitações e restrições ao objecto e direito de negociação e de contratação, restringe o direito à greve e pretende impor normativos de conduta, como seja o 'dever de paz social', tendente a impor a censura de direitos elementares», acrescenta-se no comunicado.

A federação afirma que o projecto «deixa tudo na mesma» e que as alterações que contém «são de conteúdo profundamente negativo e inaceitáveis pelos trabalhadores».

Porto continua sem transportes

Os sindicatos representativos dos trabalhadores dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto (STCP), ontem reunidos, elaboraram um novo calendário que prevê paralisações nos três sectores da empresa a partir da próxima semana.

O calendário de greves determina uma greve no sector do movimento já na sexta-feira, a partir das 15h00 (mas com

recolha de viaturas a partir das 14h00, para a realização de um plenário geral), a qual se prolongará até às 00h00 de domingo.

Os sectores oficial e administrativo paralisarão hoje, a partir das 14h00 e amanhã a partir das 8h00 e até às 13h00, acabando a greve por se prolongar pelo resto do dia, devido a realização do plenário geral.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	35\$00	41\$00
ALEMANHA FED. (marco)	69\$95	71\$15
ÁUSTRIA (xelim)	9\$90	10\$10
BÉLGICA (franco)	3\$171	3\$421
BRASIL (cruzado)	3\$90	6\$40
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	104\$020	106\$70
(notas de 5 a 1000)	104\$70	107\$20
DINAMARCA (coroa)	18\$70	19\$10
ESPAÑA (peseta)	1\$050	1\$170
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	144\$85	148\$35
(notas de 5 a 1000)	145\$35	148\$85
FINLÂNDIA (marka)	29\$30	29\$90
FRANÇA (franco)	21\$50	22\$20
HOLANDA (florim)	62\$05	63\$15
IRLÂNDIA (libra)	194\$95	198\$95
ITÁLIA (lira)	\$092	\$107
JAPÃO (iene)	\$895	\$950
NORUEGA (coroa)	19\$60	20\$10
REINO UNIDO (libra)	216\$00	220\$50
SUÉCIA (coroa)	20\$85	21\$35
SUIÇA (franco)	86\$70	88\$20
VENEZUELA (bolívar)	5\$90	6\$90

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Armas químicas

A Câmara de Representantes dos Estados Unidos aprovou uma resolução, por um voto de diferença, que proíbe a produção de armas químicas. O resultado foi de 210 votos contra 209 e seguiu-se a aprovação de outras três resoluções que proibem a realização de ensaios da arma anti-satélite «ASAT», limitam a potência de futuros ensaios nucleares e obrigam a administração ao cumprimento do Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT-2).

Inundações na China

Centenas de milhares de pessoas estão mobilizadas na construção de diques para conter cheias que já atingiram 2500 aldeias no nordeste da China, anunciou a televisão central. Em três províncias do nordeste da China, cerca de cinco milhões de pessoas foram afectadas pelas chuvas torrenciais que caem há várias semanas. Estas inundações provocaram já a morte de 74 pessoas.

Desertor regressa

O soldado soviético Igor Azhevski, expulso da Finlândia onde procurava asilo político, regressou à URSS, horas depois de ter chegado à Suécia, anunciou a Polícia. Azhevski, de 23 anos, era guarda na fronteira entre a URSS e a Finlândia até à sua deserção. Após uma reunião com autoridades consulares soviéticas em Estocolmo, o desertor decidiu não ficar na Suécia, referiu um porta-voz.

Controlo de armas

Os negociadores de armas norte-americanos e soviéticos efectuaram esta semana, em Moscovo, uma boa troca de impressões e voltarão a reunir-se, em Washington, para preparar a próxima cimeira, disse o porta-voz do departamento de Estado, Charles Redman. O encontro efectuar-se-á antes do secretário de Estado, George Shultz, e do ministro soviético dos negócios estrangeiros, Edward Shevardnadze, se reunirem, em Washington, em 19 e 20 de Setembro, afirmou Redman aos jornalistas.

Armas pelo correio

Armas e munições enviadas pelo correio desde Chicago, Estados Unidos, em oito encomendas postais foram encontradas ontem num expedidor de correios em Dublin, disse a polícia, acrescentando suspeitar que se destinavam ao exército republicano Irlandês (IRA). A polícia deteve, posteriormente, dois homens para interrogatório depois de haver feito buscas em várias domicílios, localizados na Irlanda, para onde as encomendas estavam destinadas.

Frente Polisário

A Frente Polisário informou o Governo norte-americano da sua vontade de negociar com Marrocos uma solução política do conflito do Saara Ocidental, indicaram em Argel fontes diplomáticas Ocidentais.

Um porta-voz da embaixada norte-americana na capital argelina confirmou a existência de contactos com a Polisário no decurso de uma missão informativa sobre os campos de refugiados Saaurais, efectuada esta semana por um conselheiro político da missão diplomática dos Estados Unidos.

Acordo Israel-Egipto

O Governo israelista aprovou o acordo que submete a disputa israel-egípcia sobre o enclave de TABA à arbitragem internacional — anunciou um porta-voz do governo.

A decisão termina com o longo impasse nas negociações que as partes travavam para decidir a questão do minúsculo enclave de cerca de um quilómetro quadrado.

Baixas na UNITA

Tropas governamentais angolanas mataram 187 guerrilheiros da UNITA em combates na província do Moxico, anunciou as autoridades de Luanda. Num despacho recebido em Lisboa, e citando um porta-voz do Ministério de Defesa angolano, a agência noticiosa ANGOP afirmou que os combates ocorreram em dias recentes.



Cidade eterna deixa muito a desejar em matéria de limpeza

Eduardo Gomez Ortega, de IPS

Embora concordando que Roma é eterna, os parlamentares italianos consideram que ela deixa muito a desejar em matéria de limpeza, pelo que muitos fizeram um alerta chamando a atenção para o mau estado social e ambiental da capital italiana.

Esta cidade transformou-se num depósito de lixo, queixou-se Mário Capanna, deputado e líder do pequeno Partido de esquerda «Democracia Proletária».

Obrigados a viver pelo menos três dias por semana na capital, os parlamentares manifestaram-se agora de acordo com o presidente do município Nicola Signorello, da Democracia Cristã, que a declarou «zona de alto risco ambiental».

Signorello pediu 1250 milhões de dólares para «lavar» a cara a uma das cidades-museu mais fascinantes do mundo, mas o Ministério da Ecologia respon-

deu que o problema «não é da sua competência».

O deputado republicano Luiz Arisio, afirmou que «em Roma vive-se muito bem, embora concorde que em matéria de limpeza deixa muito a desejar».

O Município de Roma acaba de assinar um acordo sobre o contrato colectivo dos trabalhadores da chamada «limpeza urbana», que diariamente recolhem uma centena de toneladas de resíduos, somente no denominado «centro histórico».

«Se fizermos um cálculo conservador, aos três milhões e meio de habitantes teremos de acrescentar não menos de meio milhão de turistas diários: Está certo, o romano não é cuidadoso com a sua cidade, mas os estrangeiros também deixam garrafas dos mais diferentes tipos de bebidas e sacos de plástico por todo o lado», comentou Nicola Signorello.

Para o deputado e ministro socialista do Comércio Externo, Rino Formica, «os turistas sujam Roma porque vêem os próprios romanos tratar a cidade como lixeira».

O mais crítico nesta matéria é Mário Campanha, que propôs ao Parlamento o encerramento definitivo do centro histórico aos automóveis, e um aumento dos transportes públicos.

O comunista Renato Zangheri, que foi durante dez anos presidente do Município da cidade de Bolonha, disse que o Estado deveria constituir «órgãos eficientes de intervenção para evitar a degradação urbana».

No famoso bairro de Trastevere, o mais antigo e típico de Roma, num só mês ruíram meia dezena de edifícios habitados, tendo uma outra dezena sido declarada «perigosa».

Concetto Lo Bello, actual-

mente presidente do Município siciliano de Siracusa, disse que um dos remédios para o problema é impor multas «muito severas» aos cidadãos que prevariquem, como aconteceu no seu município e que conduziu a uma melhoria da higiene da cidade na ordem dos 60 por cento.

O deputado comunista Claudio Petrucci, ex-director do órgão oficial do partido, «L'Unità», comentou que «anteriormente culpava-se a junta municipal de esquerda, agora que ela é governada pelo «Partido» (a coligação de democratas cristãos, socialistas, republicanos, liberais e social-democratas) estamos pior».

Nicola Signorello acusou os órgãos competentes e o Parlamento de indiferença e lamentou-se dizendo: «sinto-me como D. Quixote, luto contra moinhos de vento».

México intensifica a luta antidroga

O Governo mexicano iniciou a maior operação contra o tráfico de drogas no Noroeste do país, mobilizando 25 000 elementos das forças de segurança do Estado e aplicando um milhão e meio de dólares.

A Procuradoria Geral da República informou que o dispositivo, denominado «Pacífico VII», foi programado em função dos ciclos naturais do cultivo e colheita de papoila e marijuana, pelo que começa no Ocidente mexicano.

O início da operação coincide com a realização da reunião de ontem em Washington dos presidentes do México, Miguel de La Madrid, e dos Estados Unidos,

Ronald Reagan. Na reunião, será abordado o tema do tráfico dos estupefacientes, que tem causado problemas entre as duas nações nos dois últimos anos.

Os bispos católicos do Sudeste mexicano salientaram que o tráfico de narcóticos tem uma rede perfeitamente organizada na região, o que seria impossível sem a cumplicidade de altos funcionários. Disseram ainda que hoje é cada vez maior o número de regiões que se dedicam aos estupefacientes, o que «em breve nos poderá conduzir a um desastre social generalizado».

De acordo com a informação da Procuradoria, de Janeiro a Maio de 1986 destruíram-se

6 318 hectares de papoila e foram confiscados 2 650 quilogramas de cocaína.

Em 1984, foram destruídos 5 142 hectares de papoila e apreendidos 443 quilogramas de cocaína, enquanto no ano passado foram arrasados 12 421 hectares de ópio e confiscados 2 563 quilogramas de cocaína.

Quanto às substâncias psicotrópicas, tanto depressivas como estimulantes, a Procuradoria informou que em 1984 foram confiscadas 767 719 unidades e 815 400 unidades no ano passado.

A Procuradoria, que destina 43 por cento do seu orçamento à luta antidroga, disse que os

25 000 efectivos do exército que participam na campanha permanente contra o tráfico de narcóticos confiscaram anteriormente 10 946 armas, 685 veículos terrestres, 30 aeronaves de diferentes tipos e 12 veículos marítimos.

A Procuradoria acrescentou que durante 1984 foram processadas 6 525 pessoas envolvidas em casos de delito contra a saúde e no ano passado 8 971, pelas mesmas razões.

A luta contra a droga apresentou no ano passado um saldo de oito mortos entre os membros do Exército e dez entre os elementos da Polícia judicial federal. De Janeiro a Março de 1986, morreu um cabo de Infantaria.

Londres rejeita proposta de Pieter Botha

A Grã-Bretanha rejeitou a proposta do presidente sul-africano, Pieter Botha, para uma conferência internacional sobre a África Austral, afirmando não serem necessárias mais reuniões. Um porta-voz do Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros disse que o Governo londrino está desapontado por Botha «não revelar sinais de dar o salto suficiente que é tão claramente necessário».

Ao inaugurar o Congresso do Partido Nacional, no poder há 38 anos, o presidente Botha sugeriu uma conferência com os países ocidentais sobre os problemas da África Austral.

Em comentário, o porta-voz do Foreign Office disse: «Não são necessários mais foruns para resolver os problemas».

O funcionário acrescentou não haver qualquer plano para que o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe, retorne a missão de paz para a região, para que foi mandatado pelos 12 países da Comunidade Económica Europeia (CEE).

O presidente Reagan saudou a oferta de Botha, afirmando que os Estados Unidos estão prontos para se juntarem aos países ocidentais em conversações com a África do Sul para negociar o fim do apartheid.

Contudo, o vice-ministro sul-africano da Informação, Louis Nel, disse numa entrevista à

BBC sobre o assunto, que o presidente estava preparado para discutir com os países ocidentais a África Austral como um todo, mas não para debater a situação interna sul-africana.

«O presidente tornou claro que está preparado para discutir e negociar com os países ocidentais a situação na África Austral, como um todo. Não deu qualquer indicação de estar preparado para negociar com os países ocidentais a situação interna na África do Sul».

Nel desmentiu que Botha tenha afastado no seu discurso todas as hipóteses de uma solução pacífica para os problemas da África do Sul.

O ministro sublinhou que o presidente se tinha empenhado pessoalmente em negociações com os dirigentes negros e líderes comunitários sobre a partilha do poder e um novo futuro constitucional para o país.

Nel excluiu contudo conversa-

ções com o movimento negro de guerrilha, Congresso Nacional Africano (ANC), na clandestinidade.

«O Governo tornou claro que não está preparado para negociar o futuro do país com organizações dominadas por comunistas ou com pessoas que não estão preparadas para renunciarem à violência», disse Nel.

Reacções contraditórias

A nível interno, o discurso de Pieter Botha provocou reacções contraditórias.

Ao invés dos 1700 delegados ao Congresso do Partido Nacional em Durban, que acolheram com entusiasmo a alocução presidencial, a oposição libera branca rotulou-o de discurso partidário «desesperadamente desapontador» e «sem nenhuma esperança para os negros».

Helen Suzman, porta-voz da oposição parlamentar, disse que o discurso pouca tranquilização deu aos sul-africanos perante as condições adversas que enfrentam.

Foi «inteiramente» virado «para a política partidária do presidente» e não um discurso de Estado, como se esperava, «à luz

das ameaças (de sanções)», sublinhou Suzman. Acrescentou que Botha deveria ter falado de uma «política adequada de reforma para dismantlar o apartheid, em vez das balelas que ouvimos sobre o comunismo».

Colin Eglin, líder do Partido Federal Progressista (PFP), de Suzman, disse que Botha não anunciou uma «orientação ousada» e deveria ter-se dirigido a todas as raças da África do Sul e não só aos brancos apoiantes do partido no poder. É ridículo que só a opinião branca seja consultada, comentou Eglin a propósito da insinuação do presidente de que uma eleição geral ou um referendo poderá «realizar-se mais cedo do que muita gente espera».

Os principais empresários concordaram com Botha que uma «contra-estratégia eficaz» contra as sanções exigiria estreita co-opeção dentro o governo e o sector privado.

O dirigente das Câmaras de Comércio Associadas, Raymond Parsons, salientou que «enquanto a comunidade empresarial crê que todas as medidas económicas possíveis devem ser tomadas para evitar mais sanções, também considera repletas de buracos as iminentes decisões externas sobre sanções».

Irão/Iraque: a guerra dos navios

Mais de 222 navios com pavilhão de 22 países foram atacados no Golfo Pérsico desde o início da guerra Irão-Iraque e a frequência dos ataques aéreos contra os petroleiros, cargueiros e navios de cabotagem aumentou desde o princípio do ano.

A avaliação é da seguradora britânica Lloyd's, que comenta que, tendo esta guerra dos petroleiros o objectivo de paralisar a economia do inimigo, os dois estados beligerantes não têm medo de tentar melhorar a eficácia dos seus ataques.

Como prova, está o bombardeamento sem precedentes na passada terça-feira pelos Mirages F-1 iraquianos contra o terminal iraniano da ilha de Sirri.

Pelo menos dois super-petroleiros, o cipriota Klelia (329 985 toneladas de carga

útil) e o iraniano Azarpad (233 788 toneladas), foram gravemente atingidos pelos Mirages, com o apoio de aviões de carga soviéticos transformados em reabastecedores em voo por Bagdad.

Segundo as estatísticas corrigidas diariamente pela Lloyd's, 128 dos 222 navios alvejados por mísseis, por Rockets ou por bombas desde Maio de 1981 (data do primeiro ataque no género) eram petroleiros e trinta deles tinham mais de 200 mil toneladas de carga útil.

O balanço agravou-se consideravelmente depois do princípio deste ano.

De Janeiro a fins de Julho, meia centena de navios tinha sido atacada, ou seja mais do que durante todo o ano passado. Os estragos foram tão grandes que, na maioria dos casos, os navios acabaram na sucata ou

afundaram-se no local do ataque, diz a Lloyd's.

O balanço em perdas humanas foi-se também agravando. Durante os primeiros sete meses deste ano, duas dezenas de tripulantes morreram e meia centena ficou ferida, fazendo subir para 70 o total de mortos desde o início dos ataques.

Segundo pesquisas publicadas pela Lloyd's em fins de Julho, os navios iranianos (42) foram os mais alvejados, seguidos pelos libaneses (35) e cipriotas (22). Na opinião de todos os peritos, a aviação iraquiana dispõe de uma clara superioridade, sobretudo graças aos Mirages franceses, armados com mísseis Exocet e AS-30 guiados até ao alvo por raios Laser.

Para suprir a sua inferioridade, os iranianos recorrem

cada vez mais a helicópteros, mantidos «nas redondezas» em plataformas petrolíferas off-shore, o que lhes garante raio de acção suficiente para atacar os petroleiros que transportam ramos iraquianos.

Um porta-voz da associação de armadores Intertanko, com sede em Oslo, declarou na semana passada numa entrevista ao jornal da Lloyd's:

«O negócio no Golfo tem que continuar. A despeito do aumento dos ataques deste ano, a percentagem de navios atingidos continua muito baixa».

Na realidade, o aumento dos ataques contra petroleiros no Golfo não tem efeito dissuasor.

Os petroleiros continuam a chegar ao Golfo, atraídos sobretudo pelo lucro importante que ainda esperam aqueles que desistem de aventurar-se nas suas águas turvas.

Senado norte-americano aprova apoio aos "contras"

O Senado norte-americano votou hoje favoravelmente, por 53 votos contra 47, o controverso projecto de Reagan para uma ajuda militar aos rebeldes que combatem o regime sandi-

nista da Nicarágua.

A votação do Senado, maioritariamente republicano, deu luz verde ao «pacote» de auxílio militar e outro aos «contras», avaliado em cem milhões de dólares.

Bomba mata 15 em Beirute

Pelo menos 15 pessoas morreram e 40 ficaram feridas quando um carro armadilhado explodiu hoje numa zona comercial de Beirute Oriental, sector predominantemente cristão.

O carro foi armadilhado com cerca de cem quilos de explosivos e estava estacionado junto a uma cafeteria e nas proximidades de um hospital.

A explosão ocorreu numa altura em que facções rivais da milícia cristã estão, alegadamente, envolvidas em novas batalhas de rua em três zonas de Beirute.

O atentado coincidiu também com a divulgação de um relatório das Nações Unidas de que uma

base de abastecimento da sua força de manutenção da paz no Sul do Líbano (Infil) foi atacada com cinco granadas, hoje de madrugada, numa cidade portuária de Tiro. O porta-voz da Unifil, Timur Goksel, disse que o ataque causou avultados danos materiais mas não vítimas.

A base atacada é controlada por vários contingentes da Unifil, incluindo soldados franceses.

O batalhão francês da Unifil tem estado envolvido em confrontos com activistas do movimento xiita «Amal» em duas aldeias a Leste de Tiro. As hostilidades causaram quatro mortos e cinco feridos entre os xiitas.

EXCURSÕES AVIC

AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTÉIS DE 1.

MARROCOS. CIDADES IMPERIAIS 9 DIAS - Partidas 23.8 € 6 20.9

GIBRALTAR - TÁNGER E CEUTA 5 DIAS - Partidas 13.24.8 € 7 14.9 2/10

TETUAN. CEUTA E TORREMOLINOS 4 DIAS - Partidas 14.8 € 7 21.9 2/10

INGLATERRA. ESCÓCIA. PARIS 21 DIAS - Partidas 23.8

LONDRES. BRUXELAS. PARIS 15 DIAS - Partidas 7.8 € 11.8

BENELUX. PARIS. CRUZEIRO NO RENO 15 DIAS - Partidas 10.8 € 7.8

TRÊS ALPES. ÁUSTRIA. TIROL 17 DIAS - Partidas 5.9

NORMÂNDIA. PARIS. VERSAILLES 13 DIAS - Partidas 13.8

LOURDES. PARIS. ANDORRA 11 DIAS - Partidas 17.8 € 1.8

CÔTE D'AZUR. MÓNACO E SAN REMO 11 DIAS - Partidas 18.8 € 3 17.8 1/10

BIARRITZ. LOURDES E ANDORRA 7 DIAS - Partidas 23.8 € 6 20.9 1/10

MOSTEIRO DE ESPANHA E ANDORRA 10 DIAS - Partidas 22.8 € 5 18.9

CÓRDOBA. GRANADA E SEVILHA 5 DIAS - Partidas 13.8 1/10

ASTÚRIAS E PICOS DA EUROPA 6 DIAS - Partidas 15.8 € 17.9

GALIZA. RIAS BAIXAS E PICOS DA EUROPA 5 DIAS - Partidas 15.8 € 3 24.9 1/10

MADRID. ARANJUEZ. TOLEDO 4 DIAS - Partidas 14.8 € 4 25.9 2/10

SEVILHA. ARACENA. BADAJOZ 3 DIAS - Partidas 15.8 € 5 19.9 3 30.10

TRÁS-OS-MONTES. MINHO E BEIRAS 5 DIAS - Partidas 10.24.8 € 7.8

PENEDA. SOAJO E GERÊS 5 DIAS - Partidas 13.20.8 € 3 24.9 1/10

NORDESTE. DOURO E BEIRAS 4 DIAS - Partidas 14.28.8 € 11 25.9

MINHO. SOAJO E BUÇACO 3 DIAS - 15.22.29.8 € 5 12.19.26.9 € 13 17.10 € 1 11

DOURO. MINHO E BEIRAS 3 DIAS - Partidas 15.23.8 € 5 27.9 € 3 31.10

ALTO MINHO. GERÊS E CANICAÇA 3 DIAS - 22.29.8 € 5.12.19.26.9 € 3 31.10

MINHO. GERÊS E CANICAÇA 3 DIAS - Partidas 23.30.8 € 8 13.20.27.9 € 4/10

ALGARVE SUL E MAR 3 DIAS - Partidas 29.8 € 5 19.9 € 3/10

Reservas e informações na:

AVIC AV. 5 DE OUTUBRO, 53 - LISBOA

Telefones: 52 11 16/52 11 17/57 2970

OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

GROSSISTA 473/65

Manobras da NATO

Duzentos mil soldados da NATO ocuparão a Europa, da Noruega à Turquia, em manobras de três meses no Outono, anunciou o Supremo Comandante Aliado da Europa (SHAPE) em Mons, 55 quilómetros a sul de Bruxelas. As man-

obras «Forja de Outono» (Autumn Forge 86) terão 20 exercícios com nomes de código como Fero Leão, Barra Gelada, Cão Azul, Guarda Audaz, Fogo Frio, Espadas Cruzadas e Triângulo Eterno.

Prémio internacional para Mc Cann-Hora

Vera Nobre da Costa, directora de contacto da McCann-Erickson / Hora, acaba de ser distinguida, em Helsínquia, durante a reunião anual de «management» europeu daquela multinacional de publicidade, com um dos seus mais importantes galardões internacionais: o «Harrison K. McCann Award». Este troféu premeia o trabalho desenvolvido pelos distinguidos e é atribuído anualmente em encontro dos responsáveis máximos de todas as «McCann» da Europa.

Por sua vez a McCann-Erickson / Hora, que em 1985 tinha sido a «Agência do Ano», averbou agora nova distinção por ter sido, a nível europeu, o escritório que melhor trabalho realizou na criação e desenvolvimento de novos negócios. Recorde-se, entre outras actividades relevantes, a recente en-



Vera Nobre da Costa recebendo o prémio entregue por A. Silva Gomes

trada em funcionamento da divisão McCann Direct.

Os troféus alcançados foram, há dias, entregues em Lisboa a Vera Nobre da Costa e aos res-

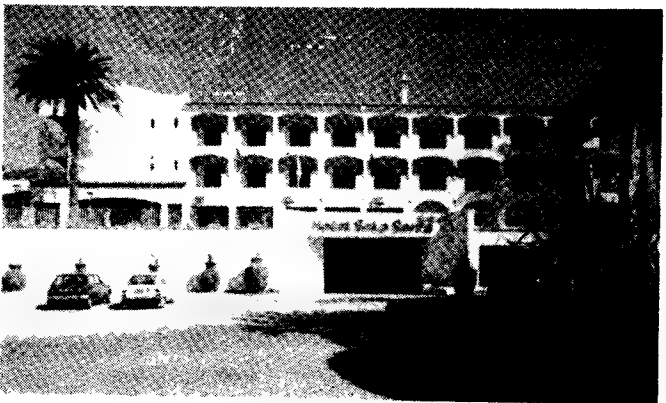
ponsáveis pelos vários departamentos da McCann-Erickson / Hora em jantar a que presidiu o administrador-delegado e director-geral António Silva Gomes.

Hotel Sol e Serra em Castelo de Vide promove concurso de fado amador

Promovido pelo Hotel Sol e Serra, em Castelo de Vide, realiza-se, durante os próximos meses de Setembro e Outubro, um concurso para fadistas amadores denominado «Fado Novo, Faro Povo», aberto à população do distrito de Portalegre. Os candidatos podem inscrever-se até 3 de Setembro e a final realiza-se em 31 de Outubro, após duas eliminatórias, havendo, no entanto, audição e selecção prévias a cargo de instrumentistas idóneos.

O Hotel Sol e Serra pertence ao Grupo Fernando Barata, e situa-se no centro da vila de Castelo de Vide, a 600 metros de altitude, compondo-se de 51 quartos duplos com casa de banho e varanda privativas, restaurante para 150 lugares, amplo «cocktail»-bar com música ao vivo ou folclore e terraço-esplanada anexo, sala de reuniões para

120 pessoas e parque privativo para automóveis. A 17 quilómetros da fronteira, do lado espanhol e perto de Valência de Alcântara, o hotel possui uma reserva de caça onde os hóspedes podem caçar veados, javalis, faisões e perdizes. Perto do hotel pode ainda praticar-se ténis e tiro aos pratos.



Um eléctrico chamado Singer

Realizou-se no passado dia 26 de Julho um animadíssimo passeio que reuniu, no espectacular eléctrico azul, amarelo e branco do Hifi Video Clube Singer, representantes de diversas lojas e concessionários Singer que integram o referido Clube, bem conhecido pela qualidade de serviço no campo do equipa-

mento de qualidade Hifi e Video.

No decorrer do jantar que se seguiu, foi longamente discutida a diversificação estratégica que a Singer se propõe imprimir às actividades do Clube, que agora se prepara para iniciar em força um dinâmico, económico e completo sistema de aluguer de filmes.



Siemens EWSD em expansão

O ano em curso tem sido altamente significativo na vida da Siemens, dando-lhe uma projecção que lhe permitiu aumentar acentuadamente a sua participação no mercado. Facto relevante, o de ter ganho o concurso dos Correios da República Federal da Alemanha para a instalação de centrais telefónicas digitais.

Nesse concurso, abrangendo centrais de trânsito e centrais locais, de um volume total de 137 000 linhas, foram atribuídas 100 000 à Siemens e adjudicadas as restantes à ITT. Entre as alíneas do concurso figura a ampliação de centrais já instaladas, que representará para a Siemens uma encomenda de 190 000 linhas e o aumento de 21 000 assinantes.

Quanto à rede local, de um volume de 225 000 linhas, 145 000 foram adjudicadas à Siemens e, as restantes, à ITT.

Grupo Eagle Star poderá reforçar investimento em Portugal

Executivos do Eagle Star Group, acompanhados do vice-presidente do BAT Industries («holding» a que pertence o Eagle Star Group) deslocaram-se a Portugal a fim de estudar a possibilidade de reforçar a posição do grupo no nosso País. O grupo de trabalho era composto por Brian P. Garraway, vice-presidente do BAT Industries, e por Graham Lockwood e Iain Milne, respectivamente director executivo e director-geral da Eagle Star — o ramo segurador e de serviços financeiros do grupo.

Os interesses do BAT Industries em Portugal vão desde uma participação de 42 por cento no capital da SOPORCEL — Sociedade Portuguesa de Celulose, SARL, através da Wiggins Teape, até a uma delegação da Eagle Star. Recentemente o Governo português autorizou também a Eagle Star Vie a abrir uma agência geral em Lisboa, vocacionada para a exploração de «modalidades inovadoras de seguro de vida, estimulando uma sã concorrência com outros produtos financeiros e contribuindo para a desejável modernização

do mercado de capitais».

Durante a sua estada em Portugal aquele grupo de executivos de primeira linha do sexto maior grupo privado europeu estabeleceu múltiplos contactos em Lisboa, no Porto e na Figueira da Foz com entidades oficiais e meios industriais e financeiros. Na oportunidade foi anunciado que A.T. Flynn, responsável pela Eagle Star em Portugal, será substituído nessas funções por S.M. Smillie, uma vez que passará a ocupar o cargo de Director de Grupo para a península Ibérica.

Rima instala sistema Nixdorf na CCAM de Santiago de Cacém

A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Santiago do Cacém, uma das maiores caixas de crédito agrícola do País, vai inaugurar a sua nova sede no próximo dia 16 de Agosto, contando com a presença do ministro do Plano e da Administração do Território, que presidirá à sessão solene. A nova sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Santiago do Cacém abrirá ao público no dia 18 de Agosto, estando em ligação «on-line» com as suas agências de Alvalade, Cercal, Grândola e Sines e oferecendo serviços ainda mais eficientes, suportados por um sistema Nixdorf 8864 BNC 2 (Banking Network Computer) com 12 postos de trabalho, segundo contrato firmado com a RIMA, representante exclusiva, em Portugal, da Nixdorf Computer



AG, o maior fornecedor europeu de sistemas bancários.

«Foi nosso objectivo dotar o novo edifício com equipamento e

aplicações informáticas de características especificamente financeiras, de forma a podermos responder às exigências impostas pelo nosso contínuo crescimento e competir em pé de igualdade com os serviços prestados pelos bancos.» — referiu o sr. Jorge Nunes, gerente da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Santiago do Cacém. «Por isso, optámos pelo mais avançado sistema Nixdorf, especialmente concebido para as instituições financeiras.»

De acordo com o mesmo contacto, a RIMA instalou também, naquela caixa de crédito, aplicações de «software» para as áreas de «front-office» e «back-office», estando já programada a instalação da área de «self-service», em data a anunciar oportunamente.

FNAC inaugura fábrica no Zaire

A FANAIR, Fabrique Nationale Air Conditioning, empresa do Grupo FNAC, acaba de inaugurar a sua fábrica de aparelhos de ar condicionado em Kingabwa, Zaire.

Obra arrojada, verdadeiro testemunho do esforço empresarial português no estrangeiro, esta fábrica é a primeira na África

Central e foi inaugurada no dia 26 de Julho pelo primeiro comissário do Estado do Zaire, Kengo wa Dondo.

Na inauguração esteve presente Alexandre Alves, presidente da direcção do Grupo FNAC, que salientou a vontade de dinamizar a cooperação económica entre o Zaire e Portugal.

Tendo como preocupação a qualidade dos produtos e a sua manutenção, bem como o serviço pós-venda, completo, a jovem empresa FANAIR prossegue os objectivos que sempre regeram a FNAC — Fábrica Nacional de Ar Condicionado, tornar o ar condicionado de qualidade acessível ao maior número de pessoas.

Navotel promove-se na área do turismo

O Hotel dos Navegadores, em Monte Gordo, anunciou que ainda este ano irá apresentar à Imprensa, num «cocktail» dado nas suas instalações, um grupo de «misses» de vários países, nomeadamente do Canadá e de algumas das suas províncias, ficando as jovens alojadas naquele hotel durante alguns dias.

O Hotel dos Navegadores pertence ao grupo hoteleiro Navotel, que é dirigido por Manoel de Olivier Augusto, canadiano, filho de portugueses, que durante muitos anos foi director hoteleiro no Quebec, província daquele país americano.

À Navotel, primeiro grupo hoteleiro português a criar um cartão especial VIP que permite 50 por cento de desconto unicamente à clientela portuguesa, pertencem outros estabelecimentos do ramo em Monte Gordo, nomeada-

mente o Grill Restaurante Copacabana, que ganhou este ano a Taça de Ouro Internacional para a Gastronomia atribuída pelo CITEM — Centro Italiano de Promozione Economica Mondiale.



Equipa premiada do Grill Copacabana. À direita, Moreira Costa, chefe do restaurante, e M. Olivier Augusto, director-geral do Grupo Navotel

Sede dos Jogos Olímpicos-92

Barcelona ratifica candidatura

A cidade de Barcelona ratificou a sua candidatura a sede dos Jogos Olímpicos de 1992 e desmentiu a existência de qualquer acordo entre os governos espanhol e francês em prejuízo da campanha da capital catalã.

Jose Miguel Abad, conselheiro delegado da candidatura olímpica de Barcelona, afirmou que as notícias surgidas na imprensa francesa sobre um acordo entre os dois governos que prejudicaria o projecto barcelonense carecem de fundamento.

Jornais franceses publicaram recentemente informações segundo as quais o governo espanhol retiraria o seu apoio à candidatura olímpica de Barcelona, a troco da extradição dos membros da ETA a residirem em França. Este tipo de rumores surge quando a imprensa internacional, como foi o caso recente do «Herald Tribune», destaca o alto nível e as reais possibilidades da candidatura de Barcelona, acrescentou Jose Miguel Abad.

O rei Juan Carlos — disse ainda o porta-voz da organização catalã — é um firme defensor e divulgador do nosso projecto olímpico e o presidente do governo desmentiu de forma categórica tais rumores no discurso que proferiu na sua recente investitura.

A 17 de Outubro próximo os 91 membros do Comité Olímpico Internacional elegerão em Lausana a cidade sede dos Jogos de 1992, escolhendo entre as candidaturas de Barcelona, Paris, Belgrado, Amsterdão, Birmingham e Brisbane.

Acácio da Silva: 6.º em San Sebastian

Acácio da Silva classificou-se ontem em 6.º lugar na VI Clássica Internacional de Ciclismo de San Sebastian, ganha pelo espanhol Inaki Gaston.

O vencedor fez o tempo de 5h 53,43 para os 244 km da prova, à média de 41,030 km/hora. Na segunda posição, e com o mesmo tempo de Gaston, cortou a meta o seu compatriota Marino Lejarreta, tendo ambos corrido isolados, após uma fuga bem sucedida, os últimos 40 km do percurso.

Acácio da Silva, com o mesmo tempo do quinto classificado, o espanhol Vicente Belda, chegou com mais 3 minutos e 59 segundos do que o vencedor. O terceiro e o quarto classificados, os espanhóis Juan Fernandez e Frederico Echave, somaram mais 43 segundos do que Inaki Gaston e Marino Lejarreta, tendo este último vencido o prémio da montanha.

Classificação dos dez primeiros: 1.º Inaki Gaston, Espanha,



5h 53,43; 2.º Marino Lejarreta, Espanha, m.t.; 3.º Juan Fernandez, Espanha, a 43s; 4.º Frederico Echave, Espanha, m.t.; 5.º Vicente Belda, Espanha, a 3.59; 6.º **Acácio da Silva**, Portugal; 7.º Ludo Peeters, Holanda; 8.º Carlos Hernandez, Espanha; 9.º Anselmo Fuerte, Espanha; 10.º Angel Ocana, Espanha (todos com o mesmo tempo do 5.º classificado).

Basquetebol feminino

URSS e EUA lideram

as séries do "Mundial"

Os Estados Unidos venceram a China por 99-74 (50-49) em jogo da quinta jornada da fase prévia do campeonato do Mundo de basquetebol feminino, a decorrer nas cidades soviéticas de Minsk e Vilnius.

Resultados dos encontros da quinta jornada: Grupo «A», em Minsk: URSS — Coreia do Sul, 90-41 (47-23), Cuba — Bulgária, 77-76 (39-35) e Ca-

adá — Brasil, 82-75 (40-31)

A classificação geral do grupo «A» é comandada pela União Soviética, com 10 pontos, seguida do Canadá com 9 e de Cuba, com 8.

Grupo «B», em Vilnius: USA — China, 99-74 (50-49), Checoslováquia — Hungria, 78-61 (39-31) e Austrália — Formosa, 63-55 (24-31)

Os Estados Unidos lideram este grupo, com 10 pontos.

"Mundiais" de nataçao

Joana Figueiredo é a primeira portuguesa a saltar para a água

Procedeu-se, ontem, na Monumental de Madrid (Praça Las Ventas) à cerimónia de abertura dos campeonatos mundiais de nataçao, com um programa grandioso e variado. Coube à representação do Equador abrir o desfile dos países participantes, na qualidade de organizador dos anteriores campeonatos, e encerrou a representação espanhola como país anfitrião. Os restantes países desfilaram por ordem alfabética.

Amanhã teremos a actuação de Joana Figueiredo nos saltos de trampolim de três metros, para a partir de domingo termos os nossos nadadores em plena competição de acordo com o seguinte programa:

Primeira jornada (dia 17): 100 metros bruços — Alexandre Yokochi; 200 metros livres — Sérgio Esteves.

Segunda jornada (dia 18): 100 metros mariposa — João Santos; 400 metros estilos — Rui Borges; 200 metros bruços — Paula Lamego.

Terceira jornada (dia 19): 400 metros livres — Alexandre Nogueira; 100 metros livres —



Cerimónia da inauguração dos campeonatos mundiais de nataçao na arena de Las Ventas

Sérgio Esteves; 100 metros costas — Ana Barros; 200 metros costas — Pedro Soares.

Quarta jornada (dia 21): 400 metros livres — Rui Borges; 100 metros mariposa — Sandra Neves; 200 metros bruços — Alexandra Yokochi; 100 metros

bruços — Paula Lamego; 4X100 metros livres — Selecção masculina a designar; 800 metros livres — Alexandre Nogueira.

Quinta jornada (dia 22): 200 metros mariposa — João Santos; 100 metros costas — Pedro Soares; 50 metros livres — Sérgio

Esteves.

Sexta jornada (dia 23): 200 metros estilos — Vasco Sousa e Rui Borges; 200 metros mariposa — Sandra Neves; 200 metros costas — Ana Barros; 4X100 metros estilos — Equipa masculina a designar.

Modalidades

Canoagem: portugueses em Espanha

Atletas portugueses obtiveram dois triunfos em outras tantas provas da VII Regata da Ria de Vilaviciosa, em canoagem, que se realizou na localidade espanhola com o mesmo nome.

Os irmãos Chalupsky, sul-africanos, sagraram-se vencedores absolutos da regata, tendo o português José Garcia triunfado na modalidade de K-1 sénior e a tripulação portuguesa constituída por Fernandes e Brinco ganhou na categoria de K-2 juvenil.

Em K-2 sénior venceram os irmãos Chalupsky, em K-2 cadete os espanhóis, também irmãos, Hernandez em K-1 cadete o espanhol Nunez e em K-1 juvenil o espanhol Alberto Suarez.

Participaram na VII Regata da Ria de Villaviciosa nove equipas estrangeiras de 40 clubes espanhóis de canoagem.

Vela: mundial de cadetes

O australiano Paul Burney, no barco «Penous», sagrou-se campeão do mundo vela na classe de cadetes, após a disputa da sexta e penúltima regata da prova, a decorrer nas águas de Laredo, em Espanha.

A 5.ª e 6.ª regatas foram vencidas, respectivamente, pelas embarcações «El Tornado», do

argentino Joaquin Molle, e «Nopi IV», do também argentino Marino Pareda.

A sétima e última regata do mundial realiza-se hoje, embora já esteja encontrado o campeão.

Ténis jovens portugueses vão actuar na Europa

Jovens tenistas portugueses

das categorias infantis e iniciados vão actuar internacionalmente pela primeira vez, de 17 do corrente a 7 de Setembro, anunciou no Porto o Clube Boavista, colectividade que patrocina a iniciativa.

Trata-se de Vasco Gonçalves, campeão nacional de iniciados em singulares e pares, Bruce McCrorie, número 2 do «ranking»

nacional de iniciados em singulares e campeão em pares, Sara Santos Silva, número 4 de infantis, e Ricardo Cayolla, número 3 de iniciados.

Os tenistas portugueses irão actuar em dois torneios na Áustria, nas cidades de Kufstein e Harz, num torneio em Munique, na Alemanha Federal, e num outro em Maribor, na Jugoslávia.

MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L.D.ª

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 26 de Junho findo, lavrada de fl. 64 a fl. 65 do livro de notas para escrituras diversas n.º 180-D do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Lúcia Rodrigues Maia Devesa, foi transferida a sede da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, da Rua de Sofia de Carvalho, lote 141, subcave, loja esquerda, no Alto de Alges, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, para Lisboa, e, em consequência, a redacção do artigo 1.º do pacto social foi substituída pela seguinte

ARTIGO 1.º

A sociedade continua a adoptar a denominação de Mármores de Sousa Batista, L.d.ª, e tem a sua sede em Lisboa, na Calçada do Ferragial, 13, freguesia de São Paulo.

Está conforme.

12.º Cartório Notarial de Lisboa, 4 de Julho de 1986

A Terceira-Ajudante,
Maria Antonieta Cordeiro de Silva Sousa

DIGA SIM À VIDA



SEJA VISTO



"JR" homenageia ciclistas

Cumprindo a tradição o presidente do Sporting, João Rocha, ofereceu um jantar na sua residência aos ciclistas que acompanharam Marco Chagas na sensacional conquista da sua 4.ª vitória na Volta a Portugal em bicicleta. João Rocha fez questão de tornar o acto extensivo aos jornalistas que acompanharam a grande competição velocipédica e lá estiveram Ricardo Tavares («Record»), Aurélio Márcio (em representação de «A Bola»), Justiniano Vargues («Antena Um») e o nosso companheiro de redacção Neves de Sousa.

Na foto, João Rocha observa a sede de Eduardo Correia, enquanto Marco Chagas mantém o sorriso de campeão.

Presidente da República envia telegrama

Durante o jantar foi recebido um telegrama do Presidente da República dirigido a João Rocha com o seguinte texto: «Quero felicitar-lo e ao Sporting Clube de Portugal pela brilhante vitória do ciclista Marco Chagas na Volta a Portugal em bicicleta. Esta vitória põe mais uma vez em evidência, a dedicação e a contribuição do Sporting e seus atletas para o desporto nacional. a) Mário Soares.»

Acrescente-se que João Rocha prometeu tudo fazer para reforçar o plantel ciclista com vista a participar nas grandes competições internacionais à semelhança do que sucedera no tempo do inesquecível Joaquim Agostinho.

Na sua agenda

Bridge Federação

Comunica-nos a Federação Portuguesa de Bridge de que acabam de ser eleitos e empossados os futuros dirigentes que irão ser responsáveis pela gestão da modalidade durante o biênio 1986-87. Eis a constituição dos diferentes órgãos:

Mesa da assembleia geral — presidente: Francisco Calheiros e Meneses; secretários: Maria Beatriz Debonnaire e Ana Maria

Diniz. **Direcção** — presidente: José Manuel Soares de Oliveira; vice-presidente: Rui Silva Santos e Carlos Augusto Debonnaire; Tesoureiro: António Santos Serra; secretário: Luís Elso Marques; vogal: Manuel D' Orey Capucho.

Conselho fiscal — Eduardo Correia Pereira, José de Sousa Carrusca e Manuel Maçaroco Candeias.

Mc Donald: um futebolista

Chama-se Robert McDonald, tem 27 anos de idade, é inglês, jogara no Groningen antes de ingressar no PSV de Eindhoven onde João Rocha o descobrira há algum tempo para ontem o trazer para Lisboa.

É alto e loiro mas ao que se diz nada tosco. Segundo nos assegurou o presidente do grémio «leonino» o contrato deverá ser assinado durante o dia de hoje e terá validade de dois anos.

Será o goleador que Manuel José pretendia? O treinador sportinguista diz que não o conhece mas a avaliar pelos remates certos que tem vindo a fazer tudo indica que este cidadão inglês nascido no dia 22 de Janeiro de 1959 em Hull, vai provocar alguns dissabores aos «keepers» lusos e, em contrapartida, dar algumas alegrias às gentes afectas ao grande clube de Alvalade.

Quanto às verbas despendidas (ou a despende) pela transferência deste futebolista consta que o PSV receberá 46 mil contos (750 mil florins) mas quanto ao valor a receber por Robert McDonald nada transpira.

Belenenses goleado em Sevilha

O Betis venceu ontem à noite o Belenenses, por 4-0, em jogo particular realizado no Estádio «Benito Villamarin», em Sevilha, perante cerca de 10 000 espectadores.

Sob a arbitragem do juiz espanhol Bueno, que mostrou o cartão amarelo a Mapuata, do Belenenses, as equipas alinharam-se:

Betis: Cervantes (Salva, aos 46 minutos); Diego, Hadzibegic, Gail (Júlio, 46m) e Quico (Casado, 46m); Parra (Chano, 46m), Ortega (Alex, 46m), Gabino (Medina, 46m) e Romo (Reys, 46m); Ito e Calderon.



Zinho, Oceano, Mário, Virgílio e M. Jorge preparam-se para a dura tarefa que se aproxima

«OS Belenenses»: Martins; Ribeiro (Mladenov, aos 78 minutos), Sobrinho, José António e Murça; Alberto (Hilário, 71m), Jaime, Monteiro (Silverio, 58m) e Jorge Silva; Mapuata (Galo, 78m) e Djão.

Golos: 1-0, aos 52 minutos, por Reys, de remate cruzado. 2-0, aos 60 minutos, por Diego, de cabeça. 3-0, aos 65 minutos, por Calderon, de grande penalidade, a castigar falta sobre Reys. 4-0, aos 77 minutos, por Calderon, de livre directo.

Só na segunda metade e praticamente com uma segunda equipa, o Betis logrou adiantar-se no marcador, chegando mesmo à goleada devido sobretudo às facilidades concedidas pela defesa dos Belenenses.

Sem apresentar um futebol de qualidade (o jogo serviu também para a apresentação do seu plantel para a próxima temporada), o Betis teve assim um começo de

época afortunado, dada a escassa resistência da equipa portuguesa no segundo tempo.

Benfica vence Estrela da Amadora

O Benfica venceu o Estrela da Amadora por 2-0, em jogo de preparação das duas equipas, tendo em vista a próxima temporada futebolística, realizado no Campo «J. Pimenta», na Amadora.

Os golos dos encarnados foram ambos apontados por César Brito, aos 35 e aos 75 minutos.

Sob a arbitragem de Carlos Rodrigues (de Lisboa) as equipas alinharam-se:

Estrela da Amadora: Valter (Melo, aos 46 minutos); Coelho, Mota, Chumbo e Fernando Marques; Jesus (Rui Palhares, 46m), Rosário, Salvado e Joel; Nelson Borges (Pedro, 65m), e Pedro (Rui Lopes, 46m e Jesus, 80m).

Benfica: Silvino; Pietra (Simões, aos 75 minutos), Oliveira (Edmundo, 64m), Álvaro (Gonçalves, 46m) e Samuel (Bastos Lopes, 46m); Carlos Manuel (Rui Pedro, 46m), José Luís (José Carlos, 71m), Chiquinho (Tueba, 46) e Rui Águas (Paulo Guilherme, 68m); Nunes (Dito, 46m) e César Brito (José Fernandes, 80m).

O Benfica, que apresentou Pietra no lugar de Veloso e César Brito a substituir Vando, teve um início de jogo cauteloso, procurando controlar as operações a meio-campo.

Partindo rapidamente para o ataque, quase sempre através de César Brito, os encarnados da Luz alcançaram o seu primeiro golo aos 35 minutos, após defesa incompleta de Valter a remate de Nunes, com o marcador a ser mais lesto que a defensiva contrária.

No segundo tempo Mortimore optou por várias substituições e o Estrela da Amadora conseguiu equilibrar a contenda, com destaque para Rosário e Nelson Borges, únicos elementos do conjunto da casa com capacidade e discernimento para contrariar o melhor jogo dos benfiquistas.

César Brito, que já obtivera o primeiro tento, estabeleceu o resultado final aos 75 minutos, na marcação de uma grande penalidade a castigar falta de Chumbo sobre o mesmo César Brito.

Boavista vence em Fafe

O Boavista derrotou o Fafe por 4-0 em, encontro de carácter particular disputado em Fafe. Ao intervalo o resultado era de 2-0 e os golos foram apontados por Coelho, aos 20 minutos, José Augusto, aos 44, Ribeiro, aos 62, e Tonanha, aos 65, na transformação de uma grande penalidade.

Chaves goleado pelo Gijon

O Chaves foi goleado pelo Gijon por 0-4, em encontro particular de futebol incluído no Torneio de Zamora, Espanha.

A turma de Trás-os-Montes de-



Mortimore e Cabrita. Dois senhores do futebol que ontem se encontraram na Amadora

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3228, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 KV, com 20 metros, do poste n.º 13 da linha para o P.T. n.º 717-Arreiro de Vale de Cabras ao P.T. de FERVEL-Fábrica de lá de Aço, Ventura, Ld.ª - Porto Alto.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 5 de Agosto de 1986

Fel'O Engenheiro Director de Serviços,
A. Pires dos Santos

de marca que hoje assina pelo Sporting



João Rocha não conseguiu esconder McDonald e à noite levou-o a jantar a sua casa



defrontam-se estas duas últimas equipas, também às 21 horas, e no sábado, respectivamente, às 20 e 22 horas, jogam vencidos e vencedores, para atribuição das taças e troféus em disputa.

LA POR FORA

«Platini africano»
ingressa no Murcia

O Real Murcia, da primeira divisão do campeonato espanhol de futebol, assinou contrato com o jogador argelino Lakhdar Belloumi, que integrou a sua selecção no «Mundial-86» no México.

Belloumi, 27 anos, que recebeu uma autorização especial da Federação Argelina de Futebol para jogar numa equipa estrangeira antes de completar 28 anos, foi contratado pelo Real MMurcia por 100 000 dólares (cerca de 15 mil contos). Belloumi, considerado como o «Platini africano», já integrou 109 vezes a selecção da Argélia.

O futebolista argelino que joga no meio-campo foi contratado por uma época

Sampdoria vence Argentinos Juniors

O Sampdoria de Itália conquistou o 3.º lugar na disputa da Taça Columbus ao derrotar por 1-0 o Argentinos Juniors da Argentina, em encontro de futebol disputado em Génova, Itália.

O golo foi obtido por Lorenzo aos 48 minutos e assistiram ao encontro 15 mil pessoas.

fronta, hoje, para o mesmo torneio, o clube de Zamora, que milita na Segunda Divisão espanhola.

Vianense derrota Rio Ave

O Vianense, da terceira divisão nacional de futebol, venceu o Rio Ave, da primeira, por 3-2, em jogo de preparação que teve lugar no Estádio José de Matos, em Viana do Castelo.

Golos: 1-0, por Manuel Luís, aos 11 minutos. 1-1, por Juanico, aos 33 minutos. 2-1, por Brandão, aos 34. 2-2, por Jaime Graça, aos 75. 3-2, por Meia-

-Noite, aos 83 minutos.

Sob a arbitragem do juiz Costa Valente, da Associação Distrital de Viana do Castelo, e perante cerca de 3000 espectadores, as equipas alinharam:

VIANENSE: José Alberto (Zé Pedro, aos 46 minutos); Adriano, Vieira (Adão, 46 m), Berto e Agostinho (Pedro, 46 m); Cachina (Costa, 46 m), Jaime (Meia-Noite, 46 m), Manuel Luís (Lila, 46 m) e Brandão (Miguel Angelo, 46 m); Álvaro (Guilherme, 46 m) e Dario (Fernandes 46 m).

RIO AVE: Figueiredo; Sérgio (Chico Zé, aos 50 minutos), Antero, Cabral e Carvalho; Car-

los Manuel, Vergílio (Hernâni, 60 m), Joanico e Álvaro; Chico Faria (Moreira de Sá, 46 m) e Jaime Graça.

Neste jogo de apresentação do plantel do Sport Clube Vianense o futebol praticado por ambas as equipas teve melhor qualidade na primeira parte.

O Rio Ave evidenciou maior tecnicismo mas os locais, bastante aguerridos, lograram surpreender os visitantes, apesar da diferença dos escalões futebolísticos em que cada uma das equipas milita.

«Derby» eborense

O Lusitano venceu o Juven-

tude por 2-0, em encontro de futebol de carácter particular, disputado ontem à noite em Évora e que serviu para apresentação das duas equipas.

Ao intervalo a equipa do Lusitano vencia já por 1-0.

Jogo no Estádio Sanches de Miranda, sob a arbitragem de José Serra, de Évora, as equipas alinharam:

JUVENTUDE: Oliveira; Gil, João Cardoso, Sérgio e Ai Ai; Lelo, Possidónio e Zorinho; Cabral, Toni e António Miguel.

Pelo Juventude jogaram ainda Simplício, Paulo Andrade, Carvalho, Victor Garcia

e Cardoso.

LUSITANO: Gomes; Nuno, Martelo, Guilherme e Macarrão; David, Nacib e Caracois; Frade, Gilmar e Rodinhas. Alinharam ainda Cocas, Ventaneiras e José Eduardo.

João Cardoso, na própria baliza aos 13 minutos e Rodinhas ao minuto 82, marcaram os tentos da equipa vencedora.

Torneio de Felgueiras

Felgueiras e Lixa iniciam à noite o primeiro torneio de Verão de Felgueiras, em futebol, no qual também participam o Vizela e o Penafiel. Amanhã

assim vai o

totobola

PROGNOSTICOS DOS ORGAOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 33/86 DE 17. AGOSTO. 86

Jornal de Amarante: 112 111 111 2211; Jornal da Beira: 112 11X 221 1X21; Correio de Coimbra: 11X 211 11X 221X; Correio do Vouga: 111 111 111 1211; A Defesa: 1X2 211 111 1221; Defesa de Espinho: 112 11X 221 22X1; Folha do Domingo: 1X2 111 111 11X1; Ecos de Cacia: 11X 11X 211 1X11; Eu Sei Tudo: 111 2X1 2X1 1XX2; Jornal de Felgueiras: 1X1 X21 111 1X11; Jornal do Fundão: 112 11X 111 1XX1; Gazeta das Caldas: 112 11X 111 1XX1; Gazeta de Felgueiras: 12X 121 211 X211; Rádio Totobola: 112 111 1X1 1X21; Litoral: 112 111 111 2221; Jornal da Lixa: 1XX 111 121 XXX1;

Maria da Fonte: 112 111 1X21 1X21; No Estádio e no Estádio: 21X 21X 211 X222; Notícias de Felgueiras: XX1 X2X 111 XXX1; Notícias de Guimarães: 112 111 111 22X1; Rádio Alitude: XX2 222 22X 2X1; Clube da Manhã: 212 11X 121 222X; RR/Diário do Desporto: 1X1 12X X11 112X; Bola Branca: 12X 112 X2X 11X2; RR/Desporto: 1X2 211 121 11X1; A Voz do Domingo: 111 111 111 1121; Voz de Lamego: 112 111 111 1111; Fim-de-Semana Desportivo: 112 111 111 1X11; Panorama Desportivo: 11X 111 1X1 1X11; Beira Serra: 11X 211 1X11; Horizonte: 11X 211 1X11;

1X11; Pôr do Sol: 11X, 111 X11 2121; Gente Gira: 112 11X 211 2121; Penalti: 112 111 1X1 X122; Voz do Ave: 112 111 211 2X11; Rádio Sports: 1X2 111 111 1111; A Arte de Bem Madrugar: 112 111 X2X 1211; Comércio de Leixões: 11X 111 111 XX21; De Tudo um Pouco: 112 11X 111 2121; Jornal de Gaia: 11X 112 2X1 11X1; Jornal da Graça: 212 211 21X 22XX; O Primeiro de Janeiro: 11X 112 X11 221X; Repórter do Dia: 112 111 X11 2X21; A Voz dos Ridículos: 111 X11 111 1X21; Rádio Placard: 21X 121 X12 1121; Estúdio 64: 1X2 121 21X 121X.

	R E S U M O			B O L A S			a)
	1	X	2	1	X	2	
1. KAISERSLAUT. - B. M'GLADBACH	33	9	4	9	2	1	
2. NUREMBERGA - BOCHUM	34	10	2	9	2	1	
3. F. DUSSELDORF - BAYERN	7	14	25	2	4	6	
4. SCHALKE 04 - MANHEIM	35	3	8	9	1	2	
5. B. UERDINGEN - BW 90 BERLIN	39	1	6	10	1	1	
6. HAMBURGO - W. BREMEN	32	11	3	8	3	1	
7. LOCARNO - CHAUX DE FONDS	24	12	10	6	3	3	
8. LUCERNA - AARAU	34	3	9	9	1	2	
9. NEUCHÂTEL - LAUSANA	40	5	1	10	1	1	
10. ST. GALLER - GRASSHOPPER	21	11	14	5	3	4	
11. VEVEY - BASILEIA	17	14	15	4	4	4	
12. WETTINGEN - YOUNG BOYS	15	14	17	4	4	4	
13. ZURIQUE - SERVETTE	36	6	4	10	1	1	

a) Nos termos do Art.º 149 do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
112 111 111 1121

Atletismo

Estrelas brilham em Zurique

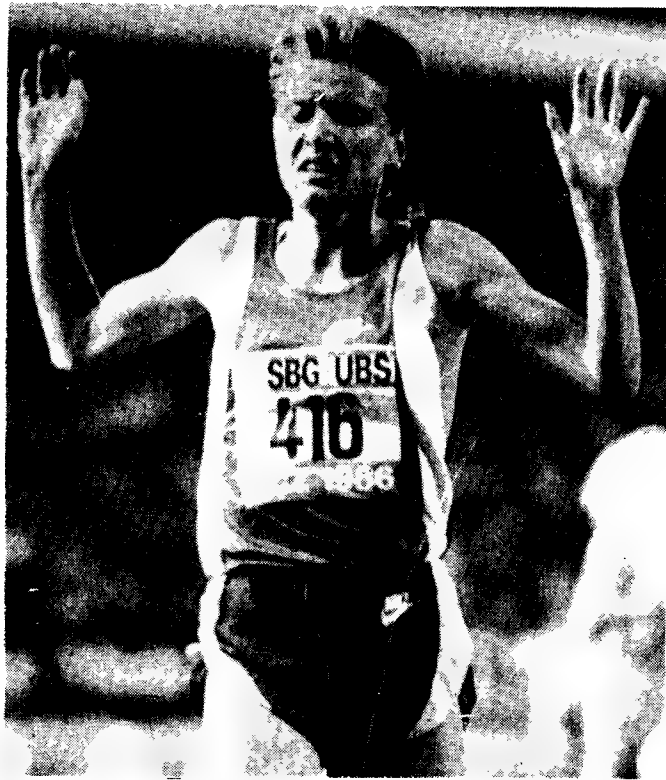
O atleta marroquino Said Aouita tornou-se na grande figura do «meeting» internacional de atletismo de Zurique ao realizar o melhor tempo mundial do ano na prova de 3000 metros.

Aouita, campeão olímpico na légua e recordista mundial dos 1500 e 5000 metros, realizou o tempo de 7.32.54 minutos e mostrou-se apesar de tudo insatisfeito com a sua proeza, por ter deixado escapar o recorde do Mundo por apenas 44 centésimos de segundo.

O recorde do Mundo dos 3000 metros, que Aouita perseguiu pela segunda vez sem êxito, pertence ao queniano Henry Rono há oito anos, com a marca de 7.32.10 minutos obtida em Junho de 1978 em Oslo.

Na mesma especialidade de 3000 metros, mas femininos, a norueguesa Ingrid Kristiansen travou o mais excitante duelo do «meeting» de Zurique com a romena Maricica Puica, campeã olímpica, a quem venceu com o tempo de 8.34.10 minutos, a melhor marca mundial do ano.

Nos 100 metros masculinos, o canadiano Ben Johnson voltou a ser sensação como o homem mais rápido do Mundo ao vencer pela terceira vez consecutiva o seu rival norte-americano Carl Lewis. Johnson realizou o tempo de 10.03 segundos, mas Carl Lewis, que partiu muito mal, apenas cortou a meta em



Ingrid Kristiansen: para ela o melhor tempo do ano nos 3000 metros vencendo a campeã olímpica Maricica Puica

3.º lugar com o tempo de 10,25 segundos, mais três centésimos de segundo que o segundo classificado, o nigeriano Chidi Imoh.

Lewis, vencedor de quatro medalhas de ouro nos Jogos

Olimpícos de Los Angeles, manteve a decisão de participar no «meeting» de Zurique, depois de recuperar de uma lesão num joelho, que o podia ter obrigado ao abandono das competições este ano.

A campeã olímpica Evelyn Ashford, dos Estados Unidos, voltou a triunfar nos 100 metros femininos, com a marca de 10.95 segundos, menos quatro centésimos de segundo que o melhor tempo mundial do ano, que lhe pertence.

Ashford venceu também a prova dos 200 metros no tempo de 21.97 segundos, também o segundo melhor tempo mundial do ano.

O campeão mundial Calvin Smith, que terminou em 3.º lugar na prova dos 100 metros com o mesmo tempo de Lewis, venceu a prova de 200 metros com o tempo de 20.03 segundos, enquanto o medalha de prata nos últimos Jogos Olímpicos Kirk Baptiste ficou em 2.º com 20.33 segundos.

O norte-americano Floyd Heard, o homem mais rápido este ano nos 200 metros, ficou em 3.º lugar ao alcançar o tempo de 20.35 segundos.

Máximos

A búlgaroyordanka Donkova igualou o recorde mundial dos 110 metros barreiras (12.36), no decurso dos campeonatos de atletismo d Bulgária, a decorrerem em Sófia.

O tempo de Donkova iguala o da polaca Grazyna Rabsztyń, que em 13 de Julho de 1980, em Varsóvia, obteve o recorde mundial da distância.



Kasparov e Karpov: eles estão bem um para o outro

Xadrez

Fernando Ribeiro no "Mundial" de juniores

O xadrezista português Fernando Ribeiro derrotou Fong Wong, de Singapura, na nona jornada do campeonato mundial de xadrez de juniores que se está a disputar em Sausdal, Noruega.

Fernando Ribeiro (19 anos) sumou a sua terceira vitória consecutiva e totaliza agora quatro pontos, respeitantes ainda a mais dois empates. Ribeiro totaliza também quatro derrotas.

O campeão nacional de juniores gastou cerca de quatro horas para derrotar Fong Wong ao 42.º lance.

O campeonato é liderado pelo sueco Hellers, ex-campeão europeu, e o xadrezista português disse desconhecer de momento a sua posição na tabela em virtude de existirem muitas partidas adiadas. «Julgo que andarei pelo meio da tabela entre 64 participantes, mas este campeonato é muito duro e conta com a presença dos melhores xadrezistas», acrescentou Fernando Ribeiro, pela primeira vez presente num mundial. Ribeiro, natural de Angola, mas a viver e a representar a Guarda, volta a competir hoje, mas desconhece ainda o adversário.

O campeonato do mundo termina domingo, restando disputar ainda mais quatro sessões.

Karpov-Kasparov partida (7.ª) suspensa

Depois de uma luta dramática contra o relógio, os soviéticos Garry Kasparov e Anatoly Karpov suspenderam a sua sétima

partida do encontro de desforra para o mundial de xadrez, na posse do primeiro.

Na sala do hotel londrino Park Lane, cenário das doze primeiras partidas do torneio, a emoção cresceu à medida que se aproximava o fim do prazo de duas horas e meia de que dispõe cada jogador para efectuar os 40 primeiros lances.

Karpov, a jogar com as brancas, voltou a utilizar a abertura de peão de dama, mas Kasparov abandonou a defesa «grunfeld» que utilizou nas partidas anteriores.

A partida entrou depois na variante da troca do gambito de dama e de imediato o campeão se viu em apuros de tempo: depois de efectuar o seu movimento 17, só dispunha de 34 minutos para os restantes 23 lances, enquanto Karpov tinha ao seu dispor 1 hora e 13 minutos.

Karpov manteve sempre a vantagem da abertura ao controlar o centro com os seus peões, uma tática que lhe deu a vitória na quinta partida, enquanto as negras só dispunham de um espaço reduzido para mover-se.

Todavia, Karpov não foi capaz de aumentar a sua vantagem posicional e, após uma troca de peças e um sacrifício da qualidade por parte do campeão, a situação surgiu equilibrada.

No momento da suspensão, Kasparov, que selou o lance 41, dispõe de dois peões a troca de qualidade, numa situação que, na opinião dos especialistas deverá conduzir a novo empate.

Vedetas marginalizadas

Schuster e Archibald sem lugar no "Barça"

O Barcelona anunciou que os ingleses Gary Lineker e Mark Hughes são os únicos futebolistas estrangeiros que a equipa da Catalunha vai utilizar no campeonato espanhol durante a época de 1986/87.

O treinador do Barcelona, Terry Venables, afirmou em conferência de imprensa que os novos recrutas da equipa vão substituir o avançado escocês

Steve Archibald e o médio alemão-federal Bernd Schuster, apesar de Lineker estar lesionado com uma costela fracturada durante um jogo particular.

Schuster abandonou o posto de «capitão» DA TURMA DA Catalunha após contestar algumas decisões de Venables, deixando igualmente de alinhar pelo Barcelona na sequência da derrota sofrida na final da Taça dos Campeões Europeus frente à equipa ro-

mena do Steaua Bucareste, em Maio.

O treinador do Barcelona referiu que Archibald deverá jogar na próxima temporada num clube filial da segunda divisão, o Barcelona Atlético, enquanto o destino de Schuster não está ainda defendido.

Schuster tem contrato com o Barcelona por mais duas épocas e negou já qualquer interesse em vir

jogar para o Benfica.

Lineker, o melhor marcador do «Mundial-86», abandonou o Everton para ingressar no Barcelona por cerca de 3,4 milhões de dólares, e o seu compatriota Hughes deixou o Manchester United por três milhões de dólares.

Segundo os regulamentos espanhóis, os clubes apenas podem registar nas suas equipas dois futebolistas estrangeiros.



S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6314, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de uma linha aérea a 10 KV, n.º 361/R-21, com 138 metros, do poste n.º 5 da linha n.º 361/R-13 ao PT n.º 3238-C de David Oliveira Franco, em Freixofeira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Julho de 1986

Pe'l'O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos



S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

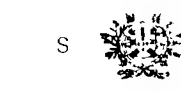
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo - Centro-Oeste, a que se refere o processo n.º 1/6096, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de um novo troço de linha subterrânea a 10 KV, n.º 1546 (antiga n.º 3546) com 500 metros, entre a Subestação n.º 3950 (Mem Martins) na Vale Flor, em Mem Martins, e o PST n.º 1038, na estrada de Algueirão, no Algueirão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Julho de 1986

O Engenheiro Director de Serviços,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo-Centro de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/3217, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 Kv, com 23 metros, do poste n.º 4 da linha para o P.T. n.º 350 de Samora Correia ao P.T. n.º 337 de Arnelo dos Pílares.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Julho de 1986

O Engenheiro Director de Serviços,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



O grupo luso-holandês «Venham Mais Cinco»: uma presença na «Festa no Alto Minho»

Dias 15 e 16 em Vilar de Mouros e Lanhelas

“Festa no Alto Minho”: encontro de músicas populares

Como já vem sendo habitual por esta altura, Vilar de Mouros torna-se um local de encontro para quem gosta de música. Este ano, e sob a designação «Festa do Alto Minho — Ao Encontro da Música Popular», nos próximos dias 15 e 16, a música marca presença com os grupos «Folcorn», «Venham Mais Cinco», «Rusga da Serra d'Arga», «Sossabe» e ainda Emilio Cao.

Numa iniciativa do Grupo Juvenil Vilarmourense, a «Festa no Alto Minho», com um espectáculo em Vilar de Mouros e outro em Lanhelas, pretende ser uma contribuição para a animação do concelho, com base na divulgação de artistas e grupos relacionados com a cultura popular ou de raiz tradicional, e um incremento para o intercâmbio cultural entre «povos e nações distintas, como forma de descoberta e valorização recíproca».

Assim, o «Encontro da Música Popular» divide-se por dois dias: no dia 15, com início pelas 21h30 no Parque de Campismo Natural, em Vilar

de Mouros, actuam os grupos «Folcorn» e «Venham Mais Cinco», ambos da Holanda. No dia seguinte, pela mesma hora, mas na Casa da Anta, em Lanhelas, é a vez de subirem ao palco a «Rusga da Serra d'Arga», «Sossabe», de Cabo Verde, e Emilio Cao, de Espanha.

Sexta: dois grupos da Holanda

O primeiro grupo a actuar, no âmbito do «Encontro de Música Popular», o «Folcorn», que se dedica à música tradicional holandesa, foi criado em 1972 em Wageningen, na sequência de uma sessão

demonstrativa de como se tocavam alguns instrumentos musicais antigos do seu país.

Hoje, o «Folcorn» dedica-se principalmente à pesquisa e divulgação da música popular «histórica» da Holanda, interpretando inclusivamente temas em «holandês arcaico». Do ponto de vista local, tanto encontramos temas cantados «a capela» — madrigais, por exemplo — como interpretações bastante diversos, incidindo particularmente o seu repertório sobre o período de 1400 a 1750, sendo de realçar a execução de peças da Idade Média e do Renascimento.

Grande parte dos temas que executam são retirados dos «Cancioneiros» de Haarlem, Geuzen e Antwerpen, ou aprendidos por eles próprios com gerações anteriores. Os instrumentos utilizados pelo grupo são tanto tradicionais como modernos: violino, dulcimer, flauta de madeira,

«slagbourdon», «Kazoo», percussões, harpa, harmónica, guitarra acústica, cítara e diversos instrumentos de cordas.

O segundo grupo da noite de sexta-feira, também vindo da Holanda, «Venham Mais Cinco», dedica-se à música popular... mas portuguesa. É formado por nove elementos (holandeses e emigrantes portugueses) e, segundo afirmam, o grupo é «o resultado do encontro entre músicos holandeses e portugueses que, para além da amizade, têm em comum a paixão pela Música Popular Portuguesa».

Os «Venham Mais Cinco» salientam ainda a importância da divulgação «não só da música tradicional, mas também da música de intervenção portuguesa» e daí que o nome escolhido para o grupo se baseie numa canção de José Afonso intitulada, precisamente, «Venham Mais Cinco».

Sábado: de Portugal a Cabo Verde passando por Espanha

No sábado, a «Festa no Alto Minho» prossegue no palco da Casa da Anta, na povoação de

Lanhelas, com as actuações da «Rusga da Serra d'Arga», que se dedica à música, canto e danças tradicionais; de Emilio Cao, com a sua música galega, e com o grupo cabo-verdiano «Sossabe».

(Continua na pag. 20)

Lisboa, Tejo e Tudo
A APOSTA... O DESAFIO... O ÊXITO!

DA NOVA GERAÇÃO DA REVISTA À PORTUGUESA

CARLOS MIGUEL • MARGARIDA CARPINTEIRO • HELENA ISABEL
NATALINA JOSÉ • HENRIQUE VIANA • JOSÉ DA CÂMARA
CAMACHO COSTA • ALEXANDRA SOLNADO • PAULO CÉSAR • CLÁUDIA MARTINS
HERLINDA DE ALMEIDA • GRACA BRAZ • GINA ESPADINHA • RUI DE SA

TEATRO
ABC

Parque Mayer TEL. 366745

TODOS OS DIAS 2 SESSÕES: 20.30 E 22.45 HORAS

MATINEES: SÁBADOS, DOMINGOS

E FÉRIAS ÀS 16 HORAS

DOMINGOS (NOITE): 1.ª SESSÃO 21.30 HORAS

AR CONDICIONADO

IMPORGERAL, LD.ª

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 26 de Junho findo, lavrada de fls. 61 a fls. 63 do livro de notas para escrituras diversas n.º 180-D do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi elevado o capital da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, de 100 000\$ para 1 000 000\$, sendo o aumento, de 900 000\$, todo subscrito e realizado, a dinheiro, pelos sócios e por Carlos Nelson da Silva Sousa, que assim entrou para a sociedade como novo sócio; e ainda transferida a sede social da Rua de Sofia de Carvalho, lote 141, subcave, loja esquerda, do Alto de Algés, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, para Lisboa, e alterado o respectivo pacto social, pela substituição da redacção do n.º 1 do artigo 1.º do artigo 4.º pela seguinte:

ARTIGO 1.º

A sociedade continua a adoptar a denominação de Imporgeral Ld.ª, e tem a sua sede na Calçada do Ferragial, 13, freguesia de São Paulo, em Lisboa.

ARTIGO 4.º

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro e nos diversos valores constantes da escritura social, é de 1 000 000\$, e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de 700 000\$, pertencente ao sócio Bernardino Duarte; uma de 200 000\$, pertencente à sócia Jacinta da Conceição Paulo Duarte, e uma de 100 000\$, pertencente ao sócio Carlos Nelson da Silva Sousa. Está conforme.

12.º Cartório Notarial de Lisboa, 4 de Julho de 1986

A Terceira-Ajudante,
Maria Antónia Cordeiro da Silva Sacaca

“D.L.” 14/8/86



TOURO

Texto:
ABEL NEVES

Encenação:
JOÃO MOTA

TERÇA A SABADO
AS 21,30 H
DOMINGO AS 17 H

veja teatro a
preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO ÚNICO - 150.00

PR. ESPANHA (T. 726 0818)
SUB. S.E.C. M/12 A

APDIO F.GULBENKIAN - R.COMERCIAL
SÓ ATÉ 31 DE AGOSTO
SALA C/AR CONDICIONADO

CRÓNICA DE TOUROS

Recado urgente

Soliloquio

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 10 de Julho de 1986. Touros de Simão Malta para Emídio Pinto, Manuel Jorge de Oliveira, forcados amadores de Vila Franca de Xira, Ruiz Miguel e José António Campuzano.

O recado é para si, Emídio Pinto. Urgente, antes que a temporada se consuma. Foi a primeira vez que o vi este ano, que o tem deixado meio esquecido, toureando pouco. Você dirá que esta sua aparição na arena lisboeta, em termos de agrado popular, não correu nada mal. Principalmente se passarmos por alto a lide a duo, vulgar como é costume, dez ferros em dez minutos, cinco para cada cavaleiro, cada um tocando o que já sabe. Já a sua actuação no quarto da noite dividiu, com as três pegas dos forcados de Vila Franca, os maiores aplausos da noite, onde dois pares de Dario Venâncio também os mereceram. Está certo. Aliás não seria preciso grande coisa para você ser o mais aplaudido numa nocturna como esta. E contudo havia no cartaz, honra seja feita ao empresário, duas primeiras figuras de Espanha (não os mais adequados para

Lisboa, mas isso é outra conversa). E o curro de Simão Malta saíu toureável, salvo o primeiro de Ruiz Miguel, que era mesmo ordinário; o que não justifica que Paco, matador de tantos Miuras, tivesse acabado o baile simulando a estocada daquela maneira aleivosa, estilo salve-se quem puder, e depois ainda se encarassem com o público protestante. Para afinal não se limpar no sexto: voluntarioso esteve, arreando quantidades industriais de passes sem qualidade, e entre eles emendando terrenos. E José António Campuzano, que vestido de azul-pálido e branco se apresentava em Lisboa, andou pelo mesmo tom, salvo num bonito quite à verónica; agora, que toureia dezenas e dezenas de corridas, parece ter perdido o sabor que mostrava nos anos em que os empresários não se lembravam dele. Muitos naturais,

muitos «derechazos», a charanga tocava, e não se ouvia um único olé. É difícil conseguir expressão quando se troca o adiantar da perna, que era a de dentro em vez de ser a de fora. Duas figuras no Campo Pequeno, abstando-se totalmente em quites, com a convicção do inteligente, que mandava tocar a bandarilha depois de meia-dúzia de capotazos; e na muleta nem uma chispa de arte, queriam e não podiam. E, quanto aos cavalos, Manuel Jorge foi uma repetição igualmente voluntariosa e cansativa, de não sei quantas cambiadas, inevitáveis até quando vinha de largo.

E este recado, meu caro Emídio Pinto, é precisamente a propósito disso, das cambiadas. Porque também você, no tal quarto touro em que lhe bateram as palmas com calor, usou e abusou delas. E assim desperdiçou uma noite ideal (as bancadas meio vazias mas corrida transmitida pela televisão), para mostrar por esse país fora que quer retomar o seu caminho. Em vez disso, preferiu seguir a receita que os outros andam a passar a todos os touros. E ficou igual a eles. Quando esse estilo não é o seu. Você, Emídio Pinto,

pode não ter demasiado gás, não ser um especialista em animação de massas. Mas de si espera-se outra coisa. Você pode encabeçar um cartaz com dignidade, pondo nele a nota sóbria de uma monta correcta, de um desenhar rigoroso das sortes. Um contraponto, digamos, ao toureiro a cavalo que outros praticam, com maior ou menor fortuna. O recado é esse: para voltar (com urgência) ao seu estilo dos primeiros tempos. Um estilo discreto, mas tinha eficácia. Contrabalançava com a brevidade algum repetitivo. Podia parecer frio, mas era correcto, e muitas vezes verdadeiro. As cambiadas não vão consigo. As cambiadas atiram o touro para um lado, para que o cavalo saia pelo outro, a distância que baste para o cavaleiro deixar o ferro espetado. Como adorno, passam, como regra, nunca. São um engano. E um engano que tem menos desculpa nas nossas praças, onde os touros são embolados, e as mais das vezes nem touros são, como você sabe muito bem. E quanto mais fraco é o inimigo, maior censura merece o descarado engano que com ele se faz.



Isabel Munõz Cardoso, António Plácido e Isabel Leitão, em «Quem Tem Farellos?».

Teatro

«A Farsa Chamada Auto do Escudeiro Po-bre ou Quem Tem Farellos?» é a peça que o Teatro da Rainha estreia amanhã, pelas 21.30 horas na Casa da Cultura das Caldas, aproveitando o feriado. Baseada na farsa de Gil Vicente, a peça tem encenação e cenografia de José Carlos Faria, selecção e execução musical de Joaquim António Silva, coreografia de José Correia e interpretação de Isabel Leitão, Isabel Munõz Cardoso, António Plácido, José Carlos Faria e José Mora Ramos. Contrariamente ao seu comparsa Juan del Encina, Gil Vicente não terá sido músico. Mas era, todavia, um homem bem informado sobre a prática musical da sua época: provam-no as abundantes referências a géneros musicais e a instrumentos com que frequentemente deparamos na sua obra. Assim, a música, parceira de longa data do teatro, integra também o espectáculo, criando condições para a folia e a chacota, tal e qual como aqueles jograis, saltimbancos e músicos, acrobatas e dançarinos faziam, ao errar por esses ermos, deixando consigo a sol da alegria popular.

Exposições

Marcelino Vespeira, um dos percusores do surrealismo português nas artes plásticas (a par de Cesariny e de Cruzeiro Seixas, entre outros) inaugura amanhã, na Casa das Artes de Tavira, uma exposição de pinturas e trabalhos de artes gráficas que ficará patente ao público até 28 de Agosto. Até ao fim do mês ainda pode visitar o I Salão Internacional de Pintura «Naif» na galeria de arte do casino do Estoril, das 15 às 24 horas. Na mostra estão patentes obras de Manuel Carvalho, Silvana, Liria Remedi, Susana Llorente, Luís João Dogui, Augusto Pinheiro e Teresa Pinto Coelho entre muitos outros. «Mulheres» é o tema da exposição que o artista Carlos Madeira tem patente ao público na galeria de arte Convés, na Praia de Quiaios, na Figueira da Foz.

Música

Música

O XII Festival de Música da Costa do Estoril prossegue esta noite, pelas 21.30 horas no Teatro Gil Vicente, em Cascais, com um concerto de música de Câmara pelo Quarteto Kodaly, tendo ao piano Sequeira Costa. O programa é preenchido com a interpretação de obras dos compositores Schubert e Cesar Franck. Sequeira Costa estudou em Lisboa com mestre Vianna da Motta e prosseguiu os estudos com Edwin Fisher e Marguerite Long. É galardoado com o «Grand Prix de la ville de arts» do Concurso Internacional Marguerite Long/Jacques Tibaud, e com a medalha Beethoven, de Harriet Cohen.

O «2º Acto de Montanha», a decorrer nas Penhas da Saúde, apresenta hoje, a partir das 21.00 horas, um espectáculo de música com a «Banda Frágil».

No Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian tem lugar esta noite, pelas 21.30 horas, o segundo concerto do «Saheb Sarbib Quartet», integrado no programa do «Jazz em Agosto 86». O quarteto é constituído por Saheb Sarbib (contrabaixo), Kirk Lightsey (piano), Joe Ford (saxofone alto) e Bobby Battle (bateria).

Bailado

«Viva Lisboa... No Castelo de S. Jorge» é uma proposta que a Câmara Municipal de Lisboa faz à população da cidade durante o mês de Agosto, a partir de hoje e até ao dia 17. O palco da iniciativa é o Castelo de S. Jorge e o programa começa esta noite, pelas 22 horas com um espectáculo de bailado pela Companhia de Dança de Lisboa. A entrada é gratuita.

“Festa no Alto Minho”: encontro de músicas populares

Continuação da pag. 19

Na linguagem popular do Alto Minho, «rusga» é o nome dado tradicionalmente aos conjuntos de tocadores e cantadores que se formam, espontaneamente, por ocasião de celebrações religiosas ou festas ligadas aos trabalhos agrícolas.

Criados nessa tradição popular, doze jovens de vários ranchos folclóricos da região formaram em 1984 a «Rusga da Serra d'Arga», na tentativa de «ir mais além na pesquisa e divulgação de música e dança tradicionais».

Desdobrando-se em palco de acordo com as diferentes fases do espectáculo, os elementos da «Rusga» são simultaneamente músicos, cantores

e dançarinos, simulando também alguns dos trabalhos agrícolas tradicionalmente associados às danças e canções interpretadas.

Outra característica desta «Rusga» reside no facto de todo o instrumental que utilizam ser genuinamente tradicional: cavaquinhos, violas, braguesas, bombos, etc.

A Música Popular Galega tem também lugar de destaque nesta noite, através da actuação de Emilio Cao que, partindo da música tradicional galega, com base na harpa celta, introduz nos seus temas os sintetizadores, conseguindo obter sons singularmente belos e raros.

Emilio Cao começou por tocar baixo em grupos rock, quando tinha 17 anos. Aos 19 interessa-se pela música folk e aos 21 colabora assiduamente, como instrumentista, com os primeiros cantores do recém-nascido movimento da canção galega, «Voces Ceibes».

A partir daí, Emilio Cao interessa-se pela música tradicional da Galiza, através do contacto com músicos que conservam vivas as formas populares da tradição oral. Recupera o uso da harpa e, em 1977 inicia a sua actividade discográfica, sendo hoje um músico conhecido inteiramente.

A fechar o «Encontro da Música Popular» estarão em

palco os músicos cabo-verdianos do grupo «Sossabe».

A grande originalidade deste grupo assenta na sua fidelidade aos ritmos e à instrumentação tradicionais do arquipélago. Os temas tradicionais das diversas ilhas compõem o repertório do grupo, que assim divulga composições de autores populares como Eugénio Tavares (Brava) e B. Leza (S. Vicente), já desaparecidos, ou de Luís Rendall (Boavista), considerado uma lenda viva da música popular cabo-verdiana.

Durante dois dias, o Norte do País é um lugar de destaque da música popular de Portugal, Holanda, Espanha e Cabo Verde.

Encosta do Restelo QUARTEIRÃO ROSA

Bom gosto... é uma questão de opinião
Venha ver se a sua coincide com a nossa

O SEU ANDAR OU MORADIA DE QUALIDADE
PRONTOS A HABITAR

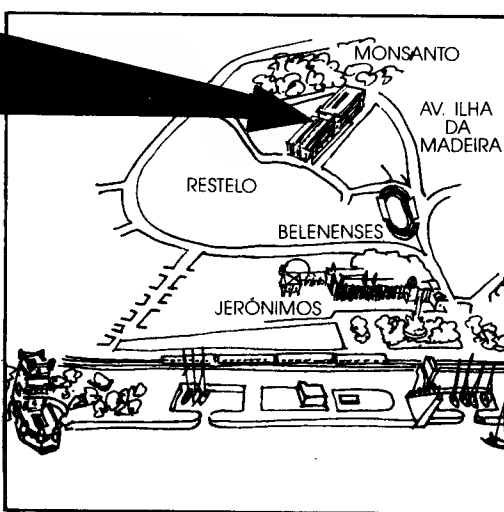
FACILIDADES SEM PRECEDENTES

Empreendimento da Avenida

Av. Gonçalo Nunes (Junto à Av. Ilha da Madeira) - Tel. 615158

VISITE-NOS

Todos os dias úteis, sábados e domingos



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ORAPAZ DA COCA-COLA
(maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(maiores 16 anos)
15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Apolo 70

A PONTE DE BROOKLYN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Ávila

FESTIVAL 007 — OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

10 PARA A MEIA-NOITE
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitôlio

— T. 372358

SEXO CONTRA-RELÓGIO
(int. m. 18 anos)
15.30, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteiro e Estúdio 444

Cinebloco

— T. 556824

PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso

PRISIONEIRO DO SEXO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

O CLÁ DOS GRANDES LUTADORES
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222

— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. menores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

ALVO ÁGUIA
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

MÚSICA NO CORAÇÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h
O ÚLTIMO FÓLEGO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

O INSTRUTOR DE KUNG-FU
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

SARILHO NO FAR-WEST
(não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

UMLUGAR NO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 541037

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 1

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 2

O HOMEM DE DUAS CARAS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

DEBAIXO DO FOGO
(maiores 16 anos)
19.00 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

AMANTES DE VERÃO
(ão acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNEES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 h

Imperio

— T. 555134

O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 h

Londres

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362

OS AMIGOS DE ALEX
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

LOUCURAS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

SCHEMA, A RAINHA DA SELVA
(maiores 12 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

QUATRO PUNHOS CONTRA RIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER EM CHAMAS
(maiores 16 anos)
23.30 h

A CASA ENCANTADA
(n. acons. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
POR FAVOR, NÃO BATAM NAS VELHINHAS
(maiores 16 anos)
23.45 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS TRÊS DIAS DE CONDOR
(m. 16 anos)
23.30 h

LEMBRAS-TE DE DOLLY BELL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOIVOS SANGRENTOS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

O PODER DO JOGO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

007 - AGENTE IRRESISTÍVEL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

KARATÉ KID II
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

UNS E...OS OUTROS
(não acons. men. 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

ORAPAZ DA COCA-COLA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

BREAKDANCE — RITMO NA RUA
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Plenty — Uma História de Mulher», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Remo — Desarmado e Perigoso», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Babilónia — «Police Academy III — de volta aos treinos», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

Estúdio Dois Eme — «Cães de guerra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Lobijovem», às 17.00 e 21.15 (m. 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Viver e Morrer em Los Angeles», às 15.30 e 21.30, (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «África Minha», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «A Flauta Mágica», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (n. acons. m. 13 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «Louca por si Professor», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Música no Coração», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford — «Academia de Polícia III», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Micky e Maude», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Academia — «O Último dever», às 15.30 e 21.30 h (não acons. 13 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Era uma vez na América», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Rocky IV», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos)

Sala 2 — «Os Gloriosos Malucos da Academia do Volante», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

MOSCAVIDE — Stop — «Os Salteadores da Selva Perdida», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «África Minha», às 15.00 e 21.15 h (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical — «Rocky IV», às 16.00 e 21.30 h (n. acons. m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Cineoceano — «A Última Reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Lisboa — PERMANENTE — AREIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); BOA-HORA: Sepol, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); CAMPO DE OURIQUE: Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); CASTELO: Silva, C. de Santo André, 16 (T. 862074); CHILE: Iiança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); ENTRE SETE RIOS: SEGUNDA CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); FEIRA POPULAR: Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10 (T. 771661); GRAÇA: Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); LUMIAR: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); MARQUES DE POMBAL: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); RATO: Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); XABREGAS: MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); BRANDO - AMADORA: Brito, R. do Colégio, 32-B (T. 993351); ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 981139); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALVALADE — ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); BAIXA: Simões Pires, R. da Prata, 115 (T. 362350); BENFICA: União, E. de Benfca, 592-594 (T. 700992); CAMOES - SANTA CATARINA: Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); CAMPO DE OURIQUE: Lobel, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); MARQUÊS DA FRONTEIRA: Romil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); OLIVAIS SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); SALDANHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); SANTO AMARO: CALVÁRIO: Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); SAPADORES: PAIVA COUCEIRO: Europa, Av. General Róçadas, 27-A-B (T. 843880); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; COVA DA PIEDADE: J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; COSTA DE CAPARICA: Higienical, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Baptista Marques, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; LAVRADIO: Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; BARREIRO: Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; CORROIOS: Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; AMORA: Nova Amorense, E. Nacional, 10, bloco A, loja A (T. 2216824). Até às 22 horas; ARRENTELA: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; MONTIJO: Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da Re-

pública, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; SETÚBAL: Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; BAIROS: R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias Saraiva, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 21144871). Permanente; LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 24416160). Até às 22 horas; AL-CABIDECHÉ: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; OEIRAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; SAS-ROEIRO: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; CASCAIS: Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Solta, loja D, lote 65 (T. 900724). Permanente; Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Até às 22 horas; Soares Correia, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Até às 22 horas; DAMAIA: Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; QUELUZ: Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Até às 22 horas; APELAÇÃO: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; CACÉM: Araújo e Sá, E. de Pago de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 92141030). Permanente; MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Araújo, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; SINTRA: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; SACAVÉM: Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

Coimbra — SILVA SOARES: R. Vasco da Gama, 44. Bairro Norton de Matos (T. 71154); DONATO, R. Ferreira Borges, 2-6 (T. 22603).

TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Em férias até 13 de Setembro

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

«TOURO», de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: António Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Iberico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«AVAREZA, LUXURIA E MORTE NA ARENA IBERICA», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Grupo Maizum.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 08 83

Dia 9 às 21.30; dia 10, às 15.00; de terça a 6.ª, às 18.30

«O INDESEJADO», de Jorge de Sena. Encenação de Orlando Neves. Cenários e figurinos de Nuno Carlinhas.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feto, Camilo de Oliveira, Duke Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«LISBOA TEJO E TUDO», de César Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«OS NEGROS», de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, às 18.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE», de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.

Coloque os seus aparelhos a gas em locais ventilados. Cumpra as minhas regras de segurança.

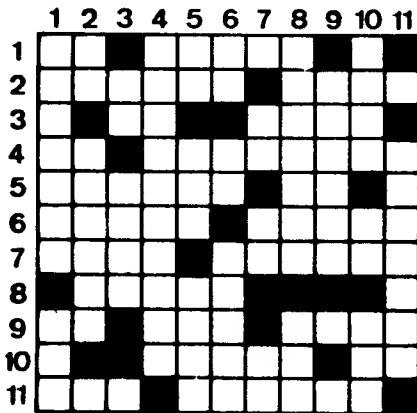
DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 801

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição. O alvorecer. tempo do verbo ser.
- 2 Elegância. Mil cento e dois em romano.
- 3 Duas vogais desiguais. Justapor.
- 4 Amónio (s.q). Afrouxamos.
- 5 Nome de peixes. Rénio (s.q).
- 6 Eduquem. Tocar de leve.
- 7 Rezaei. Calunia.
- 8 Naipes das cartas de jogar.
- 9 Quantum satis. Ovario dos peixes. Grupo de pessoas.
- 10 Fado. Prefixo de negação.
- 11 Cidade da Alemanha. Iria para fora.



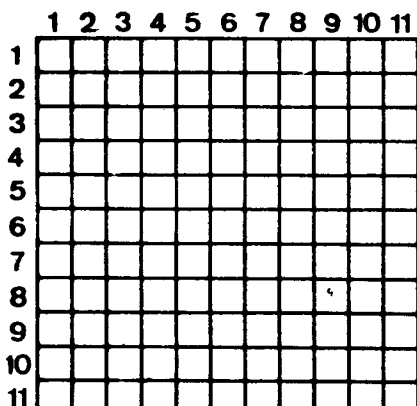
VERTICAIS:

- 1 Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. pronomes relativos.
- 2 Pertences. Outeiros.
- 3 Pronome reflexo. Ligai.
- 4 Caixinhas onde se vai guardando o dinheiro que se deseja economizar.
- 5 Nesse lugar. Medida de líquidos da Holanda. Origens (fig).
- 6 Em o. Abreviatura de Santíssimo. Guarneceira de asas.
- 7 Pertences. Reis. Pronome pessoal.
- 8 Apoiar. Raer.
- 9 Principia. Artigo definido.
- 10 Enguia. Antes de Cristo. Clariidade solar.
- 11 Curaram.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

HORIZONTAIS:

- 1 Rio da Rússia. Embarcação de Bengala.
- 2 Formar as abas a. Culpados.
- 3 Pico dos Pirineus. Interjeição com que se indica a explosão de um tiro. Conjunção.
- 4 O mesmo que argau. Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova.
- 5 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. A Tailândia.
- 6 Torna a ler. Viração.
- 7 Antiga medida de capacidade. Grande ribeirão da Ásia Russa. Condado da Irlanda.
- 8 Anel. Coincidi.
- 9 Medida japonesa igual a dois decilitros. Sadio. Aqui.
- 10 Cidade do Estado do Paraná. Mil e cinco em romano. Sufixo que designa estado.
- 11 Ruuborizar-se. Fruto da aiteira.



- 2 Onera com dívidas. Furiosa.
- 3 Soltário. Abreviatura de Santíssimo.
- 4 Grego (abrev). Preposição. Designação genérica das plantas herbáceas.
- 5 Divindade do antigo México, personificação das águas celestes, senhor do Inferno, chamado Tlalocan. Distar.
- 6 Cidade da China. Aves pernaltas.
- 7 Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo. Lodo.
- 8 Sufixo que designa estado. Arquipélago soviético do oceano Ártico.
- 9 Lançar as sementes.
- 10 Transpirado. Diplomata francês que mandou de Portugal onde foi embaixador três pés de tabaco a Catarina de Médici.
- 11 Tosto. Pago (abrev). Arara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 800

HORIZONTAIS:

- 1 O. TRABALHO.
- 2 Caras. Tia
- 3 Amassara. Te.
- 4 Sovou. Sol.
- 5 Ira. Má. Dá.
- 6 Reina.
- 7 Eva. Am. Ali.
- 8 Sa. Casar. Ad.
- 9 Lias. Resta.
- 10 DE. Mana. Mad.
- 11 Arras. Só. Se.

VERTICAIS:

- 1 Ocasões. Dá.
- 2 Amor. Valer.
- 3 Travara.
- 4 Raso. Cama.
- 5 Assumi. Asas.
- 6 A. Anas.
- 7 Atra. Amaras.
- 8 Lia. Re.
- 9 Há. Sabá. SM.
- 10 To. Latas.
- 11 FELICIDADE.

PROVÉRBO:

O trabalho dá a felicidade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 636

HORIZONTAIS:

- 1 Abada. Criva.
- 2 Sam. ODC. Mar.
- 3 Atam. Pola.
- 4 Dirás. Falam.
- 5 Adaca. Riade.
- 6 Aval. Ore.
- 7 Uh! ab. Cu.
- 8 Leandro. Mim.
- 9 Há. Sabá. SM.
- 10 Verdi. Ocampo.
- 11 Ardor.

VERTICAIS:

- 1 Asada. Fulvo.
- 2 Batida. Hee.
- 3 Amarava. Are.
- 4 Macarani.
- 5 Ao. Sala.
- 6 DC. Laró.
- 7 CC. Fr. Boca.
- 8 Paços. Ar.
- 9 Imolara. MMD.
- 10 Valado. Cipó.
- 11 Arame. Rumor.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: Música de expressão portuguesa; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário; 24.00: Fecho. Noticiário de hora a hora.

Programa 2

15.00: Música de câmara; 16.00: Música do século XX; 16.30: Trechos, de dramas líricos, de Wagner; 17.00: Integrais; 17.30: Concerto, em lá menor, opus 129, para violoncelo e orquestra, de Schumann; 18.00: «Momentos Musicais», D. 780, de Schubert; 18.40: Os grandes intérpretes; 20.40: Música portuguesa; 21.10: Música orquestral; 21.30: A ópera «Alzira», de Verdi; 23.45: Solos instrumentais; 00.15: Concerto, para violoncelo e orquestra, de Witold Lutoslawski; 00.45: Sonata, para flauta e piano, de Pierre Boulez; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m) 16.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 23.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim de tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.15: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados

«As Misteriosas Cidades de Ouro»

15.30 — Inventário Musical

(6.º programa): «As Mãos e as Cordas»

16.00 — Retalhos da Vida de um Médico

(6.º episódio): «Uma Menina Perfeita»:

No próprio dia da sua chegada a Pavia, onde vai trabalhar como médico municipal e no meio dos trabalhos da instalação da sua nova casa, Pedro é chamado para assistir a um afogado que fora descoberto nessa mesma manhã. O incidente revela sobretudo a brutalidade da máquina judicial e policial da época e tem um final perfeitamente inesperado. Assim, Pedro começa a adaptar-se a uma vida muito diferente da de Monsanto e passa a frequentar o Clube dos Agrários, embora não partilhe as opiniões deles sobre os trabalhadores rurais e as suas condições de vida. Entretanto, uma camponesa vence os preconceitos do marido e chama o novo médico para assistir ao parto...

16.40 — Fado Vadio

Rodrigo; João Ferreira Rosa

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

«A Arca de Noé» e «Era Uma Vez»

18.45 — País, País

19.15 — XXVII Festival Internacional de Folclore de Santarém

(Último programa)

19.55 — O Livro Grande de Petete

«A Lâmpada Eléctrica»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(113.º episódio): Osmar convida Teresa e He-loísa para tomarem um gelado e aproveita para conversar com a filha e convida-a para visitar a fazenda. Rafael não comparece à festa de noivado dada em casa de Zoraide, deixando Ângela muito desanimada. Lúcia continua muito agressiva com o pessoal da casa. Cristina e Eloá conversam sobre o romance da última. Vânia permite que Osmar veja a filha sem autorização de Teresa, que ao ter conhecimento do facto fica furiosa proibindo Vânia de revelar a verdade à filha.

21.35 — Danças Loucas

(3.º programa): Os anos 30 em destaque, com ritmos no estilo dos anos 20, bem cadenciados, bem mexidos.

22.00 — Festival Mundial da Canção Migrante

Directamente de Amarante vai a RTP transmitir o 3.º Festival da Canção Migrante, esta noite.

Após a apresentação das canções concorrentes seguir-se-á um espectáculo de variedades que conta com a participação de Tonicha, do grupo musical «As Dóce» e do agrupamento «Ronda dos Quatro Caminhos».

A terceira parte do programa será constituída pela votação e atribuição dos prémios.

O acompanhamento musical estará a cargo da



A música de Pedro Caldeira Cabral hoje presente na rubrica «Encontros Com...» na RTP-2

orquestra da RDP dirigida pelo maestro Tavares Belo.

00.00 — Últimas Notícias

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa TV»

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

«Tic-Tac» e «Willy Fog»

17.05 — Count Down

17.45 — O Tempo

17.50 — Documentário

«Espaço Verde»: em 13 episódios, esta série revela os múltiplos aspectos da paisagem holandesa.

18.20 — O Tempo

«O Mundo Amanhã»: a agenda diária dos acontecimentos internacionais.

18.30 — Informação

«Spectrum»

19.00 — Música

«Rudolf Serkin — O Músico»

20.10 — Notícias

20.15 — Caminhos do Eterno

O programa desta semana visita o Museu de Setúbal, sendo, como habitualmente, apresentado pelo seu autor, o dr. Álvaro Manuel Machado.

20.40 — Gente do Mar

(2.º episódio): Quando o «Durante» deixa o porto com os passageiros e a carga a bordo, o naufrágio estava já planeado...

Gilliatt — Aurelien Recoing; Lethierry — Julien Guimar; Deruchette — Marie-Therese Relin; Herode — Georges Wilson; Adaptação de Jean-Claude Carrière. Realização de Edmond Sechan. Uma co-produção da Antenne 2, Televisão Soviética, Sudwestfunk Baden-Baden e Pathe — Cinema.

21.40 — Notícias

21.45 — Encontros Com...

La Batalla

Pedro Caldeira Cabral e o seu agrupamento «La Batalla»

Conversa entre Pedro Caldeira Cabral e a pintora Graça Morais.

La Batalla utiliza réplicas de instrumentos musicais medievais como o Alaúde, a Guitarra Latina, a Lira, o Meio-Canho, a Dulçaina, Charamela, Flauta Doce e percussões diversas.

22.25 — Últimas Notícias

22.30 — Vereda Tropical

(100.º e 101.º episódios)

Amanhã

RTP/1

09.55 — Missa da Assunção de Nossa Senhora

10.55 — Sumário

11.00 — Setentrão

11.30 — Espaço 11/13

12.30 — Vereda Tropical

13.15 — Jornal da Tarde

13.30 — Desenhos Animados

14.00 — Espaço Visual

14.30 — Entre Marido e Mulher

15.30 — O Mar e a Terra

16.00 — Ontem Viu?

16.30 — Se Bem Me Lembro

17.00 — Sumário

17.05 — Tempo dos Mais Novos

17.30 — País, País

18.00 — Atletismo

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

21.15 — Alô, Alô!

21.55 — No Centenário do Nascimento de António Silva

RTP 2

16.30 — Europa TV

20.00 — Notícias

20.05 — Atletismo

21.00 — Museu do Cinema

21.30 — Notícias

21.35 — Directo/2

22.35 — Últimas Notícias

22.40 — Vereda Tropical

AOS CONDUTORES

“Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras.”

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

Danças Loucas

RTP 2

Encontros Com...

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

«Corpo a Corpo»



PORTE
PAGO

Fundador **Joaquim Manso**

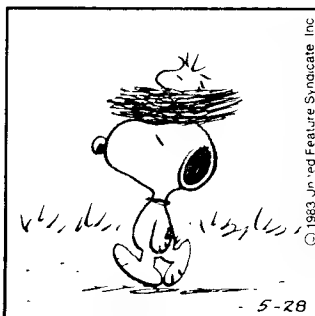
Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2 3 Publicidade: 38 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex: 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do "DL" na Madeira 50\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
09.26 3,40 m	02.49 1,60 m
22.09 3,30 m	15.32 1,60 m
Dia 15	
10.53 3,40 m	04.12 1,60 m
23.39 3,30 m	16.59 1,50 m

O TEMPO	
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
BRAGANÇA	14°
VIANA DO CASTELO	15°
VILA REAL	13°
PORTO	17°
COIMBRA	17°
CABO CARVOEIRO	18°
CASTELO BRANCO	17°
PORTALEGRE	22°
LISBOA	18°
ÉVORA	15°
BEJA	17°
FARO	20°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	20°

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de noroeste, soprando por vezes forte no litoral oeste durante a tarde. Néblinas matinais no litoral a norte do Cabo da Roca.

Quinze peregrinos feridos no despiste de autocarro

Quinze feridos sem gravidade foi o balanço de um acidente ocorrido, cerca das 15 e 30 de ontem, perto de Vila Nova de Ourém, com um autocarro da empresa «Cabanelas» que vindo, de Fátima, transportava 50 peregrinos.

O veículo, que se despistou após ter ficado fracturado uma das molas da suspensão, acabou por sair da estrada no lugar de Casal Novo. A excursão era integrada por peregrinos oriundos de Vizela e de Guimarães, tendo os feridos sido assistidos nos hospitais de Vila Nova de Ourém e de Torres Novas.

Assassinado a pontapé numa discoteca de Buarcos

Um jovem de 25 anos, José Manuel Martinho Lourenço, solteiro, residente em Cerca dos Anjos, Sor, faleceu ontem no Hospital da Figueira da Foz, poucas horas após ter sido agredido a soco e a pontapé numa discoteca em Buarcos. Segundo testemunhas oculares da ocorrência, o autor da agressão terá sido um indivíduo de apelido Aires, de 21 anos, cujo paradeiro entretanto se desconhece.

D/E/C/A/R/A/S/



PAOLA MORI, viúva do actor e realizador de cinema Orson Welles, morreu devido a ferimentos provocados por um acidente rodoviário, informaram ontem autoridades policiais. O automóvel em que Paola Mori seguia foi albaroadado por outro veículo, terça-feira de manhã. A viúva de Orson Welles era também actriz e tinha 57 anos. Casou com o conhecido realizador em Maio de 1955. Recorde-se que Orson Welles morreu em Outubro de 1985, com 70 anos, em Hollywood, vítima de ataque cardíaco.

GIL TEIXEIRA LOPES, pintor, foi ontem galardoado com o «grande prémio» da Oitava Bienal Internacional da Noruega, pelas suas gravuras «Elegia Interior-I» e «Elegia Interior-II». Em declarações à ANOP, o pintor, que é também professor na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, manifestou o seu orgulho e satisfação por «trabalhos portugueses terem sido premiados numa Bienal desta importância».

Gil Teixeira Lopes, de 50 anos, foi convidado a integrar o júri da próxima Bienal Internacional da Noruega.

FRANÇOIS MITERRAND enviou ontem uma carta ao secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, em que expressa a sua preocupação pela «evolução da situação no Sul do Líbano». Na sua missiva, o presidente francês pede a Cuellar que faça «todos os possíveis para prevenir a repetição» de incidentes como os ocorridos entre soldados gauleses das Forças de Intervenção da ONU no Líbano e milícias chiitas, dos quais saíram feridos quinze soldados franceses.

FIDEL CASTRO recebeu a Ordem de Lenin por ocasião do seu 60.º aniversário, noticiou a agência Prensa Latina. A agência cubana disse que Castro recebeu a distinção soviética «pelo seu contributo para a consolidação da paz e do socialismo». A Prensa Latina acrescentou ainda que Castro recebeu outras distinções e mensagens de

felicitações pelo seu aniversário.

ALEXANDRA CRUZ está a preparar um novo LP intitulado «Cantigas à Portuguesa». O disco, a ser editado em fins de Outubro, inclui doze temas do compositor Branco de Oliveira. A fadista vai participar brevemente num programa da RTP e tem previstas deslocações aos Estados Unidos e ao Canadá, para além dos habituais espectáculos de Verão por todo o país.

MARGOT FONTEYN, grande dama do Ballet britânico, abandonou o mundo do bailado para se fixar numa quinta do Panamá. Depois de uma carreira de 45 anos com o Ballet Real Britânico, descansando no campo parece uma coisa natural e Margot raramente sai da quinta sem o marido, o panamiano Roberto Arias, que ficou paralisado da cintura para baixo devido a uma bala que o poderia ter morto em 1964. Margot decidiu retirar-se quase com o dobro da idade de reforma de muitas bailarinas de hoje.

"Pacote popular": ainda não é hoje

Ainda não é hoje que o plenário ministerial vai aprovar o «pacote de medidas populares» que, diz-se nos bastidores governamentais, poderá vir a marcar em força a rentrée política do Executivo, designadamente, do seu Primeiro-Ministro.

Fontes governamentais contactadas pelo DL, adiantaram que, a curto prazo, o que poderá estar na forja é uma grande acção que contemple a próxima abertura do ano escolar sobretudo no âmbito da fiscalização e accionamento de mecanismos que propiciem uma abertura atempada e no maior número de escolas possíveis.

Tudo o mais dependerá do evoluir da situação política, sobretudo da hipotética realização ou não de eleições gerais antecipadas.

Mas para já, o plenário ministerial presidido pelo ministro de Estado, Eurico de Melo, deverá aprovar ainda hoje um conjunto de diplomas que, embora de natureza sectorial, não deixam de ter grande importância. Assim, destaque para a criação da Comissão para valorizar a zona do porto de Lisboa; a criação do Instituto de Promoção do Turismo; regulamentação das zonas onde se pode edificar nos novos lançes de auto-estradas e isenção de taxas aduaneiras na importação de embarcações para a pesca.

Quanto à abertura de contas em divisas estrangeiras — medida inserida num conjunto de outras de natureza financeira que o Governo tem vindo a implementar — a sua aprovação está para breve e «depende apenas de regulamentação especial para contas de emigrantes», disse ao «DL» a mesma fonte.

Amanhã não há "DL"

Amanhã é feriado nacional, motivo por que estão encerrados todos os nossos serviços e não se publica o «Diário de Lisboa». Retomaremos o contacto com os leitores no sábado.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL.

- 1.º PRÉMIO — 78 836 — 45 000 CONTOS
- 2.º PRÉMIO — 14 813 — 10 000 CONTOS
- 3.º PRÉMIO — 28 649 — 3 000 CONTOS

A sorte Grande e o 3.º prémio foram vendidos aos balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE

em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — VISEU — COIMBRA — SETUBAL — FARO

1.º PRÉMIO

78 836

2.º PRÉMIO

14 813

3.º PRÉMIO

28 649



CASA VIOLA

A SORTE QUE «TOCA»

LISBOA — BRAGA — ESTORIL — VISEU — PORTIMÃO

Pedidos de Lotaria pelo correio para:

CASA VIOLA, LDA.

R. Assunção, 67-1100 LISBOA • TEL. 32 46 47

O vínculo amoroso — algumas perspectivas literárias

A palavra «vínculo» — do latim *uinculum*, *uinculi* — refere-se, de maneira genérica, a tudo quanto prende ou agarra, a tudo quanto tolhe a liberdade; e, no plural, tem mesmo a hedionda significação de «fortes laços», «cadeias», «ferros». Haverá coisa mais contrária à própria essência do amor? Falar de «vínculo amoroso» afigura-se-me assim algo de aberrante. Todavia, o facto existe, parece até indispensável para que o amor se manifeste, para que a liberdade se atinja — tal como, bem amiúde, são necessárias prisões formais, do maior rigor, para que se manifeste a poesia.

De toda a maneira o que vincula oprime, o que oprime acaba inevitavelmente por ferir. Daí que Denis de Rougemont, nesse livro que de há muito se tornou um «clássico» — *L'Amour et l'Occident* —, tenha liminarmente observado o seguinte: «Ce qui exalte le lyrisme occidental, ce n'est pas le plaisir des sens, ni la paix féconde du couple. C'est moins l'amour comblé que la passion d'amour. Et passion signifie souffrance. Voilà le fait fondamental.» Palavras terríveis que em si mesmas en-

Incluído no número três da Revista Portuguesa de Psicanálise, actualmente em distribuição pelas livrarias, sai este texto de David Mourão-Ferreira sobre algumas perspectivas literárias do vínculo amoroso, que o autor nos autoriza a publicar aqui.

cerram uma das maiores tragédias da nossa civilização.

Em não raras circunstâncias, os maiores esforços no sentido de abolir vínculos de qualquer espécie desembocam afinal na multiplicação desses mesmos vínculos. Tristão e D. Juan, anverso e reverso de idêntica medalha, são os únicos mitos que em tal matéria a cansada imaginação europeia conseguiu criar. Não poderemos dizer se em cada Tristão existe um D. Juan recalcado, mas não são raros os casos em que D. Juan arrasta consigo a pertinaz nostalgia de um Tristão impossível. Seja como for, entre os fanáticos do vínculo único (suponho que bem escassos) e os praticantes de vínculos muitos, sucessivos ou simultâneos, variadamente se escalonam os inúmeros espécimes do *homo sapiens* que a cultura ocidental tem sabido forjar, sobretudo a partir do século XII.

De muito maior sageza se mostra-

vam, a este respeito, certos modelos míticos propostos pela Antiguidade: o de Ulisses, por exemplo. Pena que Penélope não seja da mesma opinião. Mas a história recente, em semelhante domínio, é em grande parte a da revolta das Penélopes; ou a da massificação dos Ulisses em padrões *unisex*, se bem que a «ulissificação» do mundo moderno pareça até agora bastante incompleta. Não só incompleta; também ilusória: os e as Ulisses dos dias de hoje, por mais que queiram ser Ulisses, continuam a tentar voar com asas de Tristão ou a rastejar com garras de D. Juan. Sempre, em suma, a superstição dos vínculos.

Mas o mais curioso é que podem aplicar-se a cada um desses vínculos exactamente as mesmas palavras de que António Gedeão se serviu para uma vez definir a poesia: «É corpo e é coisa mental, nebulosa primitiva, espasmo de matéria viva, ressonância universal». Ou não se desse o caso, como já

antes Cecília Meireles advertira, de que «a arte de amar é exactamente/a de ser poeta». Mas detenhamo-nos, por agora, nos versos de Gedeão.

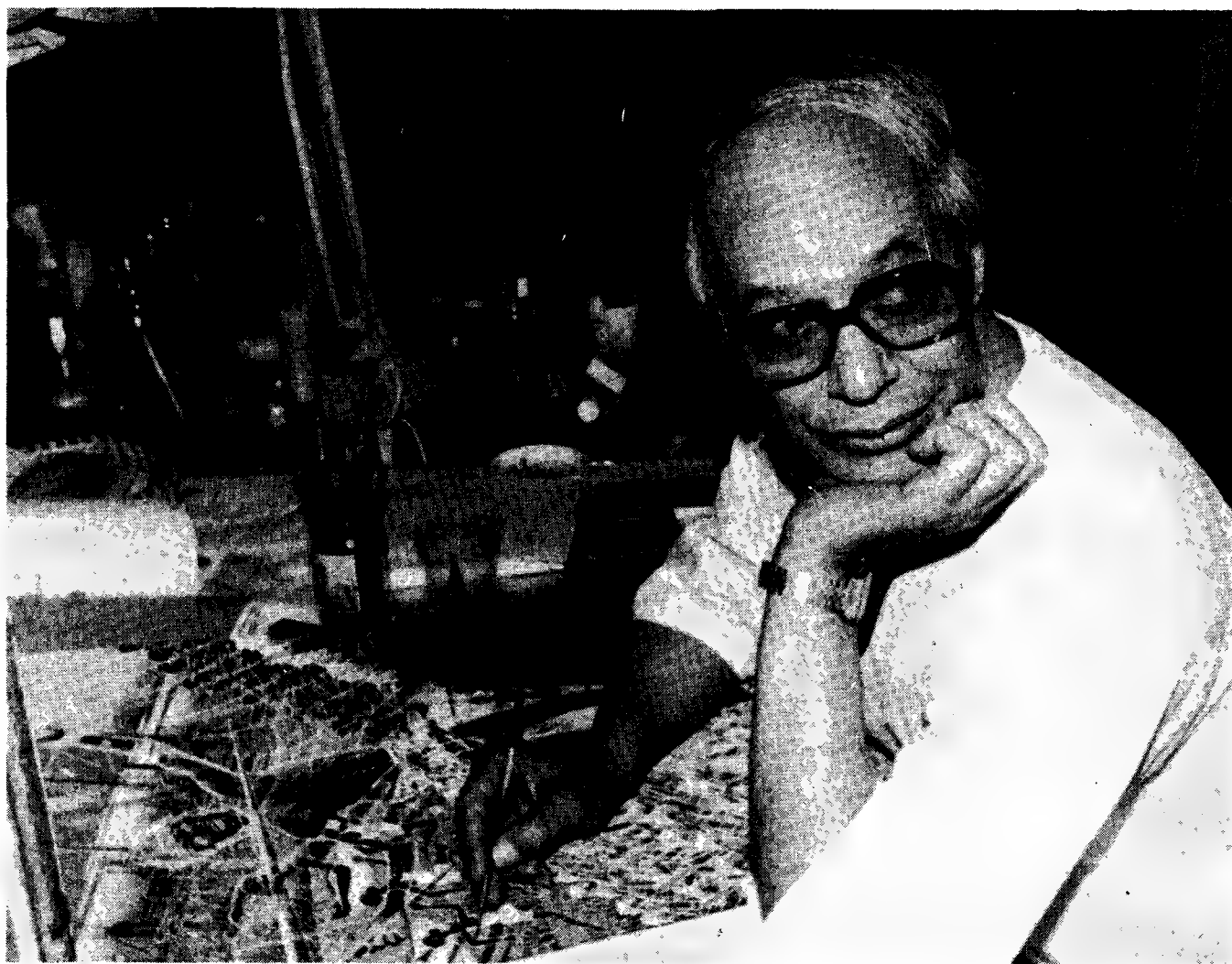
Também o vínculo amoroso é «corpo»; também o vínculo amoroso é «coisa mental». No entanto, creio que muitos nos enganaríamos, ao falar de corpo, se o reduzíssemos à noção de sexo, ou de simples sede de sexo. (Que se leia «sede» ou «sêde» conforme se prefira). Por outras palavras: se o desejo sexual explica muito, o desejo sexual não explica tudo. Aqui intervém a «coisa mental», que logo segrega e produz, entre outras substâncias, o sabroso veneno que se chama «erotismo». Ora, cfoi apontado por Octavio Paz, «la sexualidad es indiferente; el erotismo, singular»; ou, melhor, segundo ainda o mesmo autor, «el ero-

David Mourão-Ferreira

Continua na pag. 2



Foto Rui Farinha



António Domingues «emerge» da Sagrada Esperança

António Domingues, português, pintor, 65 anos, que se sente em Portugal como «um emigrante documentado, na sua própria terra», surrealista, neorealista, herdeiro de muralistas mexicanos como Siqueiros, Rivera, Orozco e Tamail, acabou os seus dez inacreditáveis gouaches para a «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto. O livro será lançado em Luanda a 11 de Novembro, data da independência angolana, em simultâneo com uma exposição dos originais do pintor. Perguntámos-lhe como trabalhou sobre os poemas do «poeta-presidente». Ele disse-nos que mergulhou neles longa e profundamente, tão longa e profundamente que ainda não voltou, totalmente, à tona. A sua pintura conta boa parte da história recente de África — e sobretudo de Angola, que só conheceu em 1976 apesar de amigo, de longa data, de Agostinho Neto.

Págs. 4 e 5

Um é Outros — o folhetim de Jrupe Emigrilian na pág. 6

O vínculo amoroso

— algumas perspectivas literárias

Continuação da pág. 1

tismo es deseo sexual y algo más; y ese algo es lo que constituye su esencia propia. Ese algo se nutre de la sexualidad, es naturaleza; y, al mismo tiempo, la desnaturaliza».

Por outro lado, a tal «coisa mental» que com o corpo tão intimamente colabora também se dá ao luxo de laborar independentemente do corpo. Nesse labor a sós, ou quase, ei-la que se encarrega daquele fenómeno que Stendhal genialmente detectou e ao qual deu o nome de «cristalização». Ouçamo-lo, no capítulo II do *De l'Amour*:

«Aux mines de sel de Salzbourg, on jette dans les profondeurs abandonnées de la mine un rameau d'arbre effeuillé par l'hiver; deux ou trois mois après, on le retire couvert de cristallisations brillantes. (...) Ce que j'appelle cristallisation, c'est l'opération de l'esprit, qui tire de tout ce qui se présente la découverte que l'objet aimé a de nouvelles perfections.»

Como se vê, «opération de l'esprit» igual, portanto, à referida «coisa mental» em estado aparentemente puro. Graças a ela, começamos então a explodir os maiores equívocos; nomeadamente este, com tanta argúcia indicado por Montherlant: «L'homme ne désire pas la femme parce qu'il la trouve belle; il la désire belle pour justifier son désir.» Ou este outro, também do mesmo escritor: «L'homme ne rêve pas de la femme parce qu'il la trouve mystérieuse; il la décrite 'mystérieuse' pour justifier son rêve d'elle.»

Mas tornemos de novo aos versos de Gedeão para observar agora que, se o vínculo amoroso, tal como a poesia, «é corpo e é coisa mental», esta mesma parêntese se vê logo seguida, à laia de apostrofe ou continuado (expressão de triste memória que só me apraz empregar a título revivista), pelo sintagma «nebulosa primitiva» que se aplica obviamente, se não a cada um dos anteriores termos de per si, pelo menos ao seu conjunto. Com efeito, nebulosa primitiva é o corpo; nebulosa primitiva a coisa mental; nebulosa ainda mais nebulosa a aliança entre os dois. De onde se poderá talvez concluir que o vínculo amoroso se caracteriza pela mais primitiva das nebulosidades. Mas eis que essa mesma nebulosidade se «resolve» — em aceção fortemente física — através daquele «espasmo de matéria viva» sobre o qual haverá pouco a dizer, a não ser, porventura, como aconselhava Camões, que «melhor é experimentá-lo que julgá-lo; / mas julgue-o quem não pode experimentá-lo». E, finalmente, quanto à «ressonância universal» desse mesmo espasmo, uma das mais tangíveis provas da sua existência será o próprio facto de nós existirmos.

De toda a maneira — e volto a citar Octavio Paz — «el erotismo es sexual, la sexualidad no es erotismo. El erotismo no es una simple imitación de la sexualidad: es su metáfora». Inútil acrescentar ou esclarecer que o vínculo amoroso, quanto a mim, decorre muito mais da pauta musical do erotismo que da rouquejante banda sonora da mera sexualidade. Mesmo assim, nem só o fenómeno erótico será provavelmente capaz de por completo o explicar.

«La scienza del cuore», escreveu um dia Eugenio Montale, «non è ancora nata, ciascuno la inventa come vuole». Talvez que muitos pensem o contrário. Mas o próprio da literatura, e sobretudo da poesia, é o de não aceitar certezas algumas, tanto mais suspeitas quanto mais redutoras, tanto mais incómodas

quanto mais seguras de aplicação universal. Não irei ao ponto de concordar com Vladimir Nabokov quando ele fala da «freudian fraud» (o que não passa de uma feliz aliteração) e, muito menos, quando inclusivamente afirma que «o freudismo e tudo quanto ele manchou com as suas implicações e métodos grotescos» se lhe afigura «um dos enganos mais vis exercidos pelas pessoas sobre si mesmas e sobre as outras». Em contrapartida, compreendo as reservas, muito mais cortesias e mitigadas, que um Rainer Maria Rilke, por exemplo, acabou por formular em relação à eventualidade de se submeter a um tratamento psicanalítico, nomeadamente quando escreveu o seguinte, em 1912, ao barão Emil von Gebtsattel: «... parece-me fora de dúvidas que, se me expulsassem os meus demónios, também os meus anjos teriam um pouco, digamos um pouquinho de medo».

Retornando, pela nossa parte, ao motivo do vínculo amoroso, apeteceria parafrasear estas palavras de Rilke de modo a sugerir que raros serão os poetas que não se rebelam, mais tarde ou mais cedo, contra quaisquer tentativas, contra quaisquer tentações para explicar esse vínculo ou só pela intervenção dos «anjos» ou só pela intervenção dos «demónios». Tal vínculo, acrescentarei, «é coímento de olhares, de sons, de cheiros, sabores, onde corre, em capilares/sangue de todas as cores». Trata-se, como decerto já se depreendeu, de mais uma estrofe do anteriormente citado poema de António Gedeão. Continuando a referir-se à poesia, poderemos continuar a aplicá-lo ao vínculo amoroso: é que também no vínculo amoroso corre idêntico «sangue de todas as cores»; de todas as cores de todos os demónios, de todas as cores de todos os anjos. E repetirei, com Cecília Meireles: «a arte de amar é exactamente/a de ser poeta».

Ficou entretanto em suspenso o tema anteriormente afluído do vínculo único, do vínculo múltiplo. Este último, segundo creio, goza de muito *mauvaise presse* no foro psiquiátrico, porventura mesmo no foro psicanalítico. Sem dúvida que a sua exibição pode ser odiosa, embora a respectiva expressão se mostre amiúde bela e pungente, quando não patética. Tal o caso, se não erro, deste soneto do poeta seiscentista Vauquelin des Yveteaux, expoente quase ignorado do barroco francês, em cujos versos de «louvor à inconstância» concentradamente se manifesta todo o drama ou toda a tragédia do donjuanismo:

«Avec que mon amour naist l'amour de changer;
J'en aime une au matin, l'autre au soir
me possède,
Premier qu'avoir le mal, je cherche le remède,
N'attendant estre pris pour me des-engager.

«Sous un espoir trop long je ne puis m'affliger.
Quand une fait la brave, une autre luy succède;
Et n'ayme plus long-temps la belle que la laide.
Car dessous telles loix je ne veux me ranger.

«Si j'ay moins de faveur, j'ay moins de frenesie;
Chassant les passions hors de ma fantaisie,
A deux, en mesme jour je m'offre et dis adieu.

«Mettant en divers lieux l'heur de mes esperances,
Je fay peu d'amitié et bien des cognaisances;
Et me trouvant partout je ne suis en nul lieu.»

Tive um dia a veleidade (já lá vão muitos anos) de traduzir este soneto para português, apenas em homenagem, como é óbvio, ao seu indiscutível valor poético. Eis o pobre resultado que obtive, sob todos os aspectos bem longe da fria perfeição do original:

«Nasce com meu amor o amor de mudar;
tenho uma de manhã, outra, à noite,
me cede.
Sem aguardar o mal, vou buscando o remédio,
e preso apenas fico até me desligar.

Sob um longo fervor não me sei conservar.
Se uma não me seduz, logo outra lhe sucede.
Bela ou não, tanto faz para entreter-me o tédio,
Pois não são essas leis que me hão-de governar.

Dando caça às paixões, fora da fantasia,
O que perco em favor, ganho-o por outros lados:
rendo-me e digo adeus, a duas, num só dia.

«Pondo em mais de um lugar a esperança, lá vou
fazendo relações, mas poucas amizades...
E 'stando em toda a parte, em parte alguma estou.»

Por muito canhestra ou decepcionante que seja a tradução (e sou o primeiro a admiti-lo), suponho que mesmo em português haverá de sentir-se a árida atmosfera em que tudo isto decorre, o álgido modo como os vínculos muitos e fugazes em vínculos nenhuns afinal se convertem. Não se julgue, porém, que sempre assim acontece: da multiplicidade dos vínculos, por mais fugazes que sejam, podem igualmente resultar uma tal ou qual euforia, uma espécie de mágica *allégresse*, como por exemplo se verifica na «Xacara das Mulheres Amadas», do nosso Mário Saa, um dos grandes e pouco lembrados vultos do modernismo português:

«Quem muitas mulheres tiver,
em vez duma amada esposa,
mais se afirma e se repousa
pera amar sua mulher;
quem isto não entender...
em cousas d'amor não ousa,
em coisas d'amor não quer!»

«Quantas mais, mais se descansa,
mais a gente serve a todas;
quantas mais forem as bodas,
quantos mais os pares da dança,
menos a dança nos cansa
o gosto d'andar nas rodas. (...)

«No paladar de mudar
mais se sente o gosto agudo:
que amar nada ou amar tudo
é estar pronto a muito amar;
o enjoo vem de não estar
a par do nada e do tudo.»

Aqui temos, se não me engano, uma assunção moderna do mito de Ulisses. Mas em que não se conta a emancipação de Penélope. Seja como for, algo que se



encontra tão distante do vínculo único de Tristão como dos vínculos muitos-e-nenhuns de D. Juan; algo que de qualquer modo se mostra mais saudável. Mesmo que seja irónico; até mais ainda se for irónico. Mas os vínculos não se reduzem apenas a estes avatares: coados pela memória, poetizados pela nostalgia, podem também dar origem a evocações do mais límpido e transcendente lirismo. É o que se nos depara num autor como Albert Cohen, cujo romance *Belle du Seigneur* constitui uma terrível e devastadora desmitificação das ilusões de *l'amour-passion*, e que, aos oitenta e dois anos, nos seus *Carnets*, assim convocaria as numerosas *merveilleuses* que sucessivamente (ou simultaneamente nalguns casos) lhe preencheram a moldura de uma existência bem vivida:

«Oh, réunir toutes les femmes de ma vie, les importantes, les pas importantes, toutes celles qui ont été ma seule vraie société, les réunir toutes, les réunir dans une villa louée exprès, une très belle villa ancienne, avec des portraits de magistrats sévères, une villa à la campagne, et assembler toute les bien-aimées dans l'immense salon, et aller de l'une à l'autre, et être courtois avec chacune, et toutes seraient adorables entre elles, toutes des amies. (...) Et, la nuit venue, nous promènerions ensemble dans le grand parc, moi et toutes mes anciennes, et nous nous tiendrions par la main (...), sans nulle scène de jalousie.»

Será preciso acrescentar que Albert Cohen, um dos maiores prosadores franceses deste século, nascido em 1895, falecido em 1981, veio justamente ao mundo na ilha de Corfu, não muito longe, por conseguinte, da Ítaca de Ulisses? As emancipadas Penélopes, em cumplicidade com as Nausicaas contestatárias, reagirão provavelmente de modo escandalizado a isto a que hão-de chamar, segundo o *jargon* em moda, abominável prova de «machismo», quando afinal isto corresponde, simplesmente, à honesta expressão de um específico comportamento masculino, sem dúvida controverso, mas de que não estão ausentes, como indispensáveis componentes de vínculo amoroso, a delicadeza, a ternura, a gratidão, o cálido envolvimento com esse «peuple différent, nation des femmes», como gostava de lhe chamar Valéry Larbaud. Desajável seria, por outro lado, que as Penélopes e as Nausicaas se mostrassem ca-

pazes de exprimir, com igual serenidade, fantasmas semelhantes — ou complementares.

Seja como for, o mais importante é que alguns dos livros de Albert Cohen — como o já citado *Belle du Seigneur* ou o romance *Solal* — se mostram absolutamente indispensáveis, como poucas obras do nosso tempo, para compreendermos tanto a natureza do vínculo amoroso — dos vínculos amorosos — como o enredado processo do seu surgimento, do seu crescimento, do seu definhamento, da sua morte. Tais livros ilustram, aliás, de modo exemplar, esta luminosa asserção de um moralista e ensaísta português contemporâneo — Castelo Branco Chaves — a quem até hoje ainda não se prestou a devida justiça: «Para que uma grande paixão amorosa se não degrade, é necessário que a morte venha, a tempo, em seu auxílio». Ou esta outra, do mesmo autor, igualmente lapidar: «Tudo acaba por se revoltar contra um grande amor — até mesmo os que o vivem apaixonadamente».

Eis o que nos faz ver como é frágil o vínculo amoroso, como não há amor que não esteja à mercê da sua intrínseca fúria de autodestruição. E, no entanto, um escritor como Paul Valéry, tão amiúde (e tão erroneamente) entendido apenas em função da sua devoção quase fanática aos poderes e aos mecanismos do espírito, aos prestígios do intelecto, pôde um dia inscrever, nos seus íntimos *Cahiers*, esta pergunta e esta resposta:

«S'il fallait choisir entre l'amour, au degré le plus haut, et le plus heureux amour, — et la possession de l'intellect, comme clarté, fécondité, étendue et profondeurs, — ce qu'il faudrait choisir? Il est probable que celui déjà 'gâté' par l'esprit, choisirait l'amour, et celui déjà par l'amour, choisirait l'amour aussi».

Repare-se que Paul Valéry se refere apenas, de modo bem significativo, ao amor «au degré le plus haut», ao amor «le plus heureux». Não faltarão decerto almas piás e bem formadas a logo entender, diante de tal caracterização, que só no vínculo do «matrimónio» se alcançará a perfeição de um amor assim. Deixemo-las beatamente embaladas no aconchego dessa crença (a que têm aliás pleno direito), embora nos pareça que não era bem nisto ou apenas nisto que Valéry pensava: aos setenta anos, ainda era fora de casa, nas exaltações de um grande amor clandestino, que ele reencontrava afinal — como parece demonstrá-lo uma correspondência só recentemente revelada — a realização do aludido «degré le plus haut».

Mas, já que falámos de «matrimónio» (curiosa a raiz de *mater* em semelhante palavra: aqui nem sombra de «machismo»; quando muito de «femeísmo»), recordemos a definição que de *matrimonio esemplare* foi em tempos proposta por um grande escritor italiano — Alberto Savinio (1891-1952) — que os próprios italianos conhecem bastante mal: «un matrimonio che costituisce unione sentimentale e sessuale, e assieme collaborazione economica e soprattutto associazione mentale.»

Serve? Servirá também para qualquer outro «vínculo amoroso», verdadeiramente digno deste nome. Que seja legal ou não, eis o que menos importa.

David Mourão-Ferreira

Artigo publicado na «Revista Portuguesa de Psicanálise», órgão da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, n.º 3, datado de Julho de 1986

Sete escalas sobre estar no mundo

I

Diz Epicteto: «A origem da filosofia é o aperceber-se da própria debilidade e impotência.»

Origem não sei eu se será; mas certamente é a primeira *verificação*, a primeira *situação* de que toma consciência. Tudo o que de turvo, desistente, existe na filosofia — tende a iludir este facto iniludível.

II

Houve, no início deste século, uma corrente do pensamento que a si mesma se denominou de: *filosofia da vida*. Pretendia esta tomar os actos — a unidade e continuidade do movimento que os gera — como objecto sobre o qual deveriam incidir os esforços do conhecimento último. Esta filosofia nasceu e desenvolveu-se a partir da ideia husserliana de *intencionalidade* fenomenológica. Era a partir da *pessoa* — considerada esta como centro de actos — que ela se desenvolvia, abarcando a vida (a superfície da vida). Uma tal noção de *pessoa* nada tem a ver com a concepção existencial de *ser*, pois que, enquanto a *pessoa* é um elemento do processo de gestação da vida, *oser* é simultaneamente o processo e o objecto.

Para o *ser*, temos que o mundo é, além de simples circunstância, a sua respectiva determinante subjectiva. Assim, é a partir da união homem-mundo que tomamos contacto com o *transcendente* — incompatível sempre com as sistematizações, positivistas ou idealistas, que visam a um conhecimento, a uma sagesa universal que, apesar de dinâmica, é idealmente imutável.

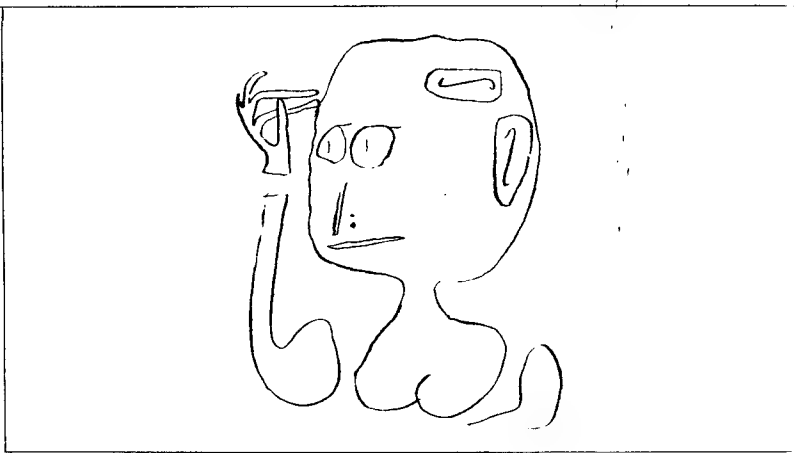
A esta imutabilidade ideal, a esta chave que abre, compreende e explica o dinamismo universal, se opõe a minha existência, parte integrante da facticidade do mundo. É a minha existência que se recusa a ser um elemento desse dinamismo (como Kierkegaard em rela-

ção ao hegelianismo...), ao mesmo tempo que afirma o carácter único das minhas emoções e decisões nos planos racional e afectivo. Porque, algo há em mim que não posso expressar, nem racionalizar, algo que persigo, algo que, para vir a ser possuído, preciso é que... se encontre com o mundo (através de uma experiência que chamarei de cultural). É evidente que, nestas condições, esta *posse* nunca pode ser total: a isso mo impede a presença constante da tragédia no seio de todas as culturas. Afirmar a minha unificação total em seja que *circunstância* for da minha vida, equivale a não tomar em conta a característica facticidade da cultura — optando, ao fazê-lo, pela *Ideia* clássica, ou seja por aquilo a que Alquié chama *metafísicas da ausência*. As verdades consequentes dum determinado processo cultural, são: parciais em vez de totais; subjectivas em vez de objectivas. Quer seja como essência cultural quer como essência existencial, de ambos os modos a minha cultura, a minha existência, se comportam como uma particularidade em vez duma universalidade.

III

A concebermos a essência do universo como uma *Ideia*, então as artes não teriam razão de ser. O que resultaria do facto de que as artes são elas que eximem o segredo do homem, *segredo* que revela nele a presença do universo. Ao passo que, para a *Ideia*, não há interior nem exterior, não há *segredo*, apenas há componentes da dialéctica de que ela, a *Ideia*, é a essência.

No artista, tal segredo assume sempre uma autonomia, um carácter único que enformam, deficitariamente embora, a obra de arte; representando esta, além de exorcismo contra a tragédia, a transcendência em que o artista tem os olhos postos. Nunca o artista consegue igualar a obra à sua concepção dela, por razão idêntica àquela que impede o filósofo de conceber a última verdade — sendo que esta comum impossibilidade é o que vitaliza as artes e a filosofia enquanto



«Não quer entrar na cabeça», desenho de Paul Klee

processos espirituais que visam à transcendência criando sucessivos espaços abertos.

IV

Isto quase significa que a filosofia clássica morreu. Que o pensamento contemporâneo, até à chegada dos palhaços do circo «pós-modernista», não tinha obstáculos, mas sim transcendentemente móveis, visando à unificação dos processos espirituais de criação e conhecimento. É que, na verdade, nunca a filosofia, a arte, e sem exclusão da ciência, se encontraram como há vinte anos em tão íntima relação sintética.

V

O homem é liberdade e é transcendência. Nenhuma ética existe antes de eu existir como ser livre; atir da minha liberdade é que eu vou construir a minha ética, o meu destino. A minha liberdade é o factor primeiro da transcendência, a minha transcendência, é a necessidade da liberdade.

A concepção da liberdade *in abstractum* fecha e seca o homem. Ser livre é *estar-no-mundo* conscientemente. A

consciência individual compreende e ultrapassa a sua *situação* individual unindo-se às outras consciências livres, e não é outro o sentido do amor e da solidariedade. A consciência livre só realiza a sua liberdade quando age para vencer a contingência que a limita, quando luta, escolhe, se compromete. É a esta capacidade de compreender e ultrapassar as situações, que aqui se dá o nome de *transcendência*. Nada no homem é imanente, tudo tem de ser conquistado, e esta conquista representa para o homem uma constante projecção para fora de si, para o que Heidegger entende por existência, igual a *ser-no-mundo*.

VI

Hoje, quando é visível no nosso mundo «civilizado» a agonia do que o define como tal culturalmente, é necessário da parte das existências livres um cioso esforço cultural e uma inflexível rectidão de pensamento. A entrega aos mitos que extremam a existência (mitos que são a existência do transcendente no homem), terá de ser cada vez mais absoluta e desinteressada, cada vez mais *real*. Mitos de amor, mitos artísticos e poéticos. O pensamento filosófico é a via que, num plano

de facticidade cultural, possibilita a entrega aos mitos e interdita a especulação religiosa à volta deles.

Os mitos contêm dois elementos, um, radicado na tensão que liga o homem à transcendência, outro, na transcendência ela mesma. O homem, por um inato desejo de paz, de imobilidade, objectiva a transcendência algures fora do mundo, — divinizando-a; e isto acontece porque, negando-se a viver-em-perigo, em constante luta, o homem isola cada um dos elementos que compõem os mitos, cristalizando-os fora de si e fora do mundo, ausentando-os da realidade humana. Assim, temos que os mitos *funcionam*, não como elementos de exaltação, e sim como elementos de consolação, — já que toda a aspiração religiosa parte duma, consciente ou inconsciente, desesperação do homem. Deus alcança-se de angústia em angústia até à pura alegria que resulta da comunhão absoluta do crente com o seu Deus. A fé é exorcismo contra a tragédia, fuga ao sacrifício que exige a nossa *presença no mundo*, estado de graça em que a graça é — ausência.

VII

A verdade é ambivalente, é o homem e o mundo. Cada existência só tem valor fora de si própria, cada existência só tem valor no mundo, quando outras existências a ela se ligam, quando se compromete e se projecta noutras existências.

Dissociados, polarizados, homem e mundo recuperam pelo Desejo a sua unidade. Pelo desejo amoroso, a divindade é forçada a descer ao seu elemento inicial — o mundo. A divindade não é para o amoroso uma abstracção: é, sim, um corpo. E um corpo essencial porque dele só comungamos na transcendência.

Éticas e estéticas marginadas de segredo pela Apetência misteriosa que as transcende. De homens livres e em movimento para a transcendência.

Ernesto Sampaio

Certidão de óbito

Quando o vento, as rochas ou as quilhas rompem a pele do mar, borbulha à luz o seu sangue: a espuma.

A pele do mar é, por vezes, sólida como um grande e grosso oleado que se move molemente, contendo a água. Mas quando é arrepiada por uma brisa leve, torna-se fina, translúcida, sombreada de mil pequenas pregas, frágil, ameaçando romper-se a qualquer momento em ligeiros focos de espuma como saliva à flor dos lábios.

É preciso também que a substância do mar seja espessa, recheada daquilo que a faz: areias, limos, peixes, pedras e conchas que a escureçam e tornem opaca, mole e pesada. Só assim se pode ver a pele. A transparência das águas anula o mar ao deixar ver os fundos, faz

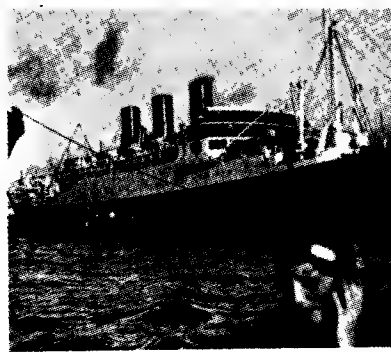
dele um filtro de luz em vez daquilo que realmente é: a carne da terra. Os barcos vistos de um alto sobre água transparente não flutuam em nada e nada distingue a água do ar. (A sombra do barco, como a de um pássaro, dança na areia do fundo).

Eis a grande glória e o poder das quilhas: o prazer da espuma que se forma sob a roda da proa e se vê ao longe, fosforescente, nas noites de luar. Uma fina ferida longamente rasgada. A pele do mar fica depois branca e lisa até que cicatrize e se confunda, de novo, com a imensidão do horizonte.

Grande corpo ferido sem conta durante séculos, sempre inteiro e incólume, deitado ali, nos vales da terra. Uma carne profunda e densa, tracejada por súbitos nervos e largas erupções cutâneas, lenta como mãos. Ah afogar-se em mar calmo e chão como quem subitamente estava lá! Uma pequena ferida volta a fechar-se.

No mar nunca acontece nada, crimes, aventuras e desesperos de que não fica nenhuma alteração, histórias de sobreviventes onde a verdade e a mentira se confundem. Os marinheiros mentem porque o mar não confirma nada. Fecha-se e existe.

Peter Nero Wolf



UMA OBRA CIENTÍFICA E NÃO UM ROMANCE DE ANTECIPAÇÃO

O FRIO E A ESCURIDÃO

O MUNDO APÓS A GUERRA NUCLEAR

UM DOCUMENTO PARA ESTUDAR



Paul R. Ehrlich, Carl Sagan, Donald Kennedy e Walter Orr Roberts apresentam-nos um relatório impressionante sobre o que será o Mundo após uma guerra nuclear. Trata-se de uma obra elaborada com a mesma abertura de espírito, a mesma capacidade de análise que presidiu a outro igualmente importante livro: *A Vida Inteligente no Universo*.

Este é um documento resultante de uma conferência que, durante um ano e envolvendo mais de duzentos cientistas de diversos países, com especial destaque para norte-americanos e soviéticos, conduziu a novas e grandes descobertas e reuniu as diversas informações científicas sobre as consequências desse tipo de conflito.

Muito se tem falado sobre o Inverno Nuclear. Mas qual será, na realidade, o resultado de um conflito à escala total? E quais as consequências biológicas resultantes desse conflito?

HÁ UMA TERRA SOMENTE

Em *O Frio e a Escuridão*, cientistas famosos provam que não haverá locais que não sejam afectados. Um documento para estudar.

JÁ A VENDA NAS BOAS LIVRARIAS E PAPELARIAS



EUROPA-AMÉRICA ...a memória no futuro

António Domingues e
a «Sagrada Esperança»

Mergulhei e ainda não voltei à tona

António Domingues refaz as suas malas. Concluídos os dez grandes guaches destinados à riquíssima edição da «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto, ele vai voltar a Luanda. Ali, o livro, mandado imprimir em Portugal pela União de Escritores Angolanos, vai ser lançado a 11 de Novembro, data em que Angola celebra a sua independência. Ao mesmo tempo, os dez originais de António Domingues serão expostos pela primeira vez.

Português, António Domingues mantém com Portugal uma relação acidentada. Aos 65 anos, ele diz-se «emigrante documentado dentro da sua própria terra», um pouco como Daniel Filipe chamava à sua pátria «lugar de exílio». A verdade é que, desde 1977, ele trabalha sobretudo para Angola.

Estivemos na sua casa/«atelier» de Lisboa a conhecer o conjunto dos guaches e a ouvir o seu autor, enquanto na Guide, a empresa de artes gráficas a quem foi encomendada a impressão, saem das máquinas e são encapados os últimos dos oito ou dez mil exemplares da edição. Os guaches têm as dimensões de 50X70 centímetros. O livro mede 14X20. Não é fácil descrever os originais em meia dúzia de palavras: António Domingues, um figurativo que herda sobretudo dos muralistas mexicanos (Rivera, Siqueiros, Orozco e Tamail) levou ao extremo a sua técnica de transparência, e faz parte da temática «emigrar» de quadro para quadro, em cores vivíssimas. O conjunto é coerente, embora cada guache viva sozinho. É admissível que cada um deles venha a valer cerca de 1000 contos, no mercado nacional de obras de arte.

EM 1984, o pintor encontrava-se uma vez mais em Luanda. Tinha ido à capital angolana para receber o 2.º prémio do concurso de cinco vitrais para o mausoléu de Agostinho Neto. Foi então que Luandino Vieira, actual secretário-geral da união de Escritores Angolanos, o convidou para ilustrar a «Sagrada Esperança» e para se encarregar da direcção gráfica da edição. No princípio de 1985, António Domingues estava de novo em Lisboa «porque é aqui», segundo nos diz, «que se encontra a qualidade de impressão. Descoberta a firma com capacidade para dar conta do recado, faltava a parte mais difícil...»

«Tive de mergulhar na 'Sagrada Esperança' e o mergulho foi de tal ordem que ainda hoje não consigo voltar à tona.» Com receio que a afirmação seja entendida como um auto-elogio, o pintor avisa-nos: «Isto não garante a qualidade das pinturas que fiz, mas sim o meu empenhamento, um empenhamento à minha medida, à medida do meu corpo e do mergulho que dei.» António Domingues já conhecia o livro de poemas de Agostinho Neto. Mas em 1985 o trabalho que tinha em mãos obrigou-o a uma leitura diferente e ele acabou por descobrir no poeta um seu «rival», outro pintor:

«Encontrei grandes dificuldades neste meu trabalho. A primeira que se

me deparou, por exemplo, foi a enorme capacidade de *expor visualmente* que a própria poesia de Agostinho Neto contém. Estava, no fundo, a lidar com outro pintor. A obra de Agostinho tem conceitos muito pouco subjectivos, ou por outra, o subjectivismo da sua obra encontra-se perfeitamente enquadrado numa área visual objectiva e isso tornou mais difícil a obra que me competia a mim fazer.»

António Domingues leu, primeiro, poema por poema. Quando surgiam dificuldades de interpretação, procurava documentação lateral sobre as coisas que a poesia de Agostinho Neto contém («quando digo coisas não estou a menosprezar, pois para mim as 'coisas' têm uma grande importância»). Releu autores como Redinha e Óscar Ribas e publicações francesas e angolanas. Recorreu a tudo quanto podia para ser «fiel».

Mas «fiel» não quer dizer que «a coisa ficasse fotográfica». Para isso teria ido a Angola, pediria autorização para fazer uma reportagem e de certeza que sairia algo bastante mais fiel do que aquela que foi transmitida pela RTP (o pintor referiu-se por mais que uma vez, ao longo desta entrevista, à reportagem sobre Angola recentemente transmitida pela televisão portuguesa, considerando-a «epidémica e provocatória»). António Domingues queria, no entanto,



A «Quitandeira» foi já editada numa plaquette de grande formato, ilustrando seis poemas da «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto

fazer *pintura*: à semelhança do poeta que no livro se torna pintor, ele tentou que a sua obra fosse também uma «interpretação poética».

E houve ainda as dificuldades técnicas. O receio de que o espaço de 50x70 cm não «permitisse a presença da quantidade de poesia de Agostinho que eu queria incluir», a escolha entre diferentes opções, as possibilidades de meter outra imagem na imagem anterior...

A cor de Angola

Passo um ano. Numa das paredes da sua casa de Campo de Ourique, os dez originais esperam a hora do embarque para Luanda. Olhando para eles, o pintor diz: «Não, eu não chamo a isto trabalho de ilustração. Chamo pintura. Aproveito a chamar-lhes pintura. Os críticos o dirão. Claro que fiz trabalhos de ilustração não muito diferentes destes ou melhor, existia neles a mesma preocupação em acumular, numa determinada área, um número infinito de coisas. Tinham também já aparecido outros

sinomas, umas transparências, uma imagem a envolver outras imagens... Só que a «Sagrada Esperança» não é ilustrável. Melhor: não precisa de ilustrações. Mas *pintável* é. O nível da obra exige uma posição audaciosa que é a que interessa à pintura e não à mera ilustração. Quer dizer, do retrato, da história aos quadradinhos, do seguir a par e passo cada uma das palavras ou frases poéticas, salta-se para uma interpretação. Por exemplo, no poema *Quitandeira*, o Agostinho Neto não diz que esta tem um coração nas mãos, um coração florido, cheio de folhas. Mas eu interpretei-o nesses termos... E, no fundo, talvez até o diga».

Do fundo da sala outros quadros nos espertam. São trabalhos anteriores aos desta visão da «Sagrada Esperança». Entre eles, alguns retratos. Entre o ontem e o hoje, a diferença é palpável. Foi o poeta que transformou o pintor? Não. António Domingues diz-nos que só conhecendo Angola é possível pintar a poesia de Neto.

«É o ambiente, são as pessoas, a ma-

neira como se deslocam, as conversas, o tom das conversas, a maneira de falar, um português muito diferente do nosso, felizmente para eles, o drama que transpira em toda a movimentação, em especial na área de Luanda.»

Na verdade, acrescenta António Domingues, «julgo não ser possível fazer qualquer coisa sobre Agostinho Neto sem antes ter respirado o ambiente de Angola, e isso eu consegui: respirei o que há de Agostinho lá».

«Andamos pela cidade de Luanda e tropeçamos nas poesias dele a todo o momento. A quitandeira actual já não é a mesma quitandeira que ele retratou no seu poema. Mas o drama humano do povo angolano através dos séculos continua perfeitamente claro nessa mesma quitandeira. Fisicamente é que ela já não é a mesma entidade, com a revolução transformou-se numa outra, a sua actuação social é diferente, mas o essencial mantém-se. Ou seja, como procura de uma solução para a grande angústia que foi a colonização, o poema mantém-se perfeitamente vivo.»



A «cor africana» nada tem a ver com a «cor portuguesa». António Domingues considera fundamental ter vivido em Angola para poder «pintar a poesia» de Agostinho Neto



«Não rejeito a influência do surrealismo e do neo-realismo, mas herdo sobretudo dos muralistas mexicanos: Rivera, Siqueiros, Orozco e Tamail»

António Domingues fala agora sobre o que significa ter como vizinho um «monstro» chamado África do Sul, ou melhor: um país cujos dirigentes estão apostados a «travar a evolução de Angola». Fala sobre a «ansiedade que surge depois da independência. Ansiedade pela consolidação daquela conquista».

Este sentimento de intranquilidade é uma componente da sua descoberta de Angola, país que só conheceu em 1976. Mas surpreendente foi também a cor que aí se revelou, uma cor que passou a integrar o seu trabalho e que apenas tem a ver com Portugal «por este ter sido um país colonizador». «Os portugueses que lá estão e que têm ainda uma vaga recordação da cor existente em Portugal sabem bem de que modo ela é diferente da angolana».

Uma avó «escrava»

Dissemos que o pintor só conheceu Angola após a independência. Mas nele

a origem e a formação portuguesa juntam-se ao sangue africano que herdou da sua avó. «O meu pai (Mário Domingues, jornalista e escritor, que ocupou também o cargo de chefe de redacção do jornal «A Batalha») — conta-nos — era um mulato muito escuro. A minha avó era de Malange. Foi levada como contratada (a expressão final da escravatura, se é que ela já acabou) para a ilha de S. Tomé, onde o meu pai nasceu. Filho, portanto, de um branco, um funcionário de escritório numa roça de cacau, e de uma negra que tinha vindo de Malange.»

Acrescenta que o problema africano esteve sempre presente nas conversas que manteve com o pai, mas que a história familiar tendia a ser «obscurecida por explicações mal explicadas». Um quase silêncio que lhe aguçou a curiosidade. Só muito mais tarde esta e outras curiosidades foram saciadas com o encontro, em Lisboa, com Agostinho Neto e outros angolanos. Curiosamente, o encontro com o poeta e primeiro presi-

dente de Angola teve como intermediário um poema escrito pelo pintor, *O Negro embarcado*, em 1946...

A amizade nascida em Lisboa fortaleceu-se em Luanda e Agostinho Neto é hoje uma referência constante para António Domingues. O pintor lamenta, contudo, não poder partilhar o conhecimento que tem da obra e personalidade de Neto em Portugal, onde, precisa, apenas uma pessoa, Manuel Ferreira, se tem esforçado por a divulgar.

Para ajudar a quebrar o «muro de silêncio», António Domingues propôs à União dos Escritores Angolanos (UEA) uma apresentação relâmpago, em Lisboa, da nova edição da «Sagrada Esperança». Contudo, ainda não pode confirmar a sua realização. Também não se sabe se ela será posta à venda em Portugal, dependendo isso do plano de distribuição a ser adoptado pela UEA. Mas o facto desta edição ser trilingue (português, francês, inglês) é, no seu entender, uma indicação segura sobre a von-

tade de Angola em a projectar internacionalmente.

António Domingues experiência mexicana

De Angola, António Domingues herdou, portanto, parte do sangue e a cor do seu trabalho actual e ainda uma maneira de fazer pintura que pensa ser uma das coisas que provavelmente irá ficar para o resto da sua obra futura. Mas África não foi o único marco na carreira do pintor.

«Penso que a pintura mexicana exerceu uma grande influência sobre mim. E nem sei porque é que não a teve em mais pessoas», diz. Fala depois de Orozco, Rivera, Siqueiros e Tamail. «Fui andando com dificuldade até pessoalizar o mais que pude essa experiência mexicana, de modo a que o meu trabalho não se limitasse a ser uma cópia. Mas foi, de facto, a escola muralista mexicana, e Diego Rivera mais do que os outros, a que me abriu os olhos».

António Domingues recorda um outro marco no seu trabalho, o surrealismo, para precisar: «Não me parece estranho que subsista, na minha obra actual, alguma influência do tempo em que fui surrealista ou que o tentei ser. Foi para mim uma passagem bastante importante e por isso não quero negar, nem posso, essa influência. O que nego sim é a existência de qualquer coisa que se pareça com uma ligação entre o surrealismo e o fascismo italiano. A maioria esmagadora dos surrealistas portugueses eram antifascistas e assim permaneceram.»

O terceiro marco do pintor é o neo-realismo, mas o neo-realismo na medida em que, no seu entender, ele encontrou a sua expressão mais alta na pintura mexicana. «Até o próprio realismo socialista tem a sua expressão máxima na pintura muralista mexicana», acrescenta.

De época em época, chegamos à que ainda está para vir. António Domingues recorda que o seu trabalho na «Sagrada Esperança» só terminará em Luanda, com os exemplares prontos. Depois... depois «há uma estrada» sem paragens ainda definidas. Sabe que irá fazer um esforço para se manter na posição de pintor, embora não esqueça, claro, que

tem de subsistir. Existe a hipótese de um novo trabalho angolano, o que significaria continuar na condição de «emigrante documentado na sua própria terra».

Mas, ao mesmo tempo, assinala com curiosidade uma certa procura da sua pintura em Portugal. Conta-nos que recentemente recebeu a visita de um «negociante de arte», classificação que não gosta de atribuir à pessoa em causa, cuja curiosidade pelo seu trabalho foi despertada através de uma obra colectiva exposta na Gulbenkian. («Dos outros pintores sabia-se tudo e de mim nada.») A visita seguiu-se a aquisição de trabalhos seus, alguns deles de períodos muito recuados, e o convite para pintar mais.

Na prática, no entanto, não existem encomendas. Por outro lado, salienta, «não chega dizerem-me *agora pinte*, para que o faça. É necessária uma predisposição». Após um curto silêncio o António Domingues retoma a palavra para falar sobre o seu País. «Os temas não faltam. Desde os salários em atraso até aos prédios gigantescos que se fazem aqui mesmo ao pé da minha casa.» (Referência ao complexo das Amoreiras) «Se fossem apenas um pouco mais altos conseguia-se ver, do último andar, todos os bairros de lata de Lisboa» acrescenta, irónico.

«Afinal os temas só estão à minha espera. Bairros de lata ou muceques, ou a lixeira da Aboba... A temática existe e será essa. Como de costume inventável. Ninguém vai pôr a lixeira da Aboba na sala de visitas.»

António Domingues é, na verdade, um pintor comprometido com uma causa. «Julgo que nunca pintei as coisas com falsidade. Tentei sempre encaminhar-me num sentido de protesto contra uma realidade que está errada. Penso que os que estão cá em baixo têm de ser pintados, exibidos.»

Do futuro o pintor conhece assim uma opção que sempre o acompanhou e também o desejo de não pegar de novo no pincel sem antes reunir, numa exposição em Lisboa, toda a sua obra. «Após esta vivência de um ano, deste mergulho na «Sagrada Esperança», gostava de poder ver tudo quanto fiz. Antes de recomeçar...»

Clara Viana

Pequena mão-cheia de dados friamente biográficos

QUEM abordar António Domingues para uma conversa — sobretudo para uma conversa sobre ele próprio — ficará atordoado pela sua timidez, pela dificuldade com quem fala do que pode parecer-lhe autopromocional, petulante. As palavras acodem-lhe e transformam-se num fluxo lento e forte como a sua pintura quando a confiança se instalou. Mas mesmo então, talvez por falta de hábito, não é precisa e rápida a sua memória curricular, aquela que se transforma em indicações biográficas. Eis alguns dados relativamente recentes sobre o que fez e mostrou que não referem a sua quota-parte de trabalho pictórico e poético na geração surrealista e entre os neo-realistas portugueses:

Nasceu em Lisboa-1921. Foi aluno da Escola António Arroio (1934/40). Tem tido actividade profissional como pintor e ilustrador. Recebeu menção honrosa para as ilustrações do livro «E nas Florestas os Bichos Falavam» de

Eugénio Neto, em Leipzig, RDA (1978); «O País das Mil Cores» de Octaviano Correia, em Leipzig-RDA e, Bienalle, d'illustration de Bratislava-Checoslováquia (1981). 2.º prémio no concurso de cinco vitrais para o Monumento a Agostinho Neto, Luanda (1984). Participou em inúmeras exposições das quais se destacam: **Individuais** — Museu Nacional da Natureza — Luanda (1977); Associação de 25 de Abril — Luanda (1982); Associação de Amizade Portugal — Angola (1983); Minigaleria Forno de Cima — Almada (1984). **Colectivas** — Exposições Gerais de Artes Plásticas na SNBA; Grafik 76-RDA: Feira de Frankfurt — RFA (1980/82); Exposição os Mais Belos Livros do Mundo — Leipzig, RDA (1978 e 1981); Feira Internacional do Livro Infantil — Bolonha (1981/82); Biennale d'illustration — Bratislava (1981); Exposição de Ilustradores Africanos — Bolonha; Exposição do Livro Infantil — Japão e Bienal de S. Paulo (1982); Bienal do Avante (1983).

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo IV

O narrador muda-se para uma residencial



A hipótese de escapar a esta voz que me auscultava até ao mais íntimo de mim tirava-me todo o sono. Precisa-se de pensar depressa e improvisar uma nova existência. A primeira ideia que me assaltou foi a de abandonar o país anulando assim toda esta banda magnética de vozes e de inscrições. Por outro, de nada valia. Os começos zero são sempre recalcitrantes.

Pus-me em posição de reflectir enquanto de novo o telefone tocava e como coagido ex-abrupto programei com nitidez uma aspiração que desde sempre deixara de lado. Porque não mudar, repentinamente, aproveitando esta voltagem mental, que me invadia o corpo? Olhei para o relógio, eram exactamente onze e dez. A primeira coisa a fazer seria desembaraçar-me do carro e deixá-lo com o cão na província entregue aos cuidados do meu amigo de infância.

Lancei-me de um jacto para a rua e já na recta da Avenida Oceano, carreguei no acelerador, como se um novo ciclo se abrisse.

Slimy estaria em breve entregue aos seus instintos predadores na imensa floresta vizinha, enquanto eu estaria entregue à DOSOLOGIA, mudando de via e de tática e pensando desta vez o quotidiano como «modo de emprego». A reviravolta não me assustava — antes me obrigava a remeter para hoje o que sempre descurara e que neste momento se revelava ao meu espírito como o que deveria ser feito sem demora.

A calma da província fazia-se sentir e longe de acalmar o meu instinto de decisão redobrava-o antes em intensidade. Tinha chegado, entretanto. Diogo Marítimo, meu amigo de infância, acolheu-me pressentindo o que se passava logo após a minha evasiva proferida: sabes, pá, há momentos em que a vida nos obriga a mudar de rumo. Ele abanhou a cabeça percebendo nesta meia calinada imprecisa, o que só é reservado perceber aos seres de excepção. Depreendeu que eu devia estar metido nalguma encrenca. Apresssei-me em dizer-lhe que cão e carro ficariam por tempo indeterminado e que brevemente lhe escreveria. Parti sem demora para não amolecer o que dissera em sucessivas explicações, que mesmo quando os seres não no-las pedem, nós por cobardia achamos dever ser.

Tomei o autocarro, e neste percurso de Mafra a Lisboa, durante duas horas, reorganizei mentalmente o meu novo campo de manobra no roído e labiríntico espaço que é uma cidade. Tudo parecia obedecer a uma discreta montagem. Era forçoso mudar de zona, a fim de viver se possível, num tempo paralelo a todos estes crimes incautos. Convinha-me uma residencial que desse mais sobre a cidade do que sobre o Tejo.

Lembrei-me, entretanto, que em tempos tinha conhecido alguém que farto de viver em apuros, planeara passar parte da vida num Hotel-Bar da Graça a escrever e só de tempos a tempos descer ao povoado.

Uma frase me retinha na cabeça durante todo este trajecto: só um homem acoissado pode escrever... Só um homem acoissado pode escrever... As ideias e os expedientes misturavam-se na cabeça e a velocidade do autocarro imprimia cadência aos meus planos.

Chegado a Lisboa, precipito-me num táxi para a Residencial Longa Vista, onde deparo com um magnífico quarto vago, que faria as delícias a qualquer celibatário com meia dúzia de ideias na cabeça.

Aprontei-me a pagar e a pedir alguns esclarecimentos sobre o «modus vivendi» desta pacata residência.

A minha bagagem resumia-se no mínimo indispensável a uma lupa, um caderno de 96 páginas que durante anos a fio guardava a escrita, e a três ou quatro capítulos arrancados de livros — e umas notas rabiscadas que constituíam o meu laboratório secreto de algumas pequenas «noites experimentais» vividas em torno do crime e das sexualidades. Ao lado destas bagatelas, possuía uma boa reserva do vil metal que os místicos tanto depreciam e tinha ainda uma maleta com a fatiota e os objectos da toilette diária.

Sempre sonhara em ver-me reduzido a estes objectos — e poder enfim reinventar a nova geografia de uma cidade.

A paranóia dos telefonemas tinha icado para trás. Sentia-me o «homem invisível» de que fala Castaneda.

As diversas lides deste dia dotavam-me de tamanha agitação a ponto de me sentir deveras atordoado e com vertigens.

Era indispensável antes de me deitar, pôr um pouco de ordem no meu espírito, para não vir a tropeçar amanhã ou depois, por incúria, nas regras mínimas de conduta, sem as quais tudo cairia por terra. Os dias iriam ser vividos do

avesso, sem referência aos dias passados e as noites não se fariam mais, nem de carro nem nos bares. Crimes não haveria. A sexualidade no meio destas andanças sempre associada ao crime, teria que me metamorfosear.

Enquanto nisto tudo matutava, fui assaltado por uma violenta dor de estômago. Tinha-me em todo este maldito dia esquecido de comer. Era lusco-fusco. Sem demora desço ao restaurante que se encontra na esquina mais abaixo da residência. A televisão papagueava o noticiário, enquanto eu atacava um suculento naco de novilho acompanhado de um vinho (colheita particular 1977), que me agudizou o espírito. Apressava-me para pedir a conta, quando toda a minha atenção se vê polarizada numa notícia que cobria toda a superfície da primeira página de um jornal: ROUBO ESPECTACULAR NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, DO QUADRO «MEURTRES» DE MONORY.

Levantei-me de um pulo e tresvairado comprei na tabacaria mais próxima esta deliciosa notícia que me remexia como um constituinte. Entrei no quarto e enquanto lia este pedaço de escrita senti-me arredado desta espécie de homens que redimem a vida por um acto esteticamente concebido. Semelhante acto estava para lá dos limites estreitos e sórdidos dos pequenos crimes realizados à pressa nos «bas fond» da cidade. Tudo bailava em posição fetal na minha mente. O único ambiente que devia procurar para acalmar todo este turbilhão de impressões seria o de um museu, mas todos a estas horas estavam fechados e além do mais não era oportuno.

A noite convidava-me a descansar e a espaçar um pouco mais as minhas vontades. Cai na cama e exausto aguardei o sono reparador. Acordei estremunhado com uma ligeira dor de cabeça. O ducho recompôs-me e enquanto bebia o café, uma inesperada obsessão me persegue: — Qual seria a cena figurada no quadro roubado? — Preparava-me para passar pela biblioteca do museu para consultar um dicionário de arte contemporânea, quando a Gazeta da manhã antecipando-se à minha curiosidade descrevia morbidamente em pormenor a cena do quadro. Não havia nesta descrição o mínimo apontamento capaz de me assegurar que este crime era APENAS um crime representado num quadro de museu. Malditos media. A leitura do jornal remetia-me mecanicamente para uma destas cenas que eu tantas vezes executara diabolicamente. E na pele de «voyou» perguntei-me finalmente se haveria diferença entre o crime sórdido que se comete no vão escuro de uma escada e o crime que o pintor mediante tintas, linhas e cores executa em moldura.

Pareceu-me que o «affaire» do sublime em pintura é uma questão de lentes e que o crime figurado não é menos grave que os crimes que qualquer desconhecido comete.

Ao embrenhar-me em tais indagações fui levado a não me subestimar e a encarar a minha propensão para a arte e para a escrita como sintomas evidentes de que se tratava sempre por certo de um mesmo objecto — a que agora teria acesso através de um crime realizado por um outro. Nunca me tinha chegado a ver no crime. O museu parecia-me além do mais, um local pornográfico e exibicionista. Não só aí havia crimes nos quadros, como estes eram assinados (assinados) por nomes próprios. Só raramente havia quadros anónimos.

Nunca me tinha visto a cometer um crime, a não ser desgraçadamente pelo olhar tardio da consciência. Precisa-se de me ver no instante. À falta de não possuir imagem, divagava molemente sobre a natureza psicológica do crime. Longe estava de poder vir a atinar com a natureza turva do gesto criminal. Precisava de ver o quadro roubado.

Procuo rapidamente, o serviço dos diapositivos do museu, e tento reaver um dos últimos diapositivos ainda disponível do quadro roubado. O efeito ao vê-lo foi o de me achar auto-retratado na pose e na postura deste dorso que executava com as mãos um estrangeiro. Espiei-me na anatomia deste vulto e diante desta violência estática do quadro, fiquei espedado, horas.

Mergulhei no espaço a meia-luz do museu e num sofá deitei mão a um caderno deixando cair nele a um ritmo vertiginoso notas atordoadas sem nexos.

I have the feeling that I shall go mad. Só as imagens malditas conseguem incendiar o metal e desentupir o espírito. Tudo o que é profundo provém de uma enfermidade do pensamento. De modos, diria Spinoza, de espírito exaltados. A escrita é uma operação policial próxima daquela quando vasculhamos arquivos. É assim que o escritor se torna em bicho que corrói — e a escrita num mostruário limítrofe do que pensamos ser e do que podemos com o corpo. Somos todos míopes e incapazes de sair das nossas sensações e a VOLUBILIDADE resulta ao que parece de não nos podermos fitar com os nossos próprios olhos.

Interessava-me desenvolver uma lucidez passiva à custa destes momentos de acuidade visual que arrombam o espírito. Não era tanto para reflectir que escrevia, mas para coincidir com uma evidência demasiado velha que sempre me repetira Diogo Marítimo: «Sabes, o corpo lembra-se disso»...

Não havia dúvida que assim era.

O dia começara já fora do museu a tingir-se daquela cor crepuscular — e o voo rasante das aves metia comigo, sacudindo no corpo o sexo caído em sono letárgico. Por mais que magicasse havia uma fome animal que me atormentava. Não é verdade que a escrita e a arte tudo são capazes de sublimar e de fazer esquecer. Desde sempre atrelara a sexualidade ao crime. Agora que não havia crime, como dar sumiço a estas vontades animais que me molhavam o espírito? Ao virar da esquina, dei por mim furtivamente a pensar numa série de expedientes de natureza sexual. O corpo efectivamente lembra-se... Recordei-me dos meus velhos expedientes dos pronto-vestir em Ostende. A pretexto de experimentar umas calças jeans, foi-me sempre fácil deixar o reposteiro mal corrido da cabine e chamar a atenção, como quem não quer a coisa, do patrão ou da patroa, da empregada ou do empregado.

Porque não recorrer a tal estratégia?

Pensei que o melhor seria deixar esta lide para o dia seguinte e esquecer esta dose de exibicionismo habitual que não mais se ajustava com a época em virtude dos temores de contágio que pairam sobre as cidades.

(Continua)

Na próxima semana: à queima-roupa

Lenz

Medo e solidão

Georg Buchner

Depois do almoço, Kaufmann chamou-o de parte. Tinha recebido cartas do pai de Lenz: queria o filho de volta a casa, para o ajudar. Kaufmann explicou-lhe que ali desperdiçava a vida, perdendo-a sem proveito, que precisava de se fixar um objectivo, que não podia continuar assim, e outras coisas do mesmo género. Lenz replicou vivamente: «Ir-me embora daqui, regressar a casa para enlouquecer? Bem sabes que em parte nenhuma, excepto aqui, consigo resistir. Se deixasse de poder subir à montanha e ver a paisagem lá de cima, depois voltar a casa, atravessar o jardim, espreitar para dentro pela janela... ficaria louco, doido varrido! Deixa-me em paz com os teus sermões! Não quero nada senão um pouco de paz! Partir, partir! Essas duas palavras chegam para desfigurar o universo. Cada um precisa de qualquer coisa, mas quando vivemos em paz, de que é que precisamos mais? Subir sempre, lutar sempre até ao fim dos tempos, rejeitar tudo o que o instante dá, para quê? Para alcançar um dia o gozo e a beatitude? É como ter sede enquanto nascentes de água pura brotam dos caminhos, a nossos pés! A minha situação presente é intolerável, mas quero permanecer assim. Porquê? Precisamente porque é a que me convém, aquela que me conforta. Que quer o meu pai? Pode oferecer-me uma situação melhor? Impossível! Deixa-me em paz!»

Lenz estava exaltado e descontente. Kaufmann retirou-se.

No dia seguinte, Kaufmann, que devia partir, quis convencer Oberlin a acompanhá-lo à Suíça. O desejo de conhecer pessoalmente Lavater, com quem há muito se correspondia, decidiu-o. Aceitou. Os preparativos da viagem atrasaram a partida um dia. A novidade afectou Lenz. Para se libertar do seu tormento constante, agarrava-se ansiosamente a tudo o que o rodeava. Tinha por vezes a consciência aguda do que era preciso fazer para tornar a vida suportável; tratava-se a si próprio como a uma criança doente. Livrar-se de certos pensamentos, de certas emoções violentas, custava-lhe angústias mortais, mas o impulso de uma força tremenda fazia-o recair nas suas obsessões, e tremia, os cabelos eriçavam-se-lhe de pavor, até a tensão avassaladora o deixar esgotado. Procurava refúgio junto de Oberlin, e junto do fantasma que flutuava perante os seus olhos. As palavras amáveis do pastor, os seus modos benévolos faziam-lhe um bem infinito. E era com terror que aguardava a hora da partida.

A expectativa de ficar sozinho em casa tornava-se-lhe um pesadelo. O tempo melhorou. Decidiu acompanhar Oberlin até à montanha, e separaram-se na outra vertente, no sítio onde os vales alargavam e se fundiam na planície. Regressou sozinho, errando na montanha ao acaso dos caminhos. A mole gigantesca dos penhascos nus assombrava as ravinas; rareavam as florestas, só se avistavam linhas poderosas e, mais longe, a extensa planície enevoadas. Soprava um vento violento naquelas paragens, virgens de qualquer traço humano, com excepção, aqui e além, no flanco da montanha, de uma cabana

abandonada, onde os pastores passavam o Verão. Sentia-se calmo, cheio de paz, como se um sonho o embalasse. As coisas confundiam-se numa só linha, como uma onda que se alteia e desaba entre céu e terra; tinha a impressão de estar deitado à beira de um mar infinito que ondulava docemente. Às vezes sentava-se; depois prosseguia, mas lentamente, como num sonho. Não procurava um caminho.

Era noite cerrada, na vertente do Steintal, quando alcançou um casebre habitado. A porta estava fechada. Da janela, filtrava-se uma luz mortiça. Espreitou para dentro. Um candeeiro pouco mais iluminava do que um ponto: o seu clarão recortava o rosto pálido de uma rapariga sentada no escuro, de olhos semicerrados, movendo os lábios de mansinho. Mais longe, na penumbra, entreviu uma velha que, de olhar fixo num livro de orações, entoava um cântico com voz áspera e fanhosa. Bateu muito tempo à porta antes de a velha abrir; era meio surda. Serviu alguma comida a Lenz e, sem parar de cantar, mostrou-lhe um sítio para dormir. Passou algum tempo e depois entrou um homem alto e seco, de cabelos grisalhos, expressão inquieta, atormentada. Aproximou-se da rapariga e ela teve um sobressalto, pareceu agitada. O homem tirou da parede uma planta seca, pôs as folhas na mão da jovem, que logo se acalmou, murmurando palavras inteligíveis num tom arrastado e pungente. O homem contou que ouvira uma voz na montanha e que em seguida avistara núvens de calor sobre os vales. Depois, o calor também o envolveu e teve de lutar com ele como Jacob. Ajoelhou-se subitamente e rezou em voz baixa com fervor, enquanto a doente cantava num tom plangente, quase inaudível. Em seguida, foi-se deitar.

Lenz caiu numa sonolência sonhadora, embalada pelo tic-tac do pêndulo. Lá fora, o vento assobiava, sobrepondo-se, ora próximo ora distante, à voz da velha e ao murmúrio da rapariga. Um luar intermitente derramava no interior da choupana a sua flutuante claridade de sonho. De súbito, os sons tornaram-se mais fortes, a voz da rapariga começou a ouvir-se distintamente: dizia que em frente, sobre os penhascos havia uma igreja. Lenz abriu os olhos: ela estava sentada atrás da mesa, hirta, de olhos esbugalhados, com a calma luz do luar a iluminar-lhe as feições que pareciam irradiar um brilho espectral. A velha continuava a entoar o seu cântico gutural, e nesta incessante flutuação da luz, no meio destas vozes e destes ecos, Lenz acabou por adormecer profundamente.

Despertou cedo. Todos dormiam ainda no casebre, onde despontava a primeira luz da manhã; a própria rapariga repousava, apoiada nas costas da cadeira, de mãos postas sob a face esquerda. O que havia de fantasmagórico nos seus traços tinha desaparecido, substituído por uma expressão de indizível sofrimento. Lenz dirigiu-se à janela, abriu-a e o ar frio da manhã bateu-lhe na cara. A casa situava-se no fundo de um vale estreito e profundo que se abria para leste. Raios avermelhados, trespassando o céu cinzento da madru-

gada, atingiam o vale ainda incompletamente desprendido da noite, faiscavam nas penedias e cintilavam nas janelas das choupanas. O homem acordou. Os seus olhos fixaram, na parede, uma imagem iluminada por uma candeia; começou a rezar num murmúrio, depois mais alto e cada vez mais alto. Chegavam, entretanto, pessoas à cabana e ajoelhavam-se em silêncio. A rapariga entrara em transe; a velha continuava a engrolar o seu cântico ininteligível e, nos intervalos, conversava com os vizinhos.

As pessoas contaram a Lenz que o homem tinha chegado à região há muito tempo, vindo não se sabe de onde; passava por santo, capaz de prospectar a água debaixo da terra e de esconjurar os espíritos; o povo dos arredores vinha até ele em peregrinação. Lenz também ficou a saber que se afastara muito do Steintal, acabando por partir com os lenhadores que tomavam o mesmo caminho. Sentia-se contente por ter companheiros de viagem, depois da sensação de desconforto que lhe causara a companhia daquele homem dotado de estranhos poderes: tivera medo do tom aterrador da voz do homem, mas mais medo tinha de si próprio, quando estava só.

Alcançou o presbitério, mas a noite que acabava de passar tinha-lhe causado uma viva impressão. O universo fora-lhe transparente, e agora sentia crescer em si a inquietação, como se uma força incontrolável o atraísse para um abismo. Devorava-se a si próprio. Comia pouco: metade das suas noites passavam-se em orações e sonhos febris. Tomavam-no violentos sobressaltos, depois tombava exausto e jazia vertendo lágrimas escaldantes, até que, de súbito, recuperava as forças e levantava-se, frio e indiferente. Antes ardentes, constatava que as suas lágrimas eram agora frias como o gelo, e o facto arrancava-lhe gargalhadas irremediáveis. Quanto mais se exaltava, maior era a queda que se seguia: a corrente da depressão baralhava tudo de novo. Vagas reminiscências do seu estado de outrora abalavam-lhe o ser até aos alicerces, projetando rápidos clarões no caos desolado do seu espírito.

Durante o dia, permanecia sentado no salão do presbitério, indiferente às idas e vindas da senhora Oberlin; lia, desenhava, pintava, recorria a tudo que pudesse distraí-lo, saltando febrilmente de ocupação em ocupação. Mas agora, era sobretudo a senhora Oberlin que o atraía, quando se sentava, com o livro dos salmos à frente, uma planta decorativa a seu lado e o filho mais novo ao colo; Lenz também se entretinha muito com a criança. Um dia em que assim estava, a angústia atacou-o, saltou do seu lugar e começou a percorrer a sala em grandes passadas. De súbito, fixou os olhos na porta entreaberta e ouviu cantar a criada; primeiro não entendeu nada, depois distinguiu estas palavras:

*«Neste mundo não tenho alegrias
Só o meu amor, e ele está longe...»*

Era como se lhe fossem dirigidas; quase desfaleceu. A senhora Oberlin fitava-o. Lenz ganhou coragem, já não podia calar-se «Querida senhora Oberlin, seria capaz de me dizer o que faz a

mulher cujo destino esmaga o meu coração com o peso de uma tonelada? — Mas, senhor Lenz, nada sei acerca disso».

Voltou ao seu mutismo e a percorrer a sala com passos febris. Mas logo prosseguiu: «Ouça, vou partir; meu Deus, sois os únicos seres junto de quem a vida se me torna suportável, e no entanto... Preciso de partir para junto dela... mas não posso, não devo». Numa grande agitação, saiu da sala.

Ao anoitecer, Lenz voltou. Na penumbra, foi sentar-se junto da senhora Oberlin. «Ouça», recomeçou, «quando ela andava pela sala cantando baixinho, apenas para si própria, os seus passos eram música; a felicidade que ela exalava escorria dentro de mim e alagava-me o coração: sentia-me sempre calmo quando a olhava ou quando ela apoiava a cabeça no meu ombro. Meu Deus! Há quanto tempo não sei dessa paz... Como a uma criança, o mundo era-lhe excessivamente vasto, tanto se refugiava em si própria, procurando o canto mais exiguo da casa, e ficando aí sentada, como se toda a sua felicidade estivesse concentrada num ponto ínfimo. Eu sentia a mesma coisa, e nesses instantes era capaz de brincar como uma criança. Agora, tudo me parece tão estreito, tão apertado! Falta-me o ar! Parece que as minhas mãos batem no céu, e experimento uma dor física, aqui, no braço esquerdo, no braço que outrora a enlaçava. Mas já não consigo lembrá-la, a sua imagem foge-me, e isso é um suplício, um tormento sem nome. Só tenho a paz nos raros momentos em que ela me surge com nitidez luminosa». Nas conversas que manteve depois com a senhora Oberlin, Lenz voltou frequentemente a este tema, mas quase sempre em frases entrecortadas, incoerentes; ela não sabia como lhe responder, mas as suas palavras reconfortavam-no.

A inquietação religiosa continuava a atormentá-lo. Quanto mais se sentia interiormente vazio, gélido, agonizante, mais experimentava a necessidade de reacender em si próprio um novo ardor. Acudiam-lhe à memória recordações do tempo em que tudo nele era denso, activo e caloroso, em que perdia o fôlego com o excesso de sensações que o submergiam. A morte amortilhava tudo e o que sentia agora fazia-o desesperar de si próprio. Punha-se então de joelhos, torcia as mãos, remexia em todos os recantos da alma... mas tudo estava morto, absoluta e definitivamente morto! Em seguida, suplicava um sinal de Deus; depois consumia-se, devorava-se interiormente, jejuava, jazia por terra, entregue às suas divagações.

Em 3 de Fevereiro, contaram-lhe que uma menina chamada Friederike tinha morrido em Fouday; transformou-se logo numa ideia fixa. Lenz retirou-se para o quarto e jejuou o dia inteiro. Na manhã seguinte, entrou inesperadamente no quarto da senhora Oberlin; cobria a cara de cinzas e pediu um saco velho. Ela assustou-se, mas deu-lhe o que pedia. Cobriu-se com o saco, como um penitente, e tomou o caminho de Fouday. A gente do vale contava estranhas histórias a seu respeito, mas já se tinha habituado a Lenz, que finalmente entrou na casa onde jazia a criança morta. Indiferentes, as pessoas que lá estavam entregavam-se às suas ocupações; indicaram-lhe um quarto e viu a criança em camisa, estendida numa mesa de madeira, sobre a palha.

Lenz sentiu um arrepio quando tocou nos braços gelados do cadáver e lhe viu os olhos vítreos entreabertos. A menina parecia-lhe tão desamparada, e ele próprio tão só, tão abandonado! debruçou-se sobre o cadáver. A morte aterrorizava-o e sentiu-se dominado por uma dor violenta: aquela expressão an-

gélica, aquele rosto calmo iam decompor-se, apodrecer... Caiu de joelhos; com toda a angústia e desolação do desespero, pediu a Deus que o iluminasse, lhe desse forças para realizar o milagre de ressuscitar a criança. Concentrou-se inteiramente em si próprio e fixou toda a sua vontade num ponto. Durante muito tempo assim se manteve, imóvel. Depois ergueu-se, pegou nas mãos da defunta e ordenou em voz alta e firme: «Levanta-te e caminha!» Só as paredes lhe responderam com um eco que parecia uma troça; o cadáver continuou frio. Desorientado, perdido, deixou-se cair por terra e assim ficou. Finalmente, a angústia pô-lo de pé e expulsou-o para a montanha.

Rápidas, as nuvens passavam e encobriam a Lua. A paisagem ora estava mergulhada em trevas, ora surgia ao luar, afogada em brumas. Lenz corria, subindo, descendo. Ressoava no seu peito o canto triunfal do Inferno. O vento rugia como a voz dos titãs. Sentia-se capaz de brandir contra o céu um punho imenso, de arrancar Deus das alturas, de laminá-lo entre as nuvens, de morder o universo até o esmigalhar e cuspir na face do Criador. Gritava improperios, blasfemava, e assim chegou ao cume da cordilheira, de onde uma luz incerta se espalhava sobre a massa lívida da rocha, até ao fundo dos vales, revelando por cima dos penhascos um céu como um olho azul, estúpido, e uma lua idiota, absolutamente ridícula. As gargalhadas sufocavam Lenz, não conseguia parar de rir-se, e naqueles instantes o ateísmo enraizou-se nele, tranqüila e firmemente, para sempre. Já não se lembrava da violenta emoção que sentira há pouco; só sabia que estava gelado. Agora, a sua ideia era deitar-se; glacial, inabalável, pôs-se a caminho através das trevas inquietantes... tudo lhe parecia vazio, sem sentido. A perspectiva da cama próxima deu-lhe forças para correr.

No dia seguinte, a lembrança do seu estado da véspera aterrorizou-o. Abriu-se-lhe um abismo aos pés e uma atracção demente obrigava-o a olhar para o fundo, renovando o seu tormento a cada instante. A angústia exasperou-se-lhe nas entranhas: o que via à sua frente era o pecado contra o Espírito Santo.

Pouco tempo depois, Oberlin voltou da Suíça, mais cedo do que o previsto. Lenz inquietou-se com isso, mas serenou quando o pastor lhe falou dos amigos da Alsácia. Enquanto conversavam, Oberlin desfazia as malas, arrumava as coisas, ia e vinha. Falava de Pfeffel, louvava a vida feliz dos clérigos de aldeia. Exortava Lenz a cumprir a vontade do pai, a viver de acordo com a sua vocação e a regressar a casa. Disse-lhe: «Honra teu pai e tua mãe» e outras coisas do mesmo género. Esta conversa perturbou Lenz, lançou-o numa viva agitação; com os olhos marejados de lágrimas, entre profundos suspiros, pronunciava palavras entrecortadas: «Não irei aguentar. Quereis expulsar-me daqui? Só em vós está o caminho que conduz a Deus. Ai de mim, que estou perdido! Caido e condenado pelos séculos dos séculos, como o Judeu Errante». Oberlin disse-lhe que Jesus morrera por causa dos nossos pecados; que devia voltar-se para Ele com fervor para poder partilhar da sua Graça.

Lenz levantou a cabeça e murmurou, num tom alheado: «Ah, sim, a consolação divina...» Depois, num jeito subitamente amargo, perguntou que fazia a mulher que amava. Oberlin respondeu que não sabia de nada, mas que estava pronto a ajudá-lo e a aconselhá-lo, desde que ele o informasse sobre o lugar, a pessoa e as circunstâncias. A réplica de Lenz foi incoerente: «Estará morta? Meu anjo! Amava-me, eu amava-a, era digna disso... Maldito ciúme! Sacrifiquei-a! Oh, minha que-

(Continua na pag. 8)

Acabados de chegar

■ Memórias do Marquês de Fronteira e D'Alorna, ed IN/CM

Na Biblioteca de Autores Portugueses da Imprensa Nacional-Casa da Moeda foram agora reeditados os seus volumes das «Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna». D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, por ele próprio ditadas no ano de 1861, e que Ernesto de Campos de Andrade reviu e coordenou para a edição da «Imprensa da Universidade» de Coimbra, em 1926. Reedição necessária e importante. As «Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna» traçam um quadro de um grande interesse e de uma grande riqueza informativa da vida política e social portuguesa da primeira metade do séc. XIX.

O Marquês de Fronteira e de Alorna, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, nasceu a 4 de Janeiro de 1802, no seu Palácio de S. Domingos de Benfica,

e nele faleceu no dia 19 de Fevereiro de 1881. Casado com D. Maria Constança da Câmara, esta senhora faleceu no mês de Setembro de 1860. No ano seguinte, 1861, iniciou o Marquês a tarefa de ditar as suas memórias. Concluiu-as em Outubro de 1863. Estão ordenadas em 6 partes e nesta edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda constituem 3 volumes que, no conjunto, têm cerca de 1250 páginas de texto e índices.

O texto ditado pelo Marquês da Fronteira tem início no ano de 1802 — o ano do seu nascimento —, e termina em 1853, ano do falecimento da rainha D. Maria II.

O compilador das «Memórias», Ernesto de Campos de Andrade, escreve sobre D. José Trazimundo e a sua obra: «Religioso», sem ser fanático; aristocrata, sem os falsos preconceitos da carta; liberal, mas sem exageros (e talvez para isso tenha concorrido a in-

fluência do seu predilecto mestre, o abade de Medrões, além da atroz perseguição movida a seus maiores pelo Governo absoluto, como ele declara); inteligente, espirituoso é, por vezes, mordaz; amigo devotado da sua Pátria e dedicadíssimo dos seus, a quem estremece; consegue o Marquês interessar e prender cada vez mais, de página para página, através das suas «Memórias», que abrangem uma das épocas mais agitadas e ainda pouco esclarecidas da História de Portugal. Tanto bastaria para as valorizar.» E, acrescentamos, para justificar a reimpressão das edições de 1928 (Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Partes) e de 1929 (Quinta e Sexta Partes) da Imprensa da Universidade de Coimbra, com cuidada apresentação gráfica.

Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1986.



■ Aristóteles, Poética

Deve-se a Eudoro de Sousa, uma primeira edição de uma versão portuguesa da clássica «Poética» de Aristóteles. Para ela escrever uma longa introdução, ordenada em três capítulos — «História e Crítica Literária em Aristóteles. A Poética e os Escritos Congéneres»; «A Origem da Tragédia»; «A Essência da Tragédia» — que nos oferece 90 páginas densas sobre a obra e o autor. Tradução, comentário e apêndices representam um trabalho de erudição e de crítica que preencheu uma lacuna no nosso conhecimento da cultura grega. No prefácio da 1.ª edição, escreveu Eudoro de Sousa: «Facilitar, tanto quanto possível, a directa reflexão sobre o original grego da Poética — eis a obra que quiséramos realizar. A obscuridade da versão mais próxima do texto autêntico e a distância deste à versão mais clara não-de-assinalar por vezes a deficiência do trabalho e a falência do esforço. Mas quem se propunha vencer esta distância e dissipar aquela obscuridade, bem

avaliará a grandeza dos obstáculos que se nos depararam num caminho tanto tempo percorrido, embora tão curto fosse. / Vestido o tratado de Aristóteles no idioma pátrio, dir-se-ia, pois, que cumprida estava a tarefa de reatar, pelo menos neste ponto, o fio da tradição clássica, um Portugal entrecortado pelas inumeráveis instâncias de uma cultura demasiadamente pragmatista. / E, na realidade, bom ou mau que seja o resultado obtido, a segunda intenção que nos moveu foi esta: que a **Arte Poética**, outrora lida e relida entre nós, no texto grego original ou nas famosas paráfrases latinas e italianas do Renascimento, como códice da mais perfeita técnica da epopeia e da tragédia, voltasse agora a ser lida e relida, em texto português, como a grande obra da ciência e de erudição que na verdade é.

A reedição corresponde ao voto de Eudoro de Sousa.

Colecção «Estudos Gerais — Série Universitária. Clássicos da Filosofia». Edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1986.

LENZ



G. Böhmer.

Continuação da pág. 7

rida mãe, que também me adorava... Sou um assassino, matei ambas! Oberlin, retorquiu que talvez essas pessoas ainda vissem, que talvez fossem felizes. Não importava: se Lenz voltasse os seus pensamentos para Deus, se lhe consagrasse as suas lágrimas e orações, ele certamente haveria de conceder a esses entes queridos tantos favores que o bem que lhes fizesse excederia largamente o mal que já lhes tivesse causado. Lenz acalmou-se gradualmente e voltou à sua pintura.

À tarde, reapareceu. Trazia sobre o ombro esquerdo uma pele de raposa e, nas mãos, um feixe de vergas que lhe tinham pedido para entregar a Oberlin juntamente com uma carta. Lenz estendeu as vergas ao pastor e pediu que lhe batesse com elas.

Oberlin arrancou-lhas das mãos e cobriu-lhe a boca de beijos, dizendo que era aquele o castigo que merecia: «Acalme-se, reconcilie-se com Deus; todos os golpes e pancadas do mundo não bastam para apagar um só dos nossos pecados. Foi Jesus que tomou isso a seu cargo: é a Ele que deve dirigir-se». Lenz virou-lhe as costas.

(No próximo número, último episódio)

O Vazio Pavoroso

Versão de Ernesto Sampaio

Nascimento da Imprensa judia

No número de estreia do primeiro jornal judeu de Amsterdam, em Agosto de 1686: três ricos portugueses condenados à fogueira pelo tribunal da Inquisição

Há trezentos anos, datado de 3 de Agosto de 1686, aparecia em Amsterdão, em língua «yiddish», o *Dinshagishi un freitagishi Kuranten*, «Correio das notícias de terça a sexta-feira». O primeiro número tem quatro páginas e é impresso em caracteres hebraicos, os mesmos que Rachi tinha utilizado para os seus comentários dos textos sagrados. Coisa curiosa, Moche Bar Avraham Avinu, redactor e impressor do *Kuranten*, nascido em Nikolsburg, na Alemanha, não é judeu de nascimento.

A vida dos judeus nos Países-Baixos, e a vida das comunidades instaladas através do mundo, encontra um eco nestas colunas. Pode-se ler nelas, por exemplo: «Três ricos portugueses foram presos, por denúncia, pela Inquisição. São acusados de praticar secretamente a religião judaica. Prometeram-lhes salvar-lhes a vida se eles renegassem a sua fé, mas os três homens responderam: nascemos judeus e judeus morreremos. Arderam na fogueira...» A notícia acabava com uma curta oração: «Que Deus, juiz supremo, leve em conta este sangue judeu inocente...» De Roma esta outra informação: «foi ordenado a todos os judeus de Roma que permaneçam fechados em suas casas por causa das ameaças por parte da plebe». De Viena: «Informam-nos de que uma grande soma de dinheiro foi colectada entre os judeus da cidade para se pagar o resgate dos judeus feitos prisioneiros de guerra pelos exércitos turcos. Assim puderam ser libertados quatrocentos dos nossos irmãos».

Alguns meses mais tarde, *Kuranten* suprimiu a edição de terça-feira que se vende mal, para desenvolver a das sextas-feiras. O primeiro jornal «yiddish» acaba, porém, por não sobreviver senão um ano e meio, até 1687.

Os primeiros anos do século XVIII não são propícios ao desenvolvimento da imprensa «yiddish». O *Haskala* — período das Luzes — que alumia o judaísmo europeu não brilha sobre todas as componentes da vida judia. Para os maskilim, defensores da *Haskala*, o «yiddish» não é uma língua, e sim um calão plebeu cujo desenvolvimento não deve ser encorajado. A única língua judia é o hebreu e os seus defensores querem conservá-lo na pu-

reza da sua forma bíblica. Nenhuma palavra imposta pela actualidade pode ou deve ser acrescentada à língua estrita da Bíblia. Para muitos, a língua da *Haskala*, a *melitza*, é sentenciosa e aborrecida e está, pelo menos, longe da vida quotidiana das comunidades.

Pela Revolução Francesa

Depois de anos de silêncio, Amsterdão, onde tinha surgido em 1674 a *Gazeta*, antepassado da imprensa judia, vê aparecer *Diskarsen (Debates)*, que faz sua causa da Revolução Francesa. As suas colunas vibram com críticas contra os dirigentes conservadores da comunidade *ashkenase* de Amsterdão que se deixaram assimilar e abandonaram o «yiddish» em proveito do holandês. Pouco depois, os dirigentes da comunidade *sefardite* de Amsterdão intervieram na querela que dilacerava a comunidade *ashkenase* e obtêm do governo holandês, em 1813, a interdição do «yiddish».

O verdadeiro renascimento da imprensa «yiddish» tem lugar dez anos mais tarde, nessa Europa do Leste que iria tornar-se no centro da vida judaica.

O primeiro número do primeiro semanário «yiddish» traz a data de 3 de Dezembro de 1823. Publicado em Varsóvia, *Der Beobachter an der Weichell (O Observador do Vístula)* é redigido em «yiddish» e em polaco. Na sua primeira página, o texto de um decreto acabado de publicar pelo príncipe que representa o «tsar» de todas as rússias. Ele indica a forma nova dos livros de contas que todos os comerciantes devem respeitar.

O primeiro semanário inteiramente em «yiddish» surge em Lemberg (Lwów) em 1848, sob o título *Lemberger Jüdische Zeitung* (jornal judeu de Lemberg). Em hebreu, aparece *Hamelitz* (O Defensor), mas apenas em 1860, em Odessa.

Em Bucareste, alguns anos mais tarde, surge o primeiro diário em yiddish. No princípio do século, *Der Freind* (O amigo) aparece em Saint Petersburg, em 1903. *Der Freind* é o primeiro diário a surgir na Rússia. Em 1907, a sua redacção transfere-se para Varsóvia, onde a vida judaica conhece o florescimento mais notável desde a idade de ouro espanhola.

Apenas na cidade de Varsóvia apa-

recem, no início do século, seis diários em «yiddish» e dois jornais judeus em polaco. Todas as cidades polacas, todas as localidades da Rússia tsarista onde os judeus são autorizados a viver — Lodz, Vilno, Lublin, Bialistok, Grodno, etc. — têm o seu quotidiano.

Nessa época não existe na região família judia que não leia um jornal em «yiddish». Mas a crise económica e as medidas repressivas contra os judeus, a pobreza são de tal ordem que bom número delas deixam de poder pagar a assinatura. Como viver sem jornal? Impossível. E assim, pelas aldeias fora, há famílias que se associam para pagar uma assinatura.

Com mais de mil e setecentos títulos publicados em mais de cem cidades e aldeias, entre os quais trinta diários, a imprensa «yiddish» de entre-as-duas-guerras não se limita a difundir informações. Pouco a pouco, ela torna-se numa administração, num ministério da Cultura, uma tribuna política. É igualmente uma escola primária, uma faculdade, uma incubadora de ideias novas no domínio do social e do político. Combatendo diariamente a censura, os jornalistas judeus ensinam os seus leitores a ler nas entrelinhas ou a ocuparem as colunas em branco dos artigos proibidos.

Entre os principais méritos desta imprensa, a história do judaísmo retém o seu papel no desenvolvimento da literatura «yiddish». É nos suplementos literários dos diários que centenas de milhares de leitores descobrem as obras dos seus grandes escritores: I.L. Peretz, Mendele Mokher Sforim, Bialik, Shalom Asch ou Zalman Schenker, e os poemas de Leivick, Uri Zvi Grinberg ou Itzhik Manguer.

As colunas dos jornais em «yiddish» servem de tribuna aos combatentes que opunham «bundistas» e sionistas. É através dos seus artigos que se constituem os partidos políticos que ocupam hoje a cena política israelita.

Durante quarenta anos, a vida de três milhões de judeus polacos é ritmada por essa imprensa que continua a aparecer até aos primeiros dias de Setembro de 1939, quer dizer, até à invasão da Polónia pela Wehrmacht e ao bombardeamento de Varsóvia, cidade mártir.

Com os soldados dos exércitos ale-

mães chegam a Varsóvia equipas de técnicos da fábrica MAN, onde se fabricavam *linotypes* e rotativas. A primeira impressora que os técnicos da MAN «visitam» é a do diário «yiddish» *Der Moment*, no n.º 38 da Rua Nalewski. Em alguns dias, os «linotypes» e a sua grande máquina rotativa são desmontados e enviados para a Alemanha.

Sobreviventes

Os meses que se seguiram ao fim da guerra vêem regressar os «salvados» dos campos da morte. E com eles, reaparece a imprensa judaica. Na Polónia, os jornais judeus aparecem em Lodz em Abril de 1946. Algumas semanas mais tarde, é nas ruínas de Varsóvia que aparecem novos jornais judeus em «yiddish» e em polaco. Mas a ressurreição dura pouco. O «pogrom» de Kielce, em Julho de 1946, marca, e por muito tempo, a morte do judaísmo polaco.

No entanto, a imprensa «yiddish» continua a existir. Comparados com o florescimento de entre-duas-guerras, os títulos sobreviventes não são senão trágicos restos. Entre os seis milhões de judeus europeus vítimas do nazismo, três ou quatro milhões de leitores «yiddish» desapareceram.

Apesar do genocídio, a cultura «yiddish» retomou uma vida nova. Hoje, três quotidianos «yiddish» existem no mundo: o primeiro em Israel, o segundo, *Unzer Wort* (A nossa palavra) em Paris, e o terceiro em Buenos Aires. Três semanários publicam-se em Israel. Em Nova Iorque, o diário *Jewish Daily Forward* tornou-se semanal, mas continua a publicar a versão original de todos os escritos do Nobel Isaac Bashevis Singer. Também existem semanários em Joanesburgo, Melbourne e Rio de Janeiro.

Supportes de vida cultural e literária, dois mensários publicam-se igualmente em Israel. Um deles, *Di Goldene Keit* (A cadeia de Ouro) é dirigido pelo maior poeta judeu contemporâneo, Abraham Sutzkever. Nova Iorque conta igualmente dois mensários «yiddish», enquanto na União Soviética o *Sovietish Heimland* (A Pátria Soviética) é o sobrevivente da imprensa «yiddish» soviética. Não nos referimos a ele aqui porque a sua extraordinária expansão, logo após a revolução, e depois da sua liquidação trágica, pertencem a um capítulo diferente da história russa.

Léon Leneman